Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento, em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa*.

Paços do Govêrno da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

Diário do Govêrno, II Série, n.º 98, 28 de Abril de 1920.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

GONÇALO TRANCOSO

Antologia Portuguesa

VINTE VOLUMES PUBLICADOS,
A SABER:

SÉCULO XV: *Fernão Lopes,* três volumes.

SÉCULO XVI: *João de Barros,* um volume; *Trancoso,* um volume; *Camões Lírico,* um volume.

SÉCULO XVII: *Manuel Bernardes,* dois volumes; *Frei Luís de Sousa,* um volume; *João de Lucena,* dois volumes.

SÉCULO XIX: *Alexandre Herculano,* um volume; *Guerra Junqueiro,* um volume; *Eça de Queiroz,* dois volumes.

SÉCULO XX: *Augusto Gil,* um volume; *Antero de Figueiredo,* um volume.

SÉCULOS XIV A XX: *Paladinos da Linguagem,* três volumes.

No prelo ou em preparação adiantada encontram-se os volumes *Camões Lírico,* «*Arte de Furtar*», *Amador Arráiz, Afonso Lopes Vieira, Heitor Pinto,* além da continuação de *Barros, Frei Luís de Sousa* e *Herculano.*

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

TRANCOSO

«Histórias de proveito e exemplo»

SEGUNDA EDIÇÃO

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA
LIVRARIA CHARDRON
PORTO
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
1923

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

Composto e impresso na Tip. da Emprêsa do Diário de Notícias
Rua do Diário de Notícias, 78 — Lisboa

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

I

BIOGRAFIA

Pouco se sabe da vida de Gonçalo Fernandes Trancoso além do seguinte, que êle próprio diz de si, da sua família e de algumas desastrosas circunstâncias da sua vida, num prólogo-dedicatória à rainha D. Catarina, avó e tutora de el-rei D. Sebastião e regente do Reino desde 1557 a 1562:

«Ficando eu nesta cidade de Lisboa o ano de 1569, a tempo que por causa da peste (de que Deus nos guarde) quási todos os seus moradores a despovoavam, vi tantas cousas que provocam os ânimos a tristeza, que quem quisera escrevê-las tinha matéria para escrever um grande e mui lastimoso livro. Porque, da contagiosa enfermidade, havia cada dia feridos que sacramentar e grande multidão de mortos que enterrar, e a mui-

tos órfãos chorar... Neste tempo de tanto trabalho me tocou o Senhor, alcançando-me tanta parte, que perdi no terrestre naufrágio uma filha de vinte e quatro anos, que em amor e obras me era mãe; um filho estudante; um neto moço do côro da Sé. E para mais minha lástima, perdi a mulher, que por suas virtudes era de mim amada, o que foi causa de grande tristeza minha. Tanto que, ainda que conhecía vir-me (tôda esta desgraça) por meus pecados, da mão do Senhor, a carne, que é tão fraca, com a imaginação se ia cada dia metendo em tristes pensamentos, e tais, que me desinquietavam e provocavam a grande melancolia. Tanto, que temi que o imaginar nos trabalhos presentes me fôsse prejudicial ao corpo e alma... E com êste temor, por fugir daquelas tristezas, determinei prender a imaginação em ferros, e com ajuda de Deus Nosso Senhor pude tanto, que ao tempo que ela queria fazer chaminés de lamentações, a tirei delas e a pus a escrever *contos de aventuras, história de proveito e exemplo, com alguns ditos de pessoas prudentes e graves,* do qual esta é a *Primeira Parte*. E tendo-o de todo acabado, por ser já tempo de saúde e eu me achar desalivado (aliviado) das imaginações que foram causa de escrever, quisera contentar-me com isso e guardar o livro. Mas, vendo que ficava assim o proveito da obra para mim só, e entendendo que

nenhum bem é perfeito se não é comunicado, determinei imprimi-lo, por que todos gozassem dêstes contos, os quais, dando gòsto aos ouvintes, não carecem de lição. Mas, porêm, considerando como sempre, por nossos pecados, há entre nós murmuradores que, não tendo mãos para escrever, teem línguas para danar e dentes para roer; receando que por minhas faltas me espedaçassem a obra, pois sem elas espedaçam e aniquilam *obras de doutos varões*, perfeitas e boas: — buscando-lhe valhacouto firme, em que o livro estivesse seguro dêstes combates, achei que não há na Terra outro senão Vossa Alteza Real...»

*

* *

Vê-se desta transcrição que Gonçalo Trancoso estava em Lisboa no ano da *peste grande*; que esta lhe dizimou a família; que o autor dos *Contos e Histórias* se não considerava como *douto varão*; e que, para desanuvear o espírito, assombreado pela morte da espôsa, de dois filhos e de um neto, se meteu a escrever o livro que o tornou célebre.

Afora isto sabe-se, porque êle o dá a entender num dos seus contos, que morou na freguesia de S. Pedro de Alfama; sabe-se, por uma carta régia

de 15 de outubro de 1575, existente no Arquivo Nacional (Tôrre do Tombo, Chancelaria de D. Sebastião e de D. Henrique, L.º 11, fls. 170) e publicado por Sousa Viterbo na *Revista Lusitana*, vol. VII, p. 100, que êle ficou por fiador de um certo Francisco Lainez, em quantia de vinte cruzados, o qual Lainez, em virtude dessa fiança, devia ir sôlto servir um ano de degrêdo em África, e, adoecendo já embarcado, morreu pouco depois. Sabe-se em-fim, que além dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo,* Trancoso escreveu, e publicou em 1570 uma *Regra geral para aprender a tirar pela mão as festas mudáveis.* E nada mais se sabe da vida dêste homem, autor de uma das obras que mais edições tiveram e mais lidas foram em Portugal durante cêrca de dois séculos, a ponto de se tornar proverbial o seu nome em frases como esta de Frei Arsénio da Piedade: «Finalmente, para prova do que tem dito, conta dois casos, *que me parecem de Trancoso* (1).»

Ignora-se também onde nasceu Gonçalo Fernandes. BARBOSA MACHADO considera-o natural de

(1) *Reflexões apologéticas,* p. 54, citado por Braga, *Contos Trad. do Povo Port.,* II, Lisb. 1915, pág. XXV.

Trancoso, mas é possível, diz Sousa Viterbo, (1) que lhe passasse esta certidão de baptismo, baseado apenas no seu último apelido.

Sôbre a sua profissão, diz-nos o sr. T. Braga, que *as suas relações com a Rainha, extremamente severa,... por ventura autorizam a crer que Trancoso fôra mestre de latim no Paço.*

Barbosa Machado dá-o como *igualmente versado na lição da história profana. que na sciência da astronomia,* autorizando-se talvez para isto, diz Sousa Viterbo, no facto de êle ter composto e publicado a *Regra geral para aprender a tirar pela mão as festas mudáveis.*

Diz Inocêncio da Silva no seu *Dicionário* que dèle *consta* apenas ter sido natural da vila do seu apelido e que *exercera a profissão de Preceptor ou Mestre de humanidades.* Mas não diz como e donde consta isto, que aliás deve ter servido ao sr. T. Braga para por ventura se autorizar a crer que Trancoso fôra mestre de latim no Paço.

Sousa Viterbo, no artigo citado, opina:

«Eu tenho para mim que talvez fôsse mestre de meninos e que ensinasse as primeiras letras ou língua latina. Além disso professaria também a

(1) *Revista Lusitana*, vol. vii, p. 97, artigo sôbre *Materiaes para o estudo da paremiographia portuguesa.*

arte caligráfica. Esta minha hipótese é baseada em um dos seus contos, em que êle diz que uma dona lhe fôra pedir um alfabeto manuscrito para aprender a ler, e êle deu um, todo conceituoso.» (Encontra-se êste A B C a pág. 91 do presente volume).

*

* *

Como se vê, tudo isto são boatos sem fundamento plausível, ou meras conjecturas. E visto que de conjecturas se não passou ainda, pedimos licença para conjecturar também um pouco, em tão luzida companhia.

Na falta de outras fontes de informação, forçoso é que procuremos na própria obra de Trancoso, como fêz Sousa Viterbo e mais ou menos, de-certo, todos os outros conjecturantes, um indício da profissão de Trancoso.

Procedendo assim, e socorrendo-nos ainda do pouco que pode tirar-se dos documentos coevos existentes e já citados (*prólogo-dedicatória a D. Catarina* e *Carta Régia de 15 de outubro de 1575)*, encontramos o seguinte:

1.º Trancoso exclui-se expressamente do número dos *doutos varões* e mostra, na sua própria

maneira de escrever, uma educação literária de segunda ordem.

2.º Trancoso não deixa transpirar em todo o seu livro a menor preocupação de latinista, e até não faz, que nos lembre, qualquer citação em latim. Reminiscências clássicas não se vêem em tôda a matéria dos *Contos*, com uma única excepção, ao menos pelo que respeita à parte adiante transcrita: referência às *armas de Acteão,* que o leitor encontrará a pág. 241.

3.º Trancoso ficou por fiador dum degredado, que, em virtude da fiança, deveria gozar de liberdade relativa no seu degrêdo de África, e que morreu em Lisboa pouco depois de ter embarcado no Tejo.

4.º Trancoso mostra, na escolha dos assuntos, acentuada predilecção pelos casos de justiça e de tribunal, como se vê dos contos *Alma tabelioa, O filho deserdado, A letra do testamento, Os dois amigos, O avarento castigado, O fiel Sidónio.*

5.º Trancoso trata êsses assuntos com minúcia, precisão, propriedade nos termos, e até, visivelmente, com amor de verdadeiro profissional, comprazendo-se em citar os dizeres textuais das sentenças e dos testamentos, o que torna o seu livro de precioso ensinamento para os jurisconsultos que pretendam conhecer a tecnologia jurídica vernácula do século XVI, tanto mais que

as obras magistrais de Direito eram nessa época geralmente escritas em latim.

¿Não poderá concluir-se de tudo isto, embora conjecturalmente, que Trancoso exerceu qualquer profissão secundária na organização judicial do seu tempo? ¿Não será esta conjectura mais plausível, que a que atribui as funções de mestre de latim a um homem que não mostra no que escreve senão a ignorância da língua clássica?...

*

* *

Sabido que Trancoso perdeu em 1569, vitimada pela *Peste Grande*, uma filha de 24 anos, e fixando-se vinte e cinco anos antes, em 1544, a data do seu casamento, pode chegar-se por dedução aproximativa, a estabelecer que o autor dos *Contos de Proveito e Exemplo* nasceu no primeiro quartel do século XVI, por volta de 1515 ou 1520.

Quanto à data da sua morte, nada igualmente se sabe de positivo, a não ser que já era falecido em 1596, quando Simão Lopes fêz em Lisboa edição póstuma da *Terceira Parte* dos *Contos*, vigiada pelo filho do autor, António ou Afonso Fernandes Trancoso.

II

TRANCOSO E A CRÍTICA

As poucas pessoas que em Portugal e Espanha teem escrito sôbre Gonçalo Trancoso encaram-no em geral mais pelo lado etnográfico, *folklórico*, histórico-literário, do que pelo aspecto própria e estritamente literário da sua personalidade.

Dêsse reduzido número de trabalhos vamos transcrever em seguida os passos que mais poderão importar aos leitores duma publicação da índole da *Antologia Portuguesa*.

*

* *

Inocêncio Francisco da Silva, no tômo III, pág. 155 do seu *Dicionário Bibliográfico*:

«A frase (nos *Contos de Proveito e Exemplo*) é própria do século em que foi escrito (o livro) e merece por isso alguma estimação.»

• •

PROF. TEÓFILO BRAGA, no segundo volume dos *Contos Tradicionais do Povo Português*, Lisboa, 1915, pág. XXV:

«Foi no século XVI que o Conto recebeu a forma literária, dada por Gonçalo Fernandes Trancoso... A comprovação dum vasto campo de tradições populares explica-nos o aparecimento de Gonçalo Fernandes Trancoso, para o qual fomos o primeiro que chamou a atenção dos críticos europeus. A colecção de Trancoso compõe-se de vinte e nove contos (1) derivados em grande parte de fontes tradicionais, alguns de proveniência popular. Apesar de se acharem diluídos em divagações morais, que embaraçam as narrativas, e não obstante o estilo forçado, são importantes para alargarem a área dos estudos comparativos da Novelística.»

Mais abaixo, a pág. XXVII do mesmo livro:

«A colecção de Trancoso compõe-se de vinte e nove contos, derivados imediatamente da tradição popular na maior parte, outros de fontes eruditas, confundidos em difusos comentários católicos, e dificilmente narrados. Ainda assim os *Contos Proveitosos* são bastante importantes para o estudo comparativo.»

---

(1) Aliás trinta e oito, sendo dezanove na primeira parte, nove na segunda, e dez na terceira.

D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, na *Geschichte d. Port. Litt.*, publicada no *Grundriss* de Groeber, Estrasburgo, 1897, §§ 152 e 336:

«No tempo da grande peste de 1569 foram escritos os *Contos* e as Noveletas de G. F. Trancoso, que seguramente estava lembrado do procedimento de Boccacio — contos e noveletas sôbre temas que não são da sua inventiva individual, mas cuja redacção é sua, e não carece de elegância. Os assuntos proveem em grande parte das colecções italianas de Sacchetti, Straparola e Boccacio (p. ex., a história de *Griselda)*, em parte da tradição popular; e teem em regra tendência moralizadora...»

Sousa Viterbo, no artigo *Materiais para* o *estudo da paremiografia portuguesa,* publicado na *Revista Lusitana*, vol. VII, 1902, pág. 97 e ss.:

«O trabalho literário que mais generalizou o nome de Trancoso foi todavia a sua colecção de contos intitulada *Histórias de Proveito*, um dos livros que em Portugal mais vezes receberam o benefício da impressão; mas que, apesar disso, é hoje muito pouco vulgar... Trancoso, se não era poeta de fôlego, metrificava todavia razoàvelmente. Em cada uma das duas primeiras par-

tes da obra, em dedicatória ao leitor, há uma oitava em versos de arte maior. Num dos seus contos (Parte II, conto II) lê-se a seguinte cantiga:

Na Lusitânia nasci,
Ora vivo forasteiro,
Por tirar do cativeiro,
Quem me cativou a mi.

Eu sou quem, na Berberia,
Comprei a Garça Real;
Trouxe-a livre a Portugal
E perdi minha alegria.

E resultou-me daqui
Tormento grave, excessivo,
Porque tirei de cativo
Quem me cativou a mi.

Desci a tanta baixeza,
Porque pus meu coração
Na suma da perfeição
Que tem estado e alteza.

Perdi lembrança de mim,
Deixei de ser cavaleiro,
Por tirar do cativeiro
Quem me cativou a mim.

«Os *Contos* de Trancoso não passam muitas vezes de *casos* ou anedotas. Outros, de forma erudita, são mais extensos e traem a sua proveniência literária. Os contistas italianos é que foram os seus principais inspiradores, limitando-se talvez o nosso autor a traduzi-los literalmente. Raros serão os de orígem verdadeiramente popular, e os que se tenham depois infiltrado na tradição oral... Trancoso recorre constantemente ao sobrenatural, sem se importar com a verosimilhança. E' o Ponson du Terraíl do milagre. Todos os seus contos redundam em moralidades, terminam por uma pràticazinha devoto...»

Menendez y Pelayo, nas *Origenes de la Novela*, Madrid, 1907, tomo II, pág. LXXXVII e ss.:

«... Portugal, terra fertilissima de cuentos populares que la erudita diligencia de nuestros vecinos va recopilando, y no interamente desprovista de manifestaciones literárias de esto genero durante los tiempos médios, aunque ninguna de ellas alcance la importancia del *Calila e Sèndebar* castellanos, de las obras de D. Juan Manuel ó de los libros catalanes de Ramon Lull y Turmeda.

«El primer contista portuguès con fin y propó-

sito de tal es contemporáneo de Timoneda, pero publicó su colección después del *Patrañuelo.*»

«Trancoso adaptó al portugués varios cuentos italianos de Boccaccio, Bandello, Straparola y Giraldi Cínthio, pero lo que caracteriza su colección y la da más valor *folklórico* que á la de Timoneda es el haver acudido con frecuencia á la fuente de la tradición oral. La intención didáctica y moralizadora predomina en estos cuentos, y algunos pueden calificar-se de ejemplos piadosos... Otros enunciam sencillas lecciones de economia doméstica y de buenas costumbres, recomendando con especial encarecimento la honestidad y recato en las doncelas y la fidelidad conyugal, lo cual no deja de contrastar con la ligereza de los *novellieri* italianos, y aun de Timoneda, su imitador. El tono de la coleccíoncita portuguesa es constantemente grave y decoroso, y aun en esto revela sus afinidades con la genuina poesía popular, que nunca es immoral de caso pensado, aun que sea muchas veces libre y desnuda en la dicción».

Depois de consígnar que nem as suas *imitações ocasionais*, nem as moralidades impertinentes e frias que *abrumam los cuentos*, bastam para destruir o seu cunho *honradamente popular*, diz *Menendez y Pelayo* que, *no solo por la calidad de sus materiales, sinó por su estilo fácil, expres-*

sivo y gracioso, o livro de Trancoso *es singular en la literatura portuguesa del siglo XVI, donde aparece sin precedentes ni continuadores.*

E continua:

«Los eruditos pudieron desdeñarle; pero el pueblo siguió leyéndole com devoción hasta fines del siglo XVIII, en que todavia le cita un poeta tan culto y clásico como Filinto Elysio: «os *Contos de Trancoso*, do tempo de nossos avoengos.»

«El cuento literário medró muy poco em Portugal después de Trancoso. Si alguno se halla es meramente á título de ejemplo moral en libros ascéticos ó de matéria predicable, como el *Baculo pastoral de flores e exemplos* de Francisco Saraiva de Sousa (1657), el *Estimulo Pratico,* la *Nova Floresta...* y otras obras del P. Manuel Bernardes, ó en ciertas miscelanias eruditas del siglo XVIII, como la *Academia Universal de varia erudição* del P. Manuel Consciencia, y las *Horas de Recreio nas ferias de maiores estudos* del P. Juan Bautista de Castro (1770).»

PROF. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, no artigo *Um Trancosano ilustre (Século XVI)*, publicado em *A Fôlha de Trancoso*, n.º 1421, de 25 de janeiro de 1920:

«O valor dos *Contos* está em êles conterem muitos temas tradicionais, e em representarem na nossa literatura a novelística da época, pois se relacionam com obras italianas (*Decameron*, etc.), e talvez espanholas... Não são todavia contos e provérbios os únicos elementos que o livro de Trancoso ministra aos etnógrafos: nêles se encontram, aqui e além, outras notícias curiosas do século XVI, tais como a respeito de trajos, de arreios, de indústrias e profissões, e de costumes. Os *Contos* são juntamente de valor para o conhecimento do léxico. Vem a propósito dizer que tanto Teófilo Braga como Adolfo Coelho foram injustos na apreciação literária da obra de Gonçalo Fernandes. O primeiro, sempre perturbado nas suas críticas pela religião, que lhe paira diante dos olhos como um fantasma, diz que *a prosa é acanhada e de uma imaginação assombreada pelas macerações católicas* (sic), e que *o estilo é forçado*. O segundo, não mais feliz, neste caso, do que Teófilo, chama a Trancoso *assaz miserável narrador*, e acrescenta: «os seus fins moralizadores, obrigando-o a cada passo a comentários morais, fazem diminuir o interêsse dos seus contos.»... Sem dúvida há em Gonçalo Fernandes contos que são muito extensos, quer na parte narrativa, quer nos diálogos; e tôda a colecção superabunda de moralidade. O autor não tinha porém

outro intuito senão moralizar, e era êsse o gôsto da época e das seguintes, como o prova o existirem numerosas edições da obra, desde o século XVI até a segunda metade do XVIII; por outro lado não é Trancoso tão medíocre narrador como assevera Coelho, pois que dá freqüentemente elegância à narração, ajusta bem os diálogos, e tem arte de prender a atenção até o fim de cada conto. A longura dos diálogos e a falta de descritivo não devemos imputá-las a deficiências do autor; porque nos romances só mais recentemente os discursos compridos se substituíram por frases simples e naturais, e as situações se emolduraram em quadros, para melhor se compreenderem, e atravessarem vivas a imaginação de quem as lê...»

NOTA DA 2.ª EDIÇÃO:

Depois de vinda a lume a primeira edição desta *Antologia*, dois trabalhos, pelo menos, se publicaram na Imprensa, provocados por aquela, e em que se presta justiça ao esquecido novelista: um, do sr. JÚLIO BRANDÃO, pode ler-se a pág. 118 e ss. do seu livro de crítica intitulado *Poetas e Prosadores*, Braga-Pôrto, sem data; outro, do dr. JAIME DE MAGALHÃES LIMA constitui um dos capitulos do volume *A língua portuguesa e os seus mistérios*, Lisboa, 1923.

III

TRANCOSO COMO ESCRITOR

A única obra que se conhece de Trancoso, além dos *Contos de Proveito e Exemplo*, é a *Regra geral para aprender a tirar pela mão as festas mudáveis*, impressa em 1570.

Tem um grande valor para a crítica literária e filológica êste pequeno folheto de trinta fôlhas, por ser o único livro dos autor dos *Contos* de que hoje restam exemplares impressos em vida do autor e, portanto, presumivelmente revistos por êle.

De tantas edições que se fizeram dos *Contos de Proveito e Exemplo*, parecem inteiramente perdidas as mais antigas, e perdidas sem deixarem vestígio útil. Citam-se três anteriores à póstuma de 1596: a de 1575, que Deslandes (1) considera como a primeira, sem dizer onde existe e se a viu; a de 1585, de que o mesmo bibliógrafo diz ter vindo à

---

(1) *Documentos para a historia da typographia*, Lisb., 1888.

sua mão um exemplar, acrescentando: «É um volume de 8.º pequeno, em redondo, impresso com tipo gasto em mau papel, paginado de um só lado, com alguma pontuação e poucas abreviaturas, dividido em duas partes, com rosto e paginação separada»; finalmente, a de 1589, citada por Barbosa Machado.

Os impressores das três edições são respectivamente António Gonçalves (o impressor dos *Lusiadas)*, Marcos Borges e João Álvares.

¿Onde existem, se é que existem, exemplares destas três edições, que nenhum dos poucos eruditos que estudaram Trancoso parece ter visto?

Diz Sousa Viterbo que da edição já póstuma de 1596 existe um exemplar na Biblioteca Pública de Évora. Na Biblioteca Nacional de Lisboa vimos apenas dois, mas de edições posteriores: um da de 1624, por Jorge Rodrigues, e um da de 1722, por Filipe de Sousa Vilela. Não encontrámos a de 1710, que Sousa Viterbo dá como também existente na mesma Biblioteca. E os únicos exemplares que vimos, além daqueles dois, foram:

O da biblioteca da Academia das Sciências de Lisboa, edição de 1722, por Vilela; e outro com que também trabalhámos, que obsequiosamente nos foi emprestado pelo dr. José Leite de Vasconcelos, mas a que faltam as primeiras 34 páginas de texto e as próprias portadas do livro, tendo sido subs-

tituído tudo isto por fôlhas manuscritas por algum possuidor ou amador, que à edição marcou a data de 1744. Mas nem no rol de INOCÊNCIO, nem no que SOUSA VITERBO apresenta no seu artigo da *Revista Lusitana*, encontrámos referência a uma edição de 1744.

*

* *

A ajuïzar pelo exame e uso das quatro edições dos *Contos* que conseguimos ver, pode formular-se esta lei: *quanto mais recentes, mais erradas.* E, comparando, pelo que à correcção da prosa respeita, os quatro exemplares dos *Contos* por nós vistos, com o da *Regra geral* de 1570, provàvelmente revisto por Trancoso, chega-se à conclusão de que a escrita da *Regra* é muito mais correcta que a dos *Contos*.

Seria injusto responsabilizar os impressores e revisores dêste curioso livro por tôdas as incorrecções, deselegâncias e inferioridades que nêle pululam.

Não são da culpa dêles, certamente, repetições e dissonâncias desagradáveis, como:

«Onde, mendigando, foi preguntando pela pousada de seu amigo Fabrício, o qual pousava...» (Pág. 161).

Ou:

«Se de antes haviam estado naquele Senado espantado todos quantos alí estavam, agora com muita razão o estavam muito mais...» (Pág. 170)

Não pode também atribuir-se à impressão e revisão atabalhoadas o uso e abuso, rústico e grosseiro, de repetições descabidas, como as seguintes:

«As rocadas da roca» (pág. 6); «os que teem a cargo o cargo» (16); «desejo de o ver e achar» (27); «como e de que maneira» (37); fisionomia do rosto; (83); «a esta hora de agora» (88); «assim e da maneira que» (89); «isto nos avisa e diz que» (131); «nunca Deus queira nem o permita» (164); «o matador e homicida» (166 e 167); «abundante e muita caça» (180); «com muito gôsto e prazer» (197); «bracejando com os braços» (208); «em tão pobre traje e tão mal enroupado» (227); «cheio de cólera e ira» (233); «sempre e de contínuo» (248); «última e derradeira» (257); «para as necessidades da vida tudo é necessário» (269); «para sempre e sem fim» (272).

Mas os desprimores e rusticidades que bastas vezes desfeiam a prosa dos *Contos* são o inevitável reverso dum escritor que aliás se recomenda não só pela vernaculidade simples da época em

que floresceu, senão também pelo encanto da sua despretenção e pelo carácter popular das ingénuas narrativas que nos oferece.

Trancoso escreve por vezes deliciosamente e em alguns dos seus contos (veja-se, por exemplo, o que intitulámos *A donzela honesta e o duque justiceiro*) consegue não só prender-nos a atenção, como bem observou o Dr. José Leite de Vasconcelos, mas realizar com espontaneidade absoluta verdadeiras obras de arte literária, onde a simplicidade e o vigor se aliam com êxito perfeito.

Um dos encantos que se colhe da leitura dos *Contos* consiste, a nosso ver, na delicada cortesia do diálogo, sempre finamente palaciano, seja qual fôr a qualidade social dos interlocutores. E tôda a obra está cheia de expressões coloridas, vigorosas, ou elegantes na sua simplicidade, e às vezes na sua rudeza, como poderá ver-se dos seguintes exemplos:

«Á primeira face (pág. 32); o marido não tinha mesa nem cama sem arruído (54); a mais pobre e abatida mulher de serviço (107); como virtuosa permaneceu em tôda a limpeza (107); ao parecer dos olhos formosa (109); chegadas as horas de recolher a mesa (114); com carinhosas palavras a esforçaram (115); não podiam sofrer que

a menor irmã fôsse senhora das mais velhas (115); tirei por mim tão rijo (120); não tiveram bôca com que o negar (120); pôs-se-me em defesa (123); o pai que dissimula ou perdoa os erros dos filhos, êsse os mata (131); no último da vida (132); sisudo e vergonhoso em seus amores (159); saíu por uns montes desacompanhados de gente (162); um homem atravessado de muitas feridas (163); sôbre estas porfias viemos a tanta ruptura de palavras (171); como (Grisélia) era criada a tôdo o trabalho, não se achava em seu pensamento nenhum modo de deleite, antes um nobre e varonil coração, que publicava em defensa de sua honestidade (180); etc., etc.»

*

* *

O escritor que assim escreve (e que provávelmente, para maior honra sua, não passa dum escrivão que se promoveu a escritor, no único intuito de iludir a saudade dos parentes chegados que perdeu por ocasião da epidemia de 1569) tem direito a que não o consideremos responsável pelos erros crassos que pululam em edições da sua obra impressas depois que êle morreu, muitas delas feitas decerto à pressa, por industriais sem escrúpulos literários, atentos apenas

em servir a um público numeroso, e por isso tanto menos exigente, exemplares dum livro que foi durante séculos dos mais lidos e queridos, na nossa terra e na nossa língua.

Pensando assim, corrigimos e polimos, por honra do autor e para vantagem do leitor, muitas das imperfeições e erros em que topávamos ao organizar esta selecta. E se algum remorso nos punge, neste momento em que revemos e explicamos aquilo que fizemos, é o de não termos polido e corrigido ainda mais.

Bem sabemos que, tal como agora se apresenta ao público moderno, que mal saberá sequer que êle existiu, o bom e humilde Trancoso não poderá nunca ombrear com os Sousas, Vieiras, Lucenas, e outros *doutos varões*, artistas de primeira ordem, ao lado de quem vem enfileirar-se. Mas a sua mesma inferioridade relativa, que agora, como há três séculos e meio, se conhece e não se enfuna, é em si educativa e pode ser fecunda: por ela, em confronto com a superioridade dos mais doutos e cultos, se verá bem qual o tom e a qualidade do português que falava o povo, ou em que ao povo se falava.

Incluindo-o na *Antologia Portuguesa* — e com pena de não termos mais Trancosos para cá meter — note-se bem que não inculcamos Trancoso como professor de estilo, se é que entre a

palavra *professor* e a palavra *estilo* pode lançar-se a ponte da partícula *de*, sem termos o desgôsto imediato de ver essa engenharia a derruir-se logo depois de construída.

O estilo não se ensina, porque o estilo — o verdadeiro — ou está em nós ou está nos outros, mas não pode passar duns para os outros sem ridículo, tal qual a roupa alheia, que, mal se veste, logo na Praça se despe.

Não apresentamos, pois, como mestre de estilo o *primário* Trancoso, como aliás não temos proposto nem proporemos para tais os grandes estilistas Bernardes, Barros, Sousa, Lucena, Vieira, Arráis, Heitor Pinto, etc.

A êle e a todos apresentamo-los como bons professores de português; e nessa qualidade é Trancoso dos melhores, apesar de não ser artista como aqueles, porque é um bom e piedoso avô rústico, que conta histórias aos meninos. Ora os meninos aprenderam e aprenderão sempre melhor as línguas por meio de historietas, que gostam muito de ouvir, do que por artes de eruditas regras e doutos conselhos, que não conseguem furar-lhes os ouvidos.

Os meninos sois vós todos, Portugueses levianos que me ledes, se é que ledes. E tudo isto digo-o eu não tanto por vós, que afinal sois fáceis de ensinar quando topais com mestres

...

que sabem como se aprende, mas talvez mais para certos doutores de capêlo na erudição ou na literatura, que tudo julgam saber, e só não sabem ainda, nem saberão nunca, como é que se ensina.

*

* *

E' simples e ingénuo o catolicismo de Trancoso, e comovedora a expressão que por vezes lhe dá, como pode ver-se nos contos que intitulámos *O bispo esmoler* e *O filho deserdado*, onde o novelista expõe as doutrinas religiosas da esmola, da condenação do suicídio e da influência negativa do Demónio, pai da mentira, incapaz de fazer bem ao homem (Pág. 62 e 63).

Católica também, e lidimamente popular, se revela a sua cândida pedagogia, quando aconselha às mestras de meninas, a bem da castidade destas, que lhes dêem caramujos para meterem na bôca, e as encarreguem de procurar alfinetes pela rua, de modo que, com a bôca fechada e os olhos no chão, não falem nem olhem para os rapazes que as cruzam no caminho da aula para casa... (Pág. 75).

Uma das mostras do carácter popular de Trancoso está na sua mesma prolixidade incurável. Às vezes sabe e sente êle próprio muito bem que

se está teimosamente repetindo, mas não o pode evitar: como quando, no conto das *Irmãs envejosas*, a mulher que expôs na praia as três criancinhas filhas do rei, repisa a propósito de cada uma os mesmos pormenores, dizendo da terceira vez que *não pode, com a dor de alma, especificar já mais pelo miúdo isso, e o dirá em suma*. Mas, afinal, repete novamente tudo ou quási tudo, como faziam as avós e criadas velhas de outro tempo, ao contarem histórias à criança (Pág. 119).

São comuns aos melhores clássicos da época de Trancoso certas formas suas de construir o discurso, hoje consideradas como imperfeições desagradáveis. Tal é o caso da insistência em começar orações e períodos com a conjunção *e*; o emprêgo freqüente de pronomes relativos como ligações oracionais, etc., etc.

A arte de conduzir e individuar o diálogo, tornando-o independente do texto narrativo e comunicando-lhe naturalidade, estava ainda na primeira infância, quando Trancoso escreveu os seus *Contos*, e só alguns séculos mais tarde atingiu perfeição definitiva. Não admira, portanto, que no seu texto encontremos exemplos interessantes de mistura de observações do narrador ao discurso directo das personagens, como pode ver-se na história do *Filho deserdado*.

Muitas vezes, o que consideramos erros e de

selegâncias, por não se conformar às praxes da gramática e do estilo cultos, são factos da gramática e do estilo do povo, que teem também as suas leis e regras, tão respeitáveis e respeitadas como as nossas. Quando, por ex., Trancoso diz (pág. 67): *E logo ali houve quem os conhecesse que eram irmãos* — faremos de-certo bem em não aprender com êle a falar assim; mas faríamos muito mal, se o não ouvíssemos com deferência, porque a nossa própria gramática arrumada e pontinhenta é capaz de explicar e justificar sem grande custo aquela maneira de dizer.

*

* *

Moralista, educador e popular como é, abunda Trancoso naturalmente em adágios e frases sentenciosas. Não tendo espaço para prolongar êste capítulo de análise, vamos encerrá-lo com a transcrição de uma dúzia de sentenças ou provérbios encontrados no texto das *Histórias*:

— Ninguém arma laço, que não caia nêle.

— A quem tem muito dão-lhe mais.

— O sangue não se roga.

— O bem-ganhado se perde; mas o mal, êle e seu dono.

— O zombar não tem resposta.

— É manha de açougue que quem mal fala, mal ouve.

— De pequena zombaria nasce grande briga.

— Mulher honrada deve ser calada.

— O néscio calado por sábio é contado.

— O que Deus faz é por melhor.

— Perca-se a vida, e conserve-se a honra.

— Ao servo mau convém punição; e ao bom, bom galardão.

— O pai que dissimula ou perdoa os erros dos filhos, êsse os mata.

IV

TRANCOSO NA HISTÓRIA LITERÁRIA DAS ESPANHAS

Diz Manuel de Faria e Sousa, na *Europa Portuguesa*, t. III, parte IV, cap. 8.º, n.º 67, que foi êste o primeiro livro de novelas que saíu á luz em Espanha.

A pág. 195 do primeiro volume do *Cancioneiro e Romanceiro Geral (História da Poesia Popular Portuguesa*. Pôrto, 1867) declara o sr. Teófilo Braga *que não se pode aceitar* o que diz Manuel de Faria e Sousa, porque *muitos contos são tirados das colecções primitivas, e alguns até das mais conhecidas, como do* Decameron *de Boccacio.*

Tendo Boccacio morrido *em 1375*, e sendo o único concorrente de Trancoso, na glória de iniciador do género nas Espanhas, o espanhol Timoneda, que publicou *em 1566* o seu livro de novelas, intitulado *Patrañuelo*, não se entende que ligação possa haver entre a prioridade alegada por Faria e Sousa e as razões que o sr

TEÓFILO BRAGA apresentou, no lugar citado, para a contestar.

Mas em 1883 publicou o eruditíssimo profes sor os seus *Contos Tradicionais do povo Português*, que em 1914 tiveram *segunda edição ampliada*, onde se lê (pág. XXXVI) o seguinte:

A data *em que começou a escrever* os seus contos fixamo-la em 1544, segundo esta referência a uma armadilha de jôgo: «e êle levava consigo duzentos e vinte *reales de prata, que era isto o ano de 1544, que havia quási tudo reales*» (*Contos*, p. 153, ed. 1642). No conto XIII, da primeira parte, que versa sôbre o anexím do *real bem ganhado*, alude outra vez a esta moeda: «o qual, com muito contentamento, por ver que soube escolher, lhe deu um *real* em dois meios, *como ora costumam* (*Contos*, p. 46, ed. 1642). E também: «meteu *real e meio* na mão» (Ibid. p. 247). Estas referências fixam irrevogàvelmente a época em que Trancoso *escrevia.*»

Note-se que o sr. TEÓFILO BRAGA fala da data em que Trancoso *começou a escrever*, e se refere à época em que êle *escrevia* — o que é diferente de de *publicar* e *de sair com os* «Contos» *a luz*. No em-tanto, não quer MENENDEZ Y PELAYO (*Orígenes de la novela*, Madrid, 1907) deixar passar em julgado a conclusão do sr. TEÓFILO BRAGA:

«Con el deseo de exagerar la antiguedad de los *Contos e Hist. de Proc. e Ex.*, supone TEÓFILO BRAGA que Trancoso habia comenzado á escribirlos en 1544 *(Contos tradicionais do povo portuguès*, II, 19). Pero el texto que alega no confirma esta conjetura, puesto que en él habla Trancoso de dicho año como de tiempo passado: «e elle levava consigo duzentos e vinte reales de prata, *que era isto o ano de 1544, que havia quasi tudo reales*». Me parece evidente que Trancoso no se refiere aquí al año en que pasa la acciòn de su novela. Tampoco hay el menor indicio de que la Primera Parte se imprimiese suelta antes de 1575, en que apareció juntamente con la Segunda, reimprimiéndose ambas en 1585 y 1589. La tercera es de 1596. No cabe duda, pues, de la prioridad de Timoneda, cujas *Patrañas* estaban impresas desde 1566, tres años antes de la peste de Lisboa. No creo, sin embargo, que Trancoso las utilizase mucho. Las grandes semejanzas que el libro valenciano y el portugués tienen en la narracion de Griselda (1) quizá pueden explicarse por una lección italiana común, algo distinta de las de Boccaccio y Petrarca.»

(1) Veja-se adiante o conto *Grisélia, a espôsa obediente*.

*

* *

E' curioso observar que a MENENDEZ Y PELAYO escapou o melhor argumento de que podia socorrer-se para demonstrar que na referência ao ano de 1544 Trancoso tinha em mente a época em que a sua historieta se passara, e não aquela em que êle a escrevia. E vem a ser que, logo adiante do texto citado pelo sr. TEÓFILO BRAGA, diz Trancoso o seguinte:

«...quando fizeram conta do que o outro perdera, acharam menos os reales que êle levava, e cada um cuidava que os outros o tinham, sôbre o qual tiveram diferenças, e houve brados, a que acudiu um bom homem, QUE HOJE VIVE, e preguntando, etc.»

Esta frase *que hoje vive* mostra bem claramente que o ano de 1544 ia longe do *hoje* em que Trancoso escrevia. E isto parece bastar para que se fixe uns vinte e tantos anos depois de 1544 a data em que o autor dos *Contos de Proveito e Exemplo* iniciou a escritura do seu livro, fazendo-se coincidir a data dêsse acontecimento com a da *Peste grande* de 1569.

Conforma-se esta presunção com a notícia que

dá Afonso Fernandes, filho de Gonçalo Trancoso, na edição póstuma de 1585, dizendo que seu pai acabara *em Abril de 1570* a primeira parte dos *Contos*; e harmoniza-se perfeitamente com o que diz o próprio Gonçalo no prólogo dedicatória à rainha D. Catarina, acima transcrito, e onde, depois de contar as devastações causadas pela peste na sua família, o pobre homem declara que, *por fugir daquelas tristezas* SE PÔS *a escrever contos de aventuras, etc.*

¿Conheceu e leu Trancoso, antes de começar a escrever os seus *Contos*, as *Patrañas* de Timoneda? ¿Inspirou-se por ventura no livro dêste, ao empreender o seu? Com os elementos de que dispõe ainda hoje a erudição, nem MENENDEZ Y PELAYO o podia afirmar, nem o sr. TEÓFILO BRAGA pode negá-lo convincentemente.

Vinha de Itália a onda de renovação literária e obedecia à natureza física, passando primeiro por Espanha antes de atingir Portugal. E', pois, muito provável, por muito natural, que Timoneda precedesse Trancoso; mas ninguém pode afiançar que os dois não sejam absolutamente independentes um do outro; ou que êste não existiria, se aquele não tivesse existido.

V

AS FONTES DO LIVRO DE TRANCOSO

Além do que fica dito ou transcrito anteriormente, nos caps. II e IV desta *Introdução*, mencione-se que o erudito historiador da novelística peninsular, Menendez y Pelayo, entende que Trancoso recebeu os seus assuntos, pelo que respeita aos contos pròpriamente ditos e às narrações mais extensas, *quási sempre da tradição oral e não de textos literários*, donde resulta que as suas versões *merecem singular aprêço*.

A origem popular dos *Contos* mostra-se, segundo Pelayo, nos refréns e estribilhos que lhes servem de modêlo ou de conclusão, como: *a môça virtuosa, Deus a esposa*.

Não crê o mesmo crítico que Trancoso tivesse conhecimento da obra de D. João Manuel *El Conde Lucanor*, publicada na edição de Argote no mesmo ano em que saíu a primeira parte dos *Contos*. Mas acha que em ambos os livros é quási idêntico o exemplo moral que serve para provar a máxima piedosa *o que Deus faz é por melhor* (V. pág. 95 dêste volume).

Relativamente ao conto da *Baixela quebrada*, que o leitor encontrará adiante, a pág. 23, diz Menendez y Pelayo que êste tema já vem nos *Apotegmas* de Plutarco; e acrescenta que Trancoso deve ter manejado a *Floresta Española*, de Melchior de Santa Cruz, a ajuizar pela identidade quási literal de ambos os textos em algumas anedotas e ditos de personagens castelhanas.

Entre os *Contos* em que deve admitir-se imitação literária cita Pelayo *Os dois amigos* (pág. 149) e *Grisélia, a esposa obediente* (pág. 177), que supõe trasladados de Boccacio. De Geraldo Cíntio, contista italiano do séc. XIV, terá sido tirada a história que intitulámos *O fiel Sidónio* (pág. 235), lenda em que Lope de Vega baseou a sua comédia *El Piadoso Veneciano*. O apólogo do cobiçoso e envejoso, que se encontra a pág. 17 desta selecta, entende o erudito espanhol, seguindo a toada do primeiro que se lembrou de considerar Trancoso mestre de latim, que deve ter sido tirado do fabulário latino de Aviano. E conclui dizendo que, com isto, tem apontado quási tudo o que Trancoso colheu, nas suas não muitas nem muito variadas leituras.

Em Geraldo Cintio, em Timoneda e em outros encontra-se a história do *achado da bòlsa* (veja-se

O avarento castigado, pág. 225). Mas a versão de Trancoso parece a MENENDEZ E PELAYO independente e popular, assim como a do *Filho deserdado*, que damos a pág. 49, e que pertence ao vastíssimo ciclo das ficções do *Justo juiz*, miudamente estudado por Benfey e Köhler, por comparação de versões germânicas, russas, índias e tibetanas. Raízes profundas no subsolo misterioso da tradição primitiva teem-nas igualmente os contos de *O real bem ganhado* (pág. 27), e o das *Irmãs envejosas* (pág. 101), de que há paradigmas inumeráveis na literatura oral de todos os países e que se liga às lendas de *Lohengrin*.

Passando, neste resumo do estudo das fontes de Trancoso, do livro de MENENDEZ Y PELAYO *(Origenes de la Novela)* ao do sr. TEÓFILO BRAGA *(Contos tradicionais do Povo Português)*, vejamos o que diz o insigne historiador da literatura portuguesa, a respeito de alguns dos contos adiante insertos:

A filha desobediente (pág. 3 do presente volume), é a anedota popular intitulada *Daquelas sete ao dia*, a que Trancoso deu forma literária. Numa versão minhota prepara a rapariga uma

tijela, não de papas, mas de sôpas de vinho; e diz ao pretendente recém-chegado:

Olha que eu destas
Despejo sete ao dia...

Ao que o rapaz retruca:

¡Será da sua cuba,
Que não da minha!

E vai-se embora.

No tempo em que os pobres se alegravam com pouco (pág. 21).— O sr. T. Braga, que ainda ouviu no Pôrto a frase *minha mãe, caçotes,* considera o tema do conto como variante tradicional do da *bilha de azeite.*

Alma tabelioa (pág. 45).— Encontra-se no *Conde Lucanor*, de D. João Manuel, uma situação análoga.

As três preguntas do rei (pág. 77).— E' a versão literária do conto popular de *Frei João sem cuidados*, cuja forma mais antiga se encontra nas novelas de Franco Saccheti, contemporâneo de Dante, e que aparece também no *Patrañuelo* de Timoneda.

A letra do testamento (pág. 131).— Aparece o mesmo conto na colecção italiana *Il novellino.* Passou a adaptar-se aos Jesuítas e atribui-se a diferentes personagens históricas.

Grisélis, a espòsa obediente (pág. 177).— Diz o sr. T. Braga, a pág. XXXV, do 2.º vol. dos *Contos Tradicionais*, ed. 1915, que o conto de *Grisélidis,* foi traduzido por Timoneda *da redacção portuguesa de Trancoso;* mas, a pág. XL, opina que, *como a versão de Timoneda no* Patrañuelo *seria tomada de um folheto italiano, isto explica a sua analogia com a lição de Trancoso;* e a pág. 283 insere disjuntivamente a duas opiniões, dizendo: *ou Timoneda traduziu a sua versão da portuguesa de Trancoso, ou ambos os autores se serviram de uma lição comum.*

Quem quiser, escolha — que tem por onde...

*

* *

Para alguns dos contos adiante insertos não encontrámos, nem em Menendez y Pelayo, nem no sr. T. Braga, indicação das fontes onde Trancoso tenha ido buscar os respectivos assuntos.

São estes o do *Ermitão e o salteador* (pág. 1), onde se versa um apólogo de carácter religioso e

moral; *Perigos da zombaria* (pág. 9) e *Mulher honrada deve ser calada* (pág. 73), que não passam de duas anedotas; *O bispo esmoler* (pág. 13) e o *Português em Florença* (pág. 267), simples *casos*, sem qualquer riqueza de imaginação ou dispêndio de fantasia; *O barbeiro em cima do tesouro* (pág. 143) e *A donzela honesta e o duque justiceiro* (pág. 199).

Acêrca dêste último, diremos que nos parece literàriamente dos mais perfeitos e animados da collecção, embora não seja mais que um conto moral, ingènuamente romanesco. E com êsse, pelo menos, se a invenção é sua, desmente o autor dos *Contos* a observação depreciativa de MENENDEZ Y PELAYO: «Cuando Trancoso intenta novelar «*de propria minerva*, cae en lugares comunes y «se arrastra languidamente.»

VI

BIBLIOGRAFIA

Além dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo,* que em algumas edições aparecem com o título de *Historias Proveitosas*, só se conhece da autoria de Gonçalo Fernandes Trancoso uma outra obra, definida assim por Inocêncio, no tomo III, pág. 155, do seu *Dicionário:*

«*Regra geral para aprender a tirar pela mão as festas mudaveis, que vem no anno, a qual ainda q. he arte antiga, está per termos mui claros. Novamente escrita*, etc. Impressa em casa de Francisco Corrêa, 1570. 4.º de III-26 folhas numeradas na frente. Tem no rosto uma portada gravada em madeira. E' obra rara de que só vi um exemplar na Biblioteca Nacional.»

Lá o vimos também, e folheámos, muito bem conservado, parecendo-nos, como já dissemos acima, de grande valor para se comparar (pela sua correcção, e por ser o único exemplar conhecido

....

ou acessível, das obras de Trancoso, publicado em sua vida, e presumívelmente revisto por êle) com as incorrectíssimas edições dos *Contos* que até aqui puderam ser vistas por estudiosos e eruditos.

*

* *

Das várias edições dos *Contos* damos em seguida uma lista, socorrendo-nos dos subsídios bibliográficos fornecidos por Inocêncio no seu *Dicionário*, por Deslandes, nos *Documentos para a historia da typographia*, e por Sousa Viterbo, na *Revista Lusitana*, vol. 7.º, pág. 101 e 102:

I. — 1575. Impressa por António Gonçalves, o impressor dos *Lusiadas*. Compreende só as duas primeiras partes. Mencionada por Deslandes, que a considera *princeps*, mas não diz onde existe e se a viu.

II. — 1585, 4.º, Lisboa, por Marcos Borges. Duas partes. Feita à custa de Afonso Fernandes Trancoso, filho do Autor. Mencionada por Inocêncio e Deslandes. V. pág. XXVI desta *Introdução*.

III. — 1589; Lisboa, por João Álvares, 8.º Duas partes. Mencionada por Barbosa Machado e Inocêncio

IV. — 1596, Lisboa, por Simão Lopes. Mencionada por Inocêncio como *Terceira Parte* e por Sousa Viterbo, que a descreve no seu livro *Fr. Bartolomeu Ferreira, o primeiro censor dos Lusiadas*. Viterbo diz que nesta edição *veem coligidas as tr s partes* e que dela existe um exemplar na Biblioteca Pública de Évora.

V. — 1698, Lisboa, por António Álvares, 4.º, descrita por Inocêncio nos seguintes termos: «De 52, 58 e 68 folhas, numeradas na frente, havendo mais não sei quantas folhas preliminares de dedicatória, licenças, e um soneto de Luis Brochado em louvor da obra. E' esta sem dúvida muito mais correcta que a de 1722, como vi pela confrontação que de ambas fiz. Se o livro houver de reimprimir-se alguma vez, aconselharei aos que o intentarem que não se fiem nas últimas edições, e recorram às primeiras.» (*Dicionário*, tomo 9.º do *Supl.*, pág. 427.)

VI. — 1624, Lisboa, por Jorge Rodrigues, 4.º, Mencionado por Sousa Viterbo. Não vem descrita em Inocêncio. Existe na Biblioteca Nacional de Lisboa um exemplar em bem estado. Intitula-se *Primeira, Segunda e Terceira Parte dos Contos e Histo*

rias de Proveito & Exemplo, e tem o seguinte sub-título em verso:

Diversas Historia, (sic) & contos preciosos,
Que Gonçalo Fernandez Trancoso a juntou,
De cousas que ouvio, aprendeu, & notou,
Ditos & feytos, prudentes, graciosos.
Os quaes com exemplos bos, & virtuosos,
Ficão em partes muy bem esmaltados:
Prudente lector, lidos, & notados,
Creo achareis, que são proveitosos.

Esta mesma edição traz, a seguir às licenças, o seguinte

SONETO DE LUIS BROCHADO
EM LOUVOR DESTE LIVRO

Aqui veras lector, lendo adiante
Huma obra sotil, & delicada,
De exemplos & doctrina fabricada,
Por hum estillo grave, & elegante.

O Rey, o Cortesão, & o Galante,
Até a gente baixa, ou estimada,
Daqui podem tirar vida ordenada,
A qualquer bom estado importante.

Louvar o Auctor della não me cabe,
Porque será tirarlhe sua gloria,
Por tantos sapientes concedida

E pois o Lusytano vulgo o sabe,
Não quero aqui narrar sua memoria.
Pois tantos conheceram sua vida.

VII. — 1633, Lisboa, 8.º. Edição mencionada pelo bibliógrafo francês Diogo Brunet, e por Inocêncio, sem mais indicações.

VIII. — 1646, Lisboa, por António Álvares, 8.º Mencionada por Barbosa Machado e Inocêncio.

IX. — 1660, Coimbra, por Tomé Carvalho. Citada por Sousa Viterbo, que diz que dela existe um ex. na Biblioteca de Évora.

X. — 1671, Lisboa, por António Craesbeeck de Melo, 8.º. Mencionada por Inocêncio.

XI. — 1681, Lisboa, por Domingos Carneiro, 8.º. Mencionada por Barbosa e Inocêncio.

XII. — 1710, Lisboa, por Filipe de Sousa Vilela, 8.º, de 400 pág. adicionada com a *Policia e urbanidade cristã*. Mencionada por Inocêncio. Existem exs. na Bib. Nac. de Lisb. e na Bib. Púb. Municip. do Pôrto, diz Sousa Viterbo. Não conseguimos ver o ex. da Bib. de Lisboa.

XIII. — 1722, Lisboa, por Filipe de Sousa Vilela, 8.º de XVI-386 pág, Título: *Histórias Proveitosas: Primeira, segunda e terceira parte; que contem Contos de proveito e*

exemplo, para boa educação da vida humana. Leva no fim a Policia e urbanidade christã. Mencionada por Inocêncio, que dela possuía um exemplar, comprado por 480 réis. Vimo-la na Bibl. Nac. de Lisb. Sousa Viterbo diz haver ex. na Bibl. da Univ. de Coimbra.

XIV. — 1734, Lisboa, por Manuel Fernandes da Costa, 8.º de XVI-382 pág., e mais duas de licenças no fim. Mencionada por Inocêncio.

XV. — 1764. Mencionada por Sousa Viterbo, sem outra indicação senão a de que existem exs. nas Bibl. do Pôrto, da Ajuda, e de A. F. Thomy.

NOTA DA 2.ª EDIÇÃO:

Na sua *Crónica Literaria*, publicada em *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, n.º de 15 de Novembro de 1921, diz o ilustre crítico sr. João Ribeiro, a propósito da primeira edição desta *Antologia* de Trancoso: «Possuo entre os meus livros uma impressão do século XVIII, da oficina de Domingos Gonçalves, que não vejo indicada na lista das antigas reïmpressões.»

Outro eminente académico brasileiro, o sr. Afrânio Peixoto, comunica-nos, em carta de 9 de Agôsto de 1921, que na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro existe um exemplar da edição n.º XI da nossa lista, e um outro de edição que não vem mencionada nela: Oficina de Bernardo da Costa, Lisboa, 1719.

Aos dois escritores brasileiros agradecemos o favor destas valiosas indicações.

VII

A «ANTOLOGIA»

Damos na presente selecta vinte e três dos trinta e oito contos de que se compõe, no total, o livro de Trancoso.

Quer isto dizer que, tanto pelo que respeita ao número de páginas, como no tocante à série das historietas adiante compiladas, a «Antologia» de Trancoso representa dois terços da obra de que foi extraída, e serve bem para para dar ao público de hoje uma ideia suficiente a respeito de um escritor atraente pelos assuntos imaginativos que tratou, instrutivo pela língua popular em que escreveu, vernáculo como todos os da sua época, singular na nossa literatura de Quinhentos e Seiscentos pela sua qualidade de novelista com o intuito dominante de novelar, útil como educador moral, — e, por cima de tudo isto, quási inacessível ao leitor de agora, pela raridade e incorrecção desagradável das edições existentes do seu livro, outrora tão lido, apreciado e editado.

Quer isto dizer, também, que a apresentação dos *Contos de Proveito e Exemplo* aos Portugueses de 1921, muitos dos quais, e não dos menos cultos, nem sequer terão notícia da sua existência, equivale a pôr outra vez em pé o velho e sempre fresco ovo de Colombo. Sem por isso nos querermos gabar, sempre diremos que, dada a crescente deflagração da chamada *onda de preguiça* e o não menos crescente êxodo clandestino de galinhas nacionais para Espanha, por causa do ainda mais crescente envilecimento do nosso câmbio, cada vez parece encontrar-se em Portugal mais quem coma ovos, e menos quem os ponha — em pé, ou mesmo deitados.

Damos a seguir uma lista dos *Contos* não incluídos na presente colecção, conservando-lhes os titulos de Trancoso:

Primeira Parte:

Conto 3.º — *Que as donzelas obedientes, e devotas, e virtuosas, que por guardar sua honra se aventuram a perigo da vida, chamando por Deus, êle lhe acode. Trata de uma donzela tal, que é digno de ser lido.*

Conto 6.º — *Que em tôda a parceria se deve tratar verdade, porque o engano há se descobrir, e deixa envergonhado seu mestre. Trata de dous rendeiros.*

Conto 7.º — *Que aos Principes convém olhar seus Vassalos para lhes fazer mercê: e os despachadores sempre devem folgar disso, e não impedir o bom despacho das partes. Trata de um dito gravissimo de um Rei, que Deus tem.*

Conto 11.º — *Do que acontece a quem quebranta os mandamentos de seu pai, e o proveito que vem de dar esmola, e o dano que sucede aos ingratos. Trata de um velho, e seu filho.*

Conto 13.º — *De quais é bom tomar conselhos, como sabedores, e usar dêles. Trata de um mancebo que tomou três conselhos.*

SEGUNDA PARTE:

Conto 1.º — *Que trata quanto vale a boa sogra e como por indústria de uma sogra estere a nora bem casada com o filho que a aborrecia.*

Conto 2.º — *Que diz que honrar os santos e suas reliquias, e fazer-lhes grandes festas, é muito bom, e Deus e os Santos o pagam. Trata de um filho de um mercador, que com a ajuda de Deus e dos Santos veio a ser rei de Inglaterra.*

. . . . .

Conto 4.º — *Que diz que ninguém arma laço que não caia nêle. Trata de um que armou uma trampa, para tomar a outro, e caiu êle mesmo nela.*

Conto 5.º — *Que diz que a boa mulher é jóia que não tem preço, e é melhor para o homem que tôda a fazenda e saber do mundo, como se prova claro assim no discurso do conto.*

Conto 6.º — *Que não confie ninguém em si, que será bom porque já o tem prometido; mas andemos sôbre aviso, fugindo das tentações. Trata de uns ditos de um arrais muito confiado.*

Conto 9.º — *Que diz que nos conformemos com a vontade de Deus Nosso Senhor, e lhe demos louvor e graças por tudo o que faz. Trata de um dito do Marquês de Pliego, em tempo de el-rei D. Fernando de Castela.*

TERCEIRA PARTE:

Conto 1.º — *Que todos sejamos sujeitos à razão e por alteza de estado não ensoberbeçamos, nem por baixeza desesperemos. Trata de um Príncipe que por soberbo um seu vassalo pôs as mãos nêle; e o sucesso do caso é notável.*

Conto 2.º — *Que quem faz algum bem a outro não lho deve lançar em rosto, e que sempre se deve agradecer a quem nos pede, pois nos dá matéria de lembrança.*

Conto 8.º — *Em que se conta que, estando uma*

rainha muito perseguida, e cercada em seu reino, foi livrada por um cavalheiro, de quem ela em extremo era inimiga, e no fim veio a casar com ela.

*

* *

¿ Porque excluímos estes contos?

Em primeiro lugar, naturalmente, porque não cabiam todos na fôrma dos nossos volumes. Depois, como não cabiam todos, pusemos de lado, também naturalmente, alguns que achámos mais insípidos, e outros que nos pareceram mais apimentados. E assim, de acôrdo com o programa geral por nós estabelecido, organizámos um livro que serve aos estudantes ou amadores adultos das boas letras portuguesas, e que pode andar sem nenhum inconveniente, e antes com vantagem, nas mãos das crianças educadas com cuidado e recato moral.

Por amor e respeito destas, substituímos aqui e além eufemismos adoptados pelas boas-maneiras de hoje, às expressões francas e rudes com que o século XVI designava certos actos, dos mais naturais.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1921.

A. DE C

I

O ERMITÃO E O SALTEADOR

Em um ermo morava um virtuoso ermitão, ao qual se chegou um salteador dos caminhos, dizendo-lhe:

— Vós rogais a Deus por todos; rogai-lhe que me tire dêste mau ofício que trago, senão hei-de-vos matar.

E, indo-se dalí, tornava a fazer o mesmo que de antes. E outra vez tornava a vir ao frade, dizendo:

— ¿ Vós não quereis rogar a Deus por mim? Pois hei-vos de matar.

Tantas vezes fèz isto, que uma veio determinado para matar o padre, o qual lhe pediu e disse:

— Já que me queres matar, tiremos primeiro ambos uma laje que tenho sôbre minha sepultura. E, morto, lançar-me-hás dentro sem muito trabalho.

Êle o aceitou, e assim foram ambos a

erguer a laje. Porêm, como (1) o trabalhador trabalhava quanto podia por erguê-la, assim trabalhava o padre ermitão por que não se erguesse. E desta maneira ambos não faziam mudança (2) na laje.

Atentou o salteador no caso, e disse assim :

— E se vós não ajudais, ¿ como posso eu erguê-la ? Que ainda que eu quero, da minha parte, vós fazeis da vossa com que não aproveite o que faço...

Antes que passasse adiante, lhe disse o frade ermitão :

— Vês aí, irmão, o que te eu digo : ¿ Que me presta a mim rogar a Deus por ti, pedindo-lhe que te tire do pecado e mau ofício que trazes, se tu não te queres tirar, e estás mui de propósito perseverando nêle ?...

(*Parte Primeira, Conto I,* abreviado)

---

(1) = *assim como.*

(2) Na linguagem actual dir-se-ia : *nenhum dos dois fazia mudança,* etc.

II

A FILHA DESOBEDIENTE

UMA virtuosa dona de boa vida tinha uma filha de tão má inclinação, que não queria tomar os nobres conselhos da mãe, nem aprender seus louvados costumes; mas em tudo seguia seu próprio parecer, sem obediência de pessoa alguma, nem correcção de vizinha nem parenta, porque era preguiçosa, gulosa, andeja (1), muito faladeira, e de outras feias manhas.

A mãe, como mãe, desejosa de seu bem, e de lhe dar marido antes que aqueles vícios a levassem a torpe pecado, determinou dar a um mancebo tudo o que a pobre velha tinha, por que (2) casasse com a filha, tendo para si que o marido lhe faria fazer com castigo o que ela não podia com ensino, re-

---

(1) = *levantada, passeadeira.* «Comadre andeja, não vou a parte onde a não veja».

(2) = *para que.*

preensões e exemplos. E, concertada com êle no dote, quis o mancebo que não desse conta à môça, até que êle a fôsse ver o dia seguinte, seguindo o conselho do rifão que diz: *primeiro que cases, olha o que fazes.*

Foi (1) a velha contente, e disse que assim faria; porêm, por que a filha estivesse sôbre aviso e não caísse em alguma fraqueza a tal tempo, crendo que para casar tomaria seu conselho, lhe descobriu aquela noite tudo o que passava, dizendo-lhe:

— Filha: tôda tua vida seguiste tua opinião, sem querer entender meus conselhos; agora te rogo que êste dia me oiças e aceites o que te disser.

E com discretas palavras lhe amoestou que o dia seguinte não se erguesse dum lugar (2); que sempre estivesse calada, fiando, ou ao menos com a roca na cinta, para que, pois o futuro marido a queria ver, a achasse quieta e ocupada em virtuoso exercício, cousa que as môças sempre deviam de fazer; porque a inquietação, e ociosidade nelas, comummente as leva a mui perigosos

(1) = *ficou.*
(2) = *de um só, do mesmo lugar.*

pensamentos, contrários da virtude, boa fama e honesta vida.

E, para mais ajuda, ficou a velha aquele serão quási até meia noite, e pela manhã pôs-lhe à filha uma grande rocada na cinta, e deixou-lhe as maçarocas que fizera no regaço; fê-la assentar tal, que à vista dos olhos, a quem a não conhecera parecia uma diligente fiandeira, quási uma das parcas que fiam as vidas.

Porêm, como não era seu costume, tanto que a mãe desceu à porta (porque havia de esperar ali ao mancebo) a môça deixou a roca, e com diligência fêz lume, e nêle uma honesta (1) tigela de papas; e, porque (2) se esfriassem, prestes as lançou em cinco ou seis escudelas, e, soprando e fervendo, estava a pobre môça muito apressada por acabar sua obra antes de ser sentida.

A êste tempo chegou o mancebo à porta, e ainda que o viu a velha, e êle a ela, pelo que tinham concertado não se falaram; mas êle subiu manso, para ver em que se ocupava a que êle queria receber por mulher. E a velha o deixou ir, tendo para si acharia

(1) = *razoável, suficiente.*
(2) = *para que.*

a filha ao menos com a roca na cinta, como a deixara; mas, ainda que êle subiu dez ou doze degraus da escada, ela, de ocupada, não o sentiu, nem, pôsto que meteu a cabeça em casa, o não viu. Mas ela foi dêle muito bem vista e, notando o ofício (1) em que estava, disse entre si:

— Nunca nós faremos boa matalotagem (2) porque quem tanto e com tal pressa madruga a comer, pouco prol (3) deve fazer. Não é esta a que me arma... (4).

E, sem lhe falar, se desceu; e a velha, vendo-o vir prestes, lhe preguntou:

— ¿ Que vos parece, filho? ¡ Que cuidado de môça!...

E, querendo gabar-lha, porque imaginava que estaria fiando, e de mais com a roca cheia, lhe disse:

— ¿ Vistes a pressa que tinha, e a habilidade de suas mãos, e o que já tinha despachado? Pois eu vos prometo que, daquelas, enche e vaza sete no dia...

Querendo a velha dizer as rocadas da

(1) = *ocupação.*

(2) = *sociedade, companhia.*

(3) = *proveito.*

(4) = *a que me convém.*

roca; mas o mancebo, sem descobrir o que lhe vira fazer, respondeu:

— Senhora, não me arma (1); que se ela é tal, não a posso sustentar; e assim, esteja em vossa casa; e se as vazar e encher tantas vezes, sejam embora de vossa farinha...

E foi-se. A mãe, ouvindo isto, foi ver porque o dissera; e achou a filha como contámos, e disse-lhe:

— ¿Sem açúcar, filha¿ ! Espera, espera! Dar-te hei um pequeno... (2)

Com grande fúria, sem atentar o que fazia, que era grande pecado, tentada do demónio, tirou de uma boceta uma pouca de peçonha e pulverizou-lha por cima, o que a môça comeu, crendo que era açúcar, tão cega estava. Mas, antes de muito tempo, com o ardôr e angústias mortais, deu o espírito antes de dar fim à sua obra.

Êste conto se escreveu para exemplo das filhas, que sejam obedientes à mãe e virtuosas.

(Parte Primeira, Conto II).

---

(1) = *não me serve.*

(2) — ¿Um pequeno tempêro? Um pequeno auxílio? ¿Ou simplesmente *um bocado*?

III

PERIGOS DA ZOMBARIA

Neste Reino, em tempo del-rei D. João III que Deus tem, havia na Côrte um senhor, de titulo conde, nobre, virtuoso, muito aceito à pessoa de El-rei, e êle por si mui prudente e grave, que sempre teve cargos muito honrosos da Fazenda.

Era êste tão calado, amigo de sossêgo e quietação, que, nem zombando, queria ver a outros anojados. E muitas vezes, diante de El-rei e da Raínha, príncipe e infantes, em serão onde todos com muito gôsto riam e zombavam, e uns tiravam palha com outros, êle sempre estava calado e quiçá que por isto era notado de sotranção (1) e pesado.

Um dia de muita festa, porque o viam

---

1 = *homem metido consigo, de cara triste e sêrea.*

calado, outro senhor grande do Reino lhe disse:

— Senhor conde: pois todos estamos rindo e folgando, e é tempo de festa, aqui diante de El-rei nosso senhor, que leva disto gôsto — ¿porque Vossa Senhoria não zomba? (1)

Ao qual respondeu êle, mui inteiro (2):

— Senhor, não zombo, porque o zombar não tem resposta.

Foi êste dito então mui notado. Na hora que vos dispondes a zombar com um, vos dispondes a sofrer o que êle vos disser. E' manha de açougue que quem mal fala mal ouve, e ás vezes de pequena zombaria nasce grande briga.

*

* *

A propósito do dito grave que fica atrás, me lembra um caso que aconteceu na barca de Alcácer, vindo à feira de Beja.

Levando vento em pôpa, ia muita gente

(1) Note-se a colocação do sujeito.

(2) = *digno, decidido.*

sentada no bordo da barca; e da banda da vela estava um homem de Viana, quebrado, que tinha uma grande corcova nas costas. E, como sempre acontece, indo com bom tempo, pendia a barca um pouco à banda da vela; e no outro bordo estava um mancebo de Beja, que ia para sua casa, o qual, querendo zombar do corcovado, disse:

— Gentil-homem: virai o rosto para o mar, que com o pêso da corcova, que tendes para fora, fazeis pender a barca para lá.

O corcovado picou-se, e, levantando os olhos para êle, viu-lhe um grande nariz. Pareceu-lhe cristão-novo e, respondendo-lhe, disse:

— Mas virai vós o rosto para a outra banda, que o pêso do vosso nariz fará ir a barca direita. E não deixeis de o fazer com pavor da água, que já o Dilúvio passou, e o que há-de vir não há-de ser senão de fogo, de que Deus vos guarde...

Êste dito em resposta pareceu então a todos os que iam na barca tão agudo, que houve entre êles grande risada. E, assim, o que começou a zombaria sofreu a afronta e ficou injuriado; e depois, indo pelo cami-

nho (1) fêz outra pior: que, por se vingar desta, com outros saltou com o doente (2) e o espancou.

Pelo qual foi preso e houvera de ser castigado; mas sobrevieram-lhe umas febres na cadeia de Beja, de que morreu.

(Parte Primeira, Contos IV e V, abreviados)

---

(1) = *já em terra.*
(2) = *atacou o aleijado.*

IV

O BISPO ESMOLER

Na cidade de Toledo, um ano de muita esterilidade, aconteceu que o veador (1) do Arcebispo, mostrando-se muito seu servidor, veio a êle e lhe disse:

— Senhor, êste ano começa mui estéril, com grandes secas, e ameaça todos, e já não se acha trigo algum nas praças a vender, e pouco pão amassado para comprar. Vossa Senhoria tem em casa muita gente que manter, e alguma dela desnecessária, e que a (2) pode bem despedir, porque é escusada. Eu, como veador, desejoso do proveito de vossa fazenda, vendo que a mim

---

(1) = *vedor* ou *vèdor*, isto é: *o que vê* (inspector, mordomo, fiscal). *Veador* era própriamente o caçador ou monteiro, o homem que tratava da *veação*, da caça grossa do monte («*veado* ou *veada*, corço ou corça, ou qualquer outra *veação*»).

(2) Note-se o emprégo pleonástico do pronome *a*.

toca o cuidado de prover nisto, fiz um rol de todos os que estão em casa, ordenado em duas colunas: em uma pus os que servem, e Vossa Senhoria os há mester; e na outra os que não servem, e pode mandar despedir. Trago-lho aqui para que o veja.

E mostrou-lhe o rol muito bem escrito, e assaz curioso (1); e o Arcebispo o tomou, e o viu, e disse:

— Veador: êste cuidado foi sobejo, porque vos faço saber que êstes que me servem hão-de ficar em casa, porque eu os hei mester; e êstes que me não servem também ficarão, porque êles me hão mester a mim. E assim, uns e outros, fiquem todos, que Deus Nosso Senhor proverá; e em cousa de tirar ração ou esmola não me faleis mais, que não me deu Deus a renda para a guardar; antes vos mando que saibais pelas freguesias de tôda a cidade onde estão necessitados e pobres, e a todos se socorra, a cada um segundo sua qualidade e os filhos e família que tiver, dando-lhes de meu celeiro o trigo em abastança. Que comam; que, para êste ano, tal (2) o quero; e crede

(1) = *minucioso, bem ordenado.*
(2) = *assim.*

que aos que intenderem sôbre os pobres, socorrendo-os, no dia mau os livrará Nosso Senhor Jesus Cristo.

Êste veador, vendo que lhe não aceitou o Arcebispo o conselho que êle de muitos dias trazia estudado por bom, esperava por êle honras e mercês, (1) vendo-se repreendido, envergonhou-se tanto, que pouco a pouco, imaginando (2), caíu em doença, e não conheceu seu êrro: que o bom era fazer-se como o Arcebispo mandava. Saltou-lhe frenesi (3), cresceu-lhe tanto a enfermidade, que morreu dela fora de casa e do ofício.

Porêm o que lhe sucedeu no cargo de veador do Arcebispo sempre fêz com diligência buscar os pobres, e a todos socorreu em abastança, conforme a vontade do Senhor; e prouve a Deus que a esterilidade não foi tanto avante como se temia; mas Nosso Senhor proveu com bonança e bens temporais. Muitos da terra tiveram para si que a morte arrebatada (4) do veador lhe

(1) = e *pelo qual esperava honras*, etc.
(2) hoje diz-se *empreendendo, scismando*
(3) Delírio febril.
(4) = *repentina.*

sobreveio da invenção que buscava contra os necessitados; e que a fartura, e bom tempo, mandara Deus por orações, jejuns e esmolas do Arcebispo. O qual, a meu parecer, é grande exemplo para os Prelados, os quais devem ter tanto cuidado com seus súbditos em tempo de sua necessidade, para lhes acudir, como no tempo da bonança, para dêles se servir.

Os que teem a cargo o cargo de suas fazendas, não lhes pese do bem que fazem, porque (1) não venham a cair em sua desgraça e fora dos cargos morram com tristeza (2), como êste fêz. Porque, conforme o como cada um usar, segundo sua qualidade, acêrca dos pobres, assim receberá o galardão de Deus Nosso Senhor.

(*Parte Primeira, Conto VIII*).

(1) = *para que*

(2) Isto é: e *para que* fora dos cargos *não* morram com tristeza.

V

DOIS VIZINHOS ENVEJOSOS UM DO OUTRO

Viviam em um lugar pequeno dois homens que se queriam mal, e os vizinhos e seu Prelado haviam feito quanto nêles era pelos fazer amigos: os quais, ainda que em algum tempo se falavam, como o ódio era do coração, não durava nêles a amizade, feita por cumprir com quem lho rogava, ou lho mandava, que logo tornava como de primeiro.

Durou nêles êste ódio tanto, que, vindo por ali El-Rei, lhe deram conta disto alguns homens da terra, e El-Rei os mandou chamar a ambos perante si, e por êles e por outros inquiriu o melhor que pôde qual seria a causa; porque, sabida, atalhando-lhe os princípios se faria a paz. E achou que era pura enveja que cada um tinha dos bens e fazenda do outro, porque nisto eram quási iguais e abastadamente ricos; porêm cada

um desejava ver-se avantajado ao outro, ainda que fôsse à custa de por isso o ver destruído, e perdido de todo; e o mal que um queria a outro êste mesmo lhe queria o outro a êle.

El-Rei, desejoso de os contentar a ambos, fartando-os de fazendas, porque perdessem a enveja, lhes disse:

— Sêde amigos, e eu quero que seja à minha custa, e me aprazo de vos dar tudo o que souberdes pedir de meu Reino, que eu tenha. Com esta condição: que um de vós há-de pedir à sua vontade tudo o que êle quiser, com que fique contente, para não haver enveja do outro, e eu desde agora lho dou. Ao outro que não pedir, hei-de dar em dôbro sem míngua alguma.

Êles, à primeira face parecendo-lhes bem, o aceitaram e agradeceram, crendo cada um que ficaria avantajado ao outro; porêm quando caíram na conta que, ainda que um pedisse muito, haviam de dar dobrado ao outro, nenhum queria pedir, por não ficar menos que seu vizinho.

El-Rei, entendendo-os, mandou lançar sortes, e ao que coubesse pedir, pedisse por fôrça, dizendo-lhe:

— Tu queres mais do que souberes pe-

dir; pede à tua vontade, farta-te, e depois deixa-me dar a est'outro dois tantos, que tu não perdes nada nisso.

Um dêles não tinha paciência, e por derradeiro lançaram sortes, e aquele a que lhe coube pedir ficou por isso mui triste, e depois de bem imaginar no que pediria, veio ledo a El-Rei, e disse-lhe:

— Senhor, já sei o que hei-de pedir, e se mo deres, cumprindo tua palavra, ficarei contente, e amigo de meu vizinho, dando-lhe a èle o dôbro. El-Rei lho prometeu sem falta; èle se pôs de joelhos, e beijou-lhe a mão pela mercè, e logo lhe pediu:

— Dê-me Vossa Alteza um dêstes meus olhos aqui postos na minha mão!

El-Rei, maravilhado do que pedia, lhe disse:

— Jesus! ¿e porquè?

E o homem tornou a dizer:

— Porque, conforme a promessa de Vossa Alteza, se me tirarem um òlho a mim, hão de tirar dois olhos a èle; e assim, vendo-lhe eu èste dano, me contento, e quero que me arranquem um ôlho a mim, por lhe arrancar dois a èle.

Foi muito de espantar a crueldade dêste,

e ver o endurecido ódio que ambos se tinham. Queira Deus por sua bondade, e misericórdia, que não haja entre nós tal, sendo que todos em caridade nos amemos uns aos outros, por amor de Nosso-Senhor Jesus Cristo.

(Parte primeira, Conto IX, abreviado).

VI

NO TEMPO EM QUE OS POBRES SE ALEGRAVAM COM POUCO

Perto da cidade do Pôrto, onde chamam Paço de Sousa, havia um pobre homem que tinha seis crianças, entre filhos e filhas, de que alguns eram de dezasete ou dezoito anos, e de aí para baixo. E, tendo-os de redor de si um serão, sôbre ceia de broa e castanhas, derredor do lume, muito contentes, olhou para êles e viu-os tais que o melhor arroupado, se tinha camisa, não tinha pelote, e se pelote, sem mangas; e se mangas, sem fralda; e todos descalços, sem barretes nem coifas. Assim (1) que todos seis se cobriam com fato que para bem não bastava a um, e êsse muito velho e esfarrapado, que quási não prestava; e vendo-os tais, disse à mulher:

---

(1) = *de modo*

— Ouvis? lembre-vos amanhã (se Nosso Senhor quiser) que peçais (1) a minha comadre Briolanja de Paiva uma quarta de linhaça emprestada. Semeá-la hemos, e, com a ajuda de Deus, haveremos linho, de que façamos no verão caçotes (2) para êstes cachopos.

Os filhos, tanto que o ouviram, saltando no ar, com muito prazer, diziam uns aos outros, rindo:

— Ai! caçotes, mãe. Ai! caçotes!...

Tanto riram e folgaram, estando ainda nús, que o pai disse:

— ¡Eu dou ò demo a canalha, que, como se sentem vestidos, não há quem possa com êles!...

(*Parte Primeira, Conto X*).

---

(1) Lembre-vos que peçais = *lembrai-vos de pedir*.

(2) *Caçote* = saio antigo de pano grosso (Morais, *Dic.*)

VII

A BAIXELA QUEBRADA

Um Veneziano, mercador poderoso, fêz um presente a um príncipe, rei das Espanhas: deu-lhe, com outras cousas, uma baixela de vidro cristalino, dourado, de muitas e mui ricas peças, tão subtilmente lavradas, com tanta curiosidade e de tal feitio, que se não podia mais desejar.

Vista pelo príncipe, a estimou em muito, e, agradecendo-lha e pagando-lha bem, fêz que o servissem com ela nos dias da maior festa, menosprezando então outras baixelas de prata dourada e ricas peças de ouro, formosas e de grande preço.

Assim, aconteceu que, tendo o príncipe uma sumptuosa ceia com uns embaixadores de outros reinos, servindo-se com esta copa ou baixela, como costumava em tais tempos por maior grandeza, caíu um prato a um pagem que o levava, do que o príncipe to-

mou muito pesar e nojo. Porêm no mesmo instante disse:

— Não porque o nojo (1) dure, porque isto é vidro e como tal há-se de quebrar peça a peça, porèm por poupar o nojo que pode vir quando se quebrar outra: agora, com esta consideração, mando que se quebre tôda!

E assim se fèz, que se quebrou a baixela por poupar os nojos que daria adiante, quebrando-se por muitas vezes. E èle ficou fora de paixão, para concluir com gôsto o banquete em que estava.

Assim nós, pois, entendemos que a fazenda, filhos, privança (2) e honras da terra, não hão-de durar para sempre e são quebradiças como vidro. Quando se acabar qualquer cousa destas, façamos conta que são perecedoras e que por derradeiro hão-de ter fim. Não tomemos por cada uma mais nojo do que é razão; mas, conformes com Deus, por tudo lhe demos graças; porque êle, vendo nossa paciência nas adversida-

---

(1) = *pesar, desgôsto.*

(2) = *valimento, favor do soberano*

des, e que sabemos fazer bom rosto aos nojos e perdas que nos veem, nos dará graça com que aqui sofrâmos nossos trabalhos, em penitência de nossos pecados; e por ela e por sua misericórdia nos dará a Glória.

(Parte Primeira, Conto XII).

VIII

O RIAL BEM GANHADO

Vivia um virtuoso ermitão em um ermo, por servir a Deus, agasalhando-se em uma pobre ermida, em que dizia missa os dias que acudia gente que lhe pudesse ajudar a ela, porque êle estava só.

Aconteceu que um domingo, depois da missa, estando à porta da ermida, viu atravessar pelo campo um pobre lavrador carregado de rèdes e armilhas, que, a seu parecer, ia armar aos pássaros.

O ermitão chegou a êle, e lhe preguntou donde era e aonde ia. O qual respondeu:

—Sou de meia légua de onde estamos; entendi hoje, na Estação (1) que fêz o cura, que o Espírito Santo desceu ao mundo em figura de pomba; e eu, com desejo de o ver e achar, tomei estas rèdes emprestadas, e

(1) Prática que o pároco faz aos fregueses, de ordinário à Missa Grande (Morais, *Dic.*)

venho-as armar; e, se o posso haver nelas, lhe hei de pedir que haja misericórdia comigo, dando-me mantença para cada dia, que eu e minha mulher com pão e água da fonte nos contentamos; ou me administre em que possa trabalhar, para que o ganhe e não nos percamos à míngua, porque hoje não comemos, nem temos um ceitil, nem um pão que comer.

O bom ermitão, visto isto, levou aquele pobre à ermida e deu-lhe quási tôdas as ofertas que aquele dia havia recebido, que o sustentavam tôda a semana. Não temendo lhe faltaria a êle, mas vendo que Deus o proveria, lhe disse:

—Irmão, tomai isto, comei vós e vossa mulher; e se quiseres (1) dinheiro, eu vo-lo darei. Mas é necessário que me digais se quereis mais (2) um rial bem ganhado, ou cento mal ganhados.

O pobre homem tomou o pão e com alegria foi a sua casa, dizendo ao ermitão que haveria conselho com sua mulher qual era melhor, e tornaria a dizer-lho.

---

(1)=*quiserdes*. É freqüente nos quinhentistas e seiscentistas mais cultos a troca do Futuro do Conjuntivo pelo Infinitivo Pessoal.

(2)=*preferis* (quereis mais=*quereis antes*).

E, tornando a casa, comeram contentes e deram graças a Deus, que lho deparou. E, depois de fartos, lhes sobejou, que tiveram para alguns dias, que isto tem o dado de Deus: que farta e sobeja; e o dado do mundo nem sobeja nem farta, mas dá mais sède de adquirir e ajuntar um sôbre o outro, bem ou mal havido. Não há quem seja farto nem contente.

¡ O' miseráveis de nós, sapos da terra, que por derradeiro tudo cá há-de ficar! Tomemos exemplo nestes, que com êste pão, sem outros legumes nem iguarias, ficaram contentes.

E, depois de dar graças a Deus, houveram conselho qual tomaria, do que o ermitão lhe dava: se um rial bem ganhado, ou cento mal ganhados. E ainda que viram que um tão pouco é, e a muita vantagem que lhes fariam cento, quando punham de diante (1) que os cento haviam de ser mal ganhados, conhecendo que todos os rifões são quási sentenças, por amor (2) daquele que diz *o bem ganhado se perde, mas o mal*

(1)=*pensaram, reflectiam.*
(2)=*por causa.*

êle e seu dono — quiseram ambos, de um acôrdo, um rial bem ganhado, antes que cento mal ganhados.

E com isto tornou o pobre homem ao ermitão, a dizer-lho, para que lho desse.

O qual, com muito contentamento, por ver que soube escolher, lhe deu um rial em dois meios, como ora se costumam, dizendo-lhe:

—Êste é bem ganhado. Com êle vos fará Deus mercê.

E assim se tornou o lavrador para casa contente. Porêm no caminho, antes de chegar a ela, achou dois cachopos que, pegados um no outro em grande briga, andavam dando-se punhadas e cabeçadas, ensanguentadas as bôcas de sangue que lhes saía dos beiços e das gengivas, tão encarniçados em matar-se sem repousar, que era mágoa de ver.

E assim o pobre homem, quando os viu, havendo dó de os ver tratar de tal sorte no campo, aonde, se êle não passara, não podiam ser socorridos, desejoso de os meter em paz, com caridade se meteu no meio, a apartá-los, preguntando a causa da briga. E ainda que deixaram de se ferir, nem por isso nenhum queria desapegar-se do

outro; mas, estando assim pegados, disse um:

—¿Vêdes ali? naquele chão jaz aquela pederneira, que é para ferir lume. Eu a vi, e, querendo-a tomar, êste mo impede, e a quer êle tomar:

O outro respondeu:

— Não é assim; mas eu a vi primeiro, e quero-a tomar, e tu queres-mo tolher, e tomá-la para ti.

E esta era a causa por que se feriam.

O pobre homem, vendo que entre êles não havia maneira de paz, porque cada um queria a pedra, e ela não era tão grande que bastasse a partir e dar a ambos (porque seria como uma noz, a qual ainda seria para um pequena) e por (1) vê-los ambos em paz, lhes disse:

—Filhos: rogo-vos que cesse vossa briga. Tomai de mim êste rial que tenho; cada um leve seu meio rial. Deixai ora esta pedra, não seja o demo que vos queira fazer algum desmancho.

Os moços, visto o rial e o rôgo do bom

(1)=*para*.

homem, aceitaram a paz, e cada um tomou seu meio rial; e, deixando a pedra ao lavrador, se foram contentes. E êle a tomou, não por lhe parecer que teria valia, senão por testemunha que, quando dissesse que dera o rial por ela, fôsse crido; e assim a levou, parecendo-lhe todavia lustrosa e galante.

Ia para casa ledo; e, chegando, achou sua mulher à porta, que o esperava, desejosa de ver o rial bem ganhado, que o marido havia de trazer, já imaginando a parte que dêle daria domingo à Oferta (1), e o mais de que se compraria, que aproveitasse.

E nisto êle, que chega, mostrou-lhe a pedra que trazia, e disse-lhe o caso que acontecera, e como os dois moços se matavam sôbre ela, como já ouvistes. E a mulher, logo à primeira face, teve desgôsto por não ver com seus olhos o rial. Tomando a pedra da mão do marido, arremessando-a rijo para dentro de casa, disse:

—Ah! Que nem êste rial nos veio ter à mão! Louvado seja Deus, com tudo...

---

(1)=*de esmola aos Santos.*

E assim ficou um pouco agastada; porêm não lhe durou, que no mesmo instante, como era boa mulher, ainda que a pedra era tão pequena, que para ferir lume lhe pareceu que não prestava, havendo respeito (1) que o rial era gastado em obra de caridade, e em fazer paz entre dous filhos de vizinhos, mostrou levar disto gôsto e conformou-se com o marido, que o havia feito, dizendo-lhe:

—Todavia vós fizestes bem. Hajam os moços paz e saúde, que o rial Deus no-lo dará por outra parte.

Como com efeito deu; porque os pais dos moços, que os viram escalavrados e soubéram dêles a briga, e aonde, e sôbre que fôra, e quem fizera a paz, e como lhes dera um rial, que êles sabiam que o pobre homem não tinha de seu, ambos juntos lhe agradeceram muito e cada um dêles por si lho pagou com grande vantagem. E dali avante lhe faziam muitas honras conhecidas, que mostravam ser feitas pelo amor com que lhes tirou os filhos do arruído e peleja que tinham.

---

(1)=*tendo em conta.*

Por esta obra de caridade foi êste homem começando a ser estimado por bom homem, e de virtude; e entre os vizinhos lhe davam em que trabalhasse, de maneira que nunca mais teve a necessidade passada.

Notemos aqui que isto teem consigo as obras virtuosas: que, ainda que sejam feitas na charneca, quando se fazem por amor de Deus, sem intenção de vanglória, elas por si são trombeta que as anda apregoando na praça; e Deus permite que se manifestem e descubram, para que sejam enumerados os que as fazem. E o que se faz na praça, se é feito com desejo de que lho vejam fazer, ali perde quem o faz prata e feitio, porque permite Deus que não seja visto; e se alguêm o vê, é para murmurar, dizendo: *Não fêz aquilo, senão por que lho vissem fazer*. E assim ficou tudo em vão, e sem merecimento, e o Senhor não o aceita.

O que não aconteceu a êste, que, por isto que fêz no campo, sem êle o dizer a alguêm, foi afamado na aldeia, e de quantos moravam nela bem-quisto, e já ganhava, e tinha casa como seus vizinhos, ajuntando por mercê de Deus e de seu trabalho, com o qual vivia contente.

*

* *

Aconteceu que neste tempo passou por aquele lugar um fidalgo, que por mandado de El-rei ia a outro reino por embaixador, e levava consigo dez ou doze homens, e conveio-lhe ficar ali uma noite em aquela aldeia, esperando certo recado da Côrte.

E, ainda que para seu aposento lhe deram as melhores casas que havia no lugar, não lhe bastaram, e foi necessário agasalharem-se alguns dos seus em outras casas; e, agasalhando-se pela aldeia, coube a êste homem um dêles (1)

O qual, vista e conhecida a virtude dos hóspedes e a pobreza da casa, a proveu tão bem para aquela noite, que dos sobejos daí ficou para muitos dias adiante.

Êste homem, criado do embaixador, depois de lançado na cama, sendo passada uma grande parte da noite acordou, e viu que a seu parecer havia resplendor na casa, que a tal hora da noite, conforme o tempo,

---

(1)=*coube ao pobre agasalhar um dos do séquito.*

não se permitia (1). E, admirado, foi pôsto em confusão donde aquilo podia proceder (2).

Por saber (3) o que era se ergueu, como sisudo, e mui quietamente (4) se foi para onde havia claridade; e, pouco a pouco, indo para ela, chegou onde estava a pedra que dissemos, sôbre que os moços pelejaram, que, quando o bom homem a trouxe, sua mulher arremessou em um canto da casa, como já ouvistes. E dela saía o resplendor de que êste homem estava maravilhado.

Tanto que chegou a ela e a viu, a tomou e guardou, até que, vindo o dia, a viu melhor; e, parecendo-lhe de grande preço, se foi ao senhor embaixador, com quem êle vinha; e mostrando-lha, lha deu e disse onde a achara. E o senhor, vista a pedra, a estimou em muito, e mandou logo chamar o homem em cuja casa se achara, e perguntou-lhe donde a houvera, e de que lhe servia. E o bom homem lhe disse:

— Senhor, não serve de nada. Se Vossa

---

(1)=*não se compreendia que tal pudesse acontecer àquela hora da noite.*

(2)=*não atinara com a causa daquele sucesso*

(3)=*para saber.*

(4)=*serenamente.*

Mercê a quere, tome-a, que eu folgarei muito disso, que um rial me custou.

E contou-lhe como, e de que maneira (1), assim como a história até agora o contou.

Do qual o fidalgo se maravilhou, e teve para si que, pelo muito que vale o rial bem ganhado, permitiu Deus que lhe deparasse aquela pedra àquele homem, em que o empregasse para que por èle lhe viessem bens e riquezas (2). E desde então se afeiçoou a èle, para lhe fazer o bem que pudesse, de uma afeição amorosa e desenganada (3), que nunca mais a perdeu. E era assim justo; porque èste homem lavrador era tão singelo, e desenganado a todos, que o estava merecendo.

O embaixador meteu a mão em uma boceta em que levava dinheiro, dizendo:

— Èste enjeitou riqueza mal havida, quando quis antes *um* bem ganhado que cento mal ganhados. Ora se por isto Deus Nosso

(1) Note-se o pleonasmo.

(2) Esta redacção, bastante confusa, parece exprimir que Deus quis empregar o embaixador para veiculo dos bens que reservava ao pobre e honrado homem.

(3) — *completa, confiante*.

Senhor o quis enriquecer, dando-lhe esta pedra preciosa, nunca êle permita que eu lha tire.

E, tomando um punhado de moedas de ouro, em que haveria duzentos mil réis, lhos deu, dizendo-lhe:

— Irmão: esta pedra, já que ma dais, eu a quero. Porèm agora vou para fora do Reino, não posso pagar-vos tudo o que vale. Tomai isto; e se Deus me trouxer, eu vo-la acabarei de pagar, quanto em mim fôr.

O pobre homem não queria tanto dinheiro; e, à importunação (1) do nobre fidalgo, o tomou, e se foi para sua casa com muita alegria, a dar conta a sua mulher. E, ambos conformes, como bons lavradores do campo, assentaram que se desse o dízimo a Deus (2) daquilo que lhes dera.

*

* *

Tomem exemplo lavradores, pessoas poderosas, e nobres, que teem rendas e co-

---

(1) = *em vista da insistència.*

(2) Assim como se deve pagar pontualmente o impôsto ao soberano.

mendas, que pode ser que haja algum (o que Deus não mande) que, tendo na sua comenda de seiscentos mil réis de renda uma igreja, há por mal em dez anos comprar-lhe um frontal para o altar, ou uma vestimenta, nem (1) um hissope, se pode escusá-lo, por não defraudar o quartel (2) que lhe há-de vir, senão que (3) lho tragam inteiro e bem acrescentado.

Mas estes pobres logo foram ao ermitão que lhes deu o rial; e, dando-lhe conta do sucesso dêle, lhe ofereceram a décima parte do dinheiro que tinham, o qual lhes mandou que o tornassem a levar para casa e que repartissem com os pobres.

E êles se tornaram à aldeia, dando grandes esmolas; chamaram os pais dos moços que pelejavam pela pedra, aos quais deram conta como o fidalgo a levara e lhes dera muito dinheiro por ela. E partiram (4) com êles tão liberalmente, que ambos foram contentes.

---

(1) Note-se o emprêgo inoportuno da disjuntiva negativa.

(2) = *quarta parte* (prestação trimestral de renda ou fôro).

(3) = mas para que, ao contrário, lho tragam inteiro, etc.

(4) = *repartiram.*

Do que ficou ao pobre homem comprou herdades, em as quais lhe deu Nosso Senhor sempre grandes abundâncias de frutos, de que êle partiu com os pobres moradores da aldeia. De maneira que nunca mais ali houve pessoa necessitada, e a èste Deus lho acrescentou, e lhe deu filhos e filhas, das quais a primeira que nasceu foi muito virtuosa, amiga de Deus, caridosa com todos, e tal que, por esta causa, era a casa dèste homem hospedaria de pobres passageiros, e onde todos achavam socorro para suas necessidades. E Deus lho acrescentou tanto, que chegou a ser chamado rico-homem, e êle o era.

Passados treze anos tornou por ali o embaixador, que vinha do reino estranho, onde estivera até então; o qual trazia muita honra e grandes riquezas. Viu o homem que lhe dera a pedra, soube a fama e obras de sua pessoa, e filha (1), que era como ouvistes; de que folgou muito. E dali veio à Côrte,

(1) Isto é: *soube também da filha que o homem tinha.*

aonde achou sua mulher e casa bons de saúde, e um filho, que deixou de cinco ou seis anos, já homenzinho, e êle contente, com saúde e riqueza.

Deu conta a El-rei do que fizera, que tudo esteve bem; mostrou-lhe um dia a pedra, e deu-lha, dizendo-lhe donde e como a houvera. El-rei folgou muito com ela, admirado do caso do rial bem ganhado, e a fêz mostrar a pessoas entendidas, que a avaliassem para a pagar. Os quais a puseram em grandíssimo preço, de que El-rei mandou dar uma boa parte ao fidalgo, e títulos, e honras para êle e seus descendentes—que certo (1) foi muito, porêm ainda não era a justa estimação da pedra.

E o fidalgo, querendo agradecer a Deus as mercês, e pagá-las a quem fôra causa delas, acrescentou muito o estado ao criado que lha deu — tanto, que se houve por bem pago. E cada dia êste senhor sabia novas do homem cuja fôra (2), e eram grandes amigos, e lhe mandava jóias e presentes de grande preço, para êle e para a filha.

Tanto cresceu a afeição entre êles, que

---

(1) = *o que decerto, etc.*
(2) = *de quem fôra a pedra.*

o fidalgo pediu por mercê a El-rei lhe desse licença para casar seu filho morgado com a filha daquele lavrador virtuoso; e que (1) ela era tal, que desejava êle havê-la por nora, e que ela e seu filho gozassem as mercês que Sua Alteza lhe fizera pela pedra, pois em sua casa se achara.

El-rei o houve por bem, e lhe deu título de muita nobreza para os noivos, que (2) foi justamente feito e bem merecido, pela singeleza e bondade de coração com que no principio o homem (3) buscou a Deus, e o amor e caridade com que deu o rial, que então era tôda sua fazenda, por fazer paz por amor de Deus; e a perseverança que marido, mulher e filha tiveram na virtude, e as grandes e contínuas esmolas que faziam, com as mais obras virtuosas, que sempre trazem consigo o galardão.

O mancebo fidalgo e sua espôsa tomaram consigo os cachopos que tiveram a briga sôbre a pedra, que já a êste tempo eram homens, e honrados, porque os pais e êles haviam crescido em fazenda e honra.

---

(1) Subentende-se talvez *e dizia a el-rei.*

(2) = *o que.*

(3) Refere-se ao herói do conto.

E, servindo-se dêles (1) algum tempo, lhes deram depois a cada um honrosos ofícios na Côrte, havidos de El-rei para êles; e de sua casa, quando casaram, lhes deram jóias e peças.

Uns e outros tiveram muito contentamento nesta vida e fizeram nela tais obras, que esperamos que haveriam na outra a Glória, a que Deus nos leve. *Amen.*

(Parte Primeira, Conto XIII,
com leves alterações)

---

(1) = *tendo-os ao seu serviço.*

IX

ALMA TABELIOA

Um tabelião, que foi do Público e Judicial em um lugar de senhorio (1), chegando à idade que não podia servir o ofício, pediu ao senhor da terra que lhe fizesse mercê dêle para um filho, que (2) tinha três já homens e cada um dêles era suficiente para servir.

E o senhor, por lhe fazer mercê, disse-lhe que lhe aprazia; porêm que queria ver os mancebos um por um, para ver em qual seria melhor empregado; e que a êsse o daria.

O velho folgou disso e mandou primeiro o mais velho, que, apresentando-se ante o senhor, lhe disse que êle era o filho do tabelião, que Sua Senhoria mandava vir ante si para lhe fazer mercê do ofício de seu pai, se lhe parecesse, para o servir nêle.

---

(1) Da jurisdição de um senhor fidalgo.

(2) = *porque*.

A êste tempo o senhor tinha na sala uma bacia grande cheia de água, e estavam nela só quatro laranjas inteiras, e sete partidas pelo meio, com o agro (1) para baixo e o pé ou ôlho para cima, que ao parecer de quem não o atentava bem (2) pareciam tôdas inteiras.

E tanto que o mancebo deu o recado. lhe respondeu o senhor que logo o ouviria, quási fingindo esperava por outra pessoa. E, como que não fôsse aquilo do caso próprio (3), lhe disse:

— Entretanto vêde que laranjas estão ali fora, naquela bacia.

O mancebo as olhou, e, vendo as catorze metades, que cuidou eram inteiras, e as quatro inteiras, tudo em lançando-lhes (4) os olhos sómente, disse:

— Senhor, são dúzia e meia de laranjas.

Que, na verdade, como estavam sôbre a água, assim o pareciam. E o senhor disse:

—Dizei a vosso pai que mande cá outro filho.

---

(1) = *a parte cortada.*

(2) = *não olhava com atenção.*

(3) = *como cousa secundária; disfarçadamente.*

(4) = *sem mais do que lançar-lhes os olhos de relance.*

O qual veio; e, aconteceu-lhe da mesma maneira que ao primeiro, que (1) tambêm disse que as laranjas eram dezoito, como pareciam. E o senhor mandou vir o terceiro, que vinha desgostoso, porque já sabia a pregunta e não sabia que respondesse.

E todavia, chegando ante o senhor, lhe mandou (2) que visse as laranjas que estavam naquela bacia, como dissera aos outros. E êle, saindo lá fora, chamou dous homens da casa que andavam passeando na sala, e disse-lhes:

— Senhores: o Duque manda saber as laranjas que estão nesta bacia. Sède presentes, por que (3) sejais testemunhas do que achar.

E assim tirou as laranjas fora, e viu êle e êles que eram as catorze metades e as quatro inteiras, e meteu a mão na água, e viu que não havia lá outra cousa, e assim fêz que o vissem aqueles dous homens que ali estavam. E, visto isto, tirou papel e escrivaninha que levava consigo, e fêz auto do que ali se achou, e nomeou nêle os

(1) = *porque.*
(2) Subentenda-se *ĉste* (o senhor).
(3) = *para que.*

dous homens que foram testemunhas, e assinaram.

E com isto tornou ao senhor, que, visto (1), lhe pareceu bem a diligência que fizera, e disse-lhe :

— Vós o fizestes como oficial, e não como os outros, que, sem ver o que era, disseram o que lhes pareceu.

E logo mandou que mandasse fazer a carta do ofício, que lhe fazia mercê dêle, porque escreveu o que viu e palpou, que assim é necessário fazer-se para dar fé verdadeira (2), que a fé do escrivão importa muito para a justiça das partes.

Pede o Autor a todos os senhores oficiais, e pessoas a que toca, que olhem como dão sua fé, para que no cabo da jornada se achem sempre com ela constantes, e firmes na verdade, que é Deus, diante do qual não há excepção de pessoas ; para que êle, vendo-lhes sua firmeza e perfeição de obra, as haja por perfeitas e boas. Amen.

(Parte Primeira, Conto XIV).

---

(1) = *visto isto.*

(2) *Dar fé* é fórmula tabeliôa, que significa *atestar, certificar.*

X

O FILHO DESERDADO

Um velho rico tinha dois filhos; e porque o maior, que tinha o cargo da administração da fazenda, se casou sem sua licença, o lançou fora de casa, tirando-lhe a posse e mando que nela tinha. Alêm disto lhe cobrou ódio mortal, com desejo de o empecer; e para o poder fazer, ao menos na fazenda, imaginava sempre como por sua morte o deixasse deserdado e desse tudo ao outro filho menor.

E achou que o faria, deixando de acabar umas casas sumptuosas que tinha começadas no melhor da Cidade, das quais estavam já galgadas as paredes para lhes lançar o primeiro sobrado. E isto por que o que havia de gastar nelas ficasse em dinheiro na mão do filho menor, quando êle lho quisesse dar; e por isso cessou a obra que com grande gôsto e muita despesa fôra começada, ficando porêm principiada de maneira que logo parecia obra de rico.

Passados anos, o velho, perseverando em sua contumácia, não quis perdoar ao filho; e, ainda que foi rogado por bons homens e virtuosos religiosos, não lhe quis mais ver o rosto. E com êste rancor morreu, e deixou grande fazenda em dinheiro, ouro e prata ao segundo filho — dando-lho na mão por que não desse dêle parte ao outro, ao qual êle deserdara de todo, se pudera.

Por morte do velho fizeram partilhas, entre ambos os irmãos, do que apareceu em público; porêm, como da fazenda estava sonegado o melhor, e do que apareceu tiraram os legados e têrça que o velho apartou para o menor, coube ao maior tão pouco, que não houve bem para se vestir de dó, êle e seus filhos; que, como havia dias (1) que era casado, tinha quatro crianças. E assim ficou, pobre, cercado de trabalhos e muita necessidade...

Aqui notem os filhos e filhas quanto lhes convêm estar à obediência dos pais e não aceitar casamento sem conselho e bênção, por que não caiam em sua desgraça, e em

---

(1) = *havia tempos.*

misérias, que venham a seus irmãos pedir socorro, como êste fêz. Que, vendo-se mais velho e em tanta miséria, foi ao irmão, e com lágrimas lhe disse:

— Irmão: bem sabes e vês a minha necessidade e pobreza. Rogo-te que me dês êstes princípios de casas que meu pai deixou de acabar, por que, alimpadas com meu trabalho, e de minha mulher e filhos, as possa cobrir de trouxa (1) e agasalhar-me dentro. Que elas a ti não te aproveitam, nem as estimas, e estão em esterqueira do Concelho, feitas pardieiros; elas estão galgadas de maneira que, sem lhes acrescentar parede, ali as cobrirei do que puder. E nisto me farás grande esmola.

O irmão menor, vendo a necessidade de seu irmão — e, como dizem, porque o sangue não se roga (2) — entregou-lhe as casas, e fêz-lhe delas sua carta de doação, livre e desembargada, por público tabelião, por virtude da qual o pobre tomou a posse, e êle, sua mulher e filhos as alimparam pouco a pouco.

Fêz-lhes portas; e, com seu trabalho e dá-

(1) = *telhado.*

(2) = o irmão não se faz rogado

divas de pessoas virtuosas, as cobriu; porque, como era obra de rico, êle achou debaixo do estêrco muitas achegas que lhe serviram. E o pobre homem, ainda que devagar, fêz para si um bom gasalhado, e muitas casas que alugou a outros pobres como êle. E, não pagando aluguel, e recebendo-o, ia por diante, e passava os trabalhos da vida sem tanta necessidade.

*

* *

Passados anos, o irmão menor veio a casar; e (porque a quem tem muito dão-lhe mais) deram-lhe grande dote com uma mulher tão cobiçosa de fazenda, que o muito que tinha lhe parecia nada, e o pouco alheio cuidava que era muito, e o queria, e cobiçava para si.

E desta maneira, indo um dia a visitar a mulher do cunhado, irmão de seu marido, que estava *doente*, tanto que lhe entrou em casa não pôs os olhos nos muitos filhos que tinha de redor de si, e como estavam esfarrapados e rotos, e a pobreza da casa, que era de mantas sôbre esteiras de tabua, que ela devia olhar para prover, pois podia. Mas

viu o princípio e entrada da casa, e o portal de pedraria, que mostrava demandar mais obra do que ser logo em cima coberta de trouxa, como estava.

E, cobiçosa de haver aquele assento (1), e fazer nêle casas para sua morada, custosas e ricas como elas prometiam no seu princípio, sem fazer ali muita tardança veio ao marido, e disse-lhe que comprasse aquele assento a seu irmão, dando-lhe por êle com que pudesse haver casas para si em outra parte, e que lhe sobejasse dinheiro. E êle lhe respondeu que o não faria, porque êle o dera feito pardieiro, que não era razão pedir-lho agora que o tinha limpo, ainda que fôsse por compra.

Quando ela isto ouviu, ali foi a grita que em tôda a vizinhança se ouviu seu brado, dizendo ela que folgava muito de saber que êle lho tinha já dado. Porque já agora não dizia ela por dinheiro; mas sem êle lho havia de dar. E, se não fôsse em paz e por bem, seria por justiça e, em que lhe pesasse, sem dar nada por êle. E dava logo esta razão:

— Se vós lho destes sendo solteiro, éreis

---

(1) Princípio de maior construção.

menor, e a dádiva não é valiosa, porque o menor, ainda que dê, sempre tem restituìção. E se lho destes em casado, a dádiva não vale, que eu não consinto. Pelo qual vos digo que já o não quero por compra, senão sem ela. ¡ Que mo dê livremente, que justamente é meu ; e as bem-feitorias que fêz desconto nos aluguéis do tempo que há que o possui !

E isto dizia tão agastada, e pelejando, que o marido não tinha mesa nem cama sem arruído. E assim fêz tanto que, por ter paz, o marido citou a seu irmão, pedindo-lhe as casas que lhe dera, pela razão que ouvistes que dava a mulher, com a qual fundou o libelo. E foi pelo irmão respondido suficientemente, e processado o feito, que, correndo seus termos ordinários, saiu por sentença:

«Visto como o doador, antes que fizesse a doação, se emancipou para haver posse, e administração à fazenda que lhe pertencia por seu pai, por virtude da qual lhe foi entregue: o hão por maior, e a doação por boa, e o condenam nas custas.»

E assim foi a propriedade julgada ao pobre. Porêm a mulher do rico, mal contente, fêz agravar da sentença e seguir o feito até

mor alçada. E assim foi à Suplicação (1), que então estava na cidade de Evora.

Partindo-se de Lisboa, o rico ia a cavalo e com grande cevadeira (2) que a mulher lhe fizera, porque da importunação dela se seguia a demanda; e o pobre a pé, com dous pães e quatro cebolas no capelo (3). E assim caminharam, para ver final sentença no feito.

Consideremos agora como, por fazer a vontade a sua mulher, êste homem rico perseguia seu irmão pobre. Ó mundo! Ambos são filhos de um pai e de uma mãe; e um vai tão abatido, e outro tão exaltado! ¡ E o pior é que o mais velho a pé, e o mancebo na sela, de maneira que por interêsse contendem, levando o rico ao pobre quási a rasto!

Não há amor, não há irmandade (4), nem

---

(1) A *Casa da Suplicação* era um tribunal de recurso (Tribunal da Côrte), ambulante até fins do século XVI, porque seguia a Côrte, e depois fixado em Lisboa.

(2) = *alforge com comida; farnel.*

(3) = *capuz.*

(4) = *fraternidade; amor fraterno.*

quem os ponha em paz. Que o marido não ousa ir contra o apetite da mulher, e ela, com cobiça desordenada dos pedaços da parede que o pobre tem, mete o marido na afronta de ser contra seu irmão mais velho, que êle devera ter por pai. E não se contenta a tirania envejosa com seus ricos estrados alcatifados, camilhas (1), tapetes, baixelas, ricos ornamentos e jóias; senão que ainda quere e procura haver para si o que outro tem de justo título...

Pois tudo há de acabar, e nós com êle. ¡ Por amor de Nosso Senhor! que nos contentemos com o que à boa mente podemos! Não abaixe ninguêm o pobre, ainda que para isto tenha muita razão — mórmente sem ela, como êste fazia.

*

* *

Indo assim caminhando para Évora, foram pousar uma noite na Landeira, em casa de um vendeiro que havia dezoito anos que era casado e nunca tivera filho nem filha,

(1) Camas ligeiras, de recôsto, para dormir a sesta.

e estava rico e contente, porque a êste tempo tinha a mulher de esperanças. E, por ser muito conhecido do rico, o agasalhou, e pôs grande mesa, dando-lhe de cear o melhor que êle podia e tinha.

E o rico tirou de sua cevadeira uma galinha cozida recheada, um pedaço de presunto, e outras cousas que levava de Lisboa; e assim se puseram a cear, o vendeiro e êle, com grande festa, fazendo assentar à mesa a mulher do vendeiro, para que tomasse de cada cousa um bocado. E o pobre homem, sem dizer que era irmão do rico, se assentou de redor do lume, e pôs no borralho a assar uma cebola para sua ceia, que, assada, a ceou com seu pão e água.

Porêm, como o que Deus permite que seja ninguêm o pode estorvar, assim foi que esta mulher, ainda que estava à mesa com o marido e hóspede, onde tinha bem que cear e recebiam gôsto de lhe dar o que ela pedia, para que não perigasse, não lhe pareceu bem nada do que ali via, nem lhe prestava cousa que comesse, cheirando-lhe à cebola que se assava.

Morria por ir comer dela; e com vergonha do hóspede não se erguia da mesa, e com muita tristeza e dôr se reteve tanto, até que

o pobre acabou de cear e se foi lançar a dormir em uma esteira. E parece ser que a boa mulher tinha os olhos nêle; e, como o viu ir, perdeu a esperança de haver a cebola que lhe cheirava. Tomou-lhe tal desmaio, que caiu no chão, e a criança expirou; e assim a boa mulher com grande trabalho moveu (1) aquela noite, com muito pesar e dôr do marido; o qual, inquirindo da mulher se desejara alguma cousa, tanto que ela lhe disse que da cebola assada, que aquele homem ceara, se foi a êle com grande ira, que o queria matar a punhadas.

E sem falta o fizera, se o irmão o não defendera e escusara, dizendo:

— Eu vou com êle em demanda à Côrte. Se vos parece que tem culpa, e é caso de o matar, como quereis, ide comigo, e acusai-o, e lá vos farão justiça.

E não valia ao pobre, a êste tempo, dizer que por amor de Deus o deixasse; que ela não lha pedira; jurando que, se lha pedira, ou êle soubera que a desejava, da alma e coração lha dera; mas que, como ela estava à mesa, onde tinha cousas melhores, não

(1) Expressão ainda hoje usada com o mesmo sentido.

imaginou pudesse querer cebola; porêm que ela a pudera pedir, e êle dar-lha, e brevemente assar outra cebola.

Tudo isto não lhe prestava nada, nem lhe prestou; porque, tanto que veio a manhã, determinou o vendeiro acusá-lo à Côrte. E, assim como o rico se pôs a cavalo, subiu êle em um rocim (1) que tinha, e partiram para a cidade de Évora, onde o vendeiro pretendia fazer enforcar aquele pobre homem, dizendo que por morte da criança o merecia, pois fôra por não dar à mãe da cebola que comia.

E assim caminharam, os dous a cavalo e o pobre a pé. Chovia, e havia chovido tôda a noite passada, de maneira que o caminho tinha em lugares lama e atoleiros, porque era tempo de inverno.

O pecador do pobre (2) não podia ir pela estrada; e, lamentando sua mofina (3) e a trabalhosa viagem que levava, chamava a Deus, e à Virgem gloriosa sua madre, que o socorresse.

---

(1) *Rocim* ou *rossim* (do alemão *Rosslein*, cavalinho) = cavalo fraco ou de má qualidade.

(2) Modo de dizer: *o pobre homem*.

(3) = *má sorte*.

A esta conjunção (1) achou no próprio caminho um homem que, com uma azêmola, estava metido no ôlho (2) de um grande lamarão (3) de barro, que (4) não podia sair, nem valer-se a si, nem à azêmola; e, ainda que bradou pelos que passaram a cavalo, nenhum quis acudir. Até que chegou êste pobre homem, que caminhava a pé com muito mais trabalho que todos; o qual, vendo as mágoas com que pedia socorro aquele homem da azêmola, o quis ajudar e com efeito ajudou-o, com vontade de o livrar daquela afronta (5).

E fêz de maneira com que tirou o homem do perigo de sua pessoa. Buscaram ambos mato para lançar ao redor da azêmola, para poder chegar a ela sem se atolar. Trabalhou tanto o pobre homem nisto, tirando (6) êle e o dono por ela, que, tirando às vezes pelos pés e mãos, e outras pelo cabresto e rabo, como melhor podiam, para a tirar fora, ti

(1) = *a êste tempo.*
(2) = *centro.*
(3) = *lameiro, atoleiro.*
(4) = *de tal modo que.*
(5) = *dificuldade, embaraço.*
(6) = *puxando.*

rando o homem pobre pelo rabo ao tempo qua a azêmola já arrancava para sair, com a fôrça que êle pôs em tirar por ela se lhe ordenou (1) que lhe ficaram nas mãos tantas sedas do rabo da azêmola, que lhe davam grande fealdade (2).

Mas, a respeito de se ver fora daquela pressa (3), não devera o dono de o sentir. Porêm êle, tanto que viu o defeito na azêmola, veio a grandes brados contra o pobre, dizendo que acinte (4) lhe arrancara o rabo, por se vingar do trabalho que ali passara; e que lhe havia de pagar por justiça tudo o que julgassem tinha de defeito sua azêmola: e que sôbre isso (5) iria à Côrte.

E assim, indo após êle, alcançou os outros, que iam adiante, na primeira venda, onde estavam pousados, e lhes fês queixume do pobre, que vinha a pé, muito triste de se ver em tantos desastres como lhe aconteciam sem êle ter culpa.

---

(1) = *lhe aconteceu.*

(2) Entenda-se: *a falta das sedas arrancadas dava grande fealdade à azêmola.*

(3) = *tomando em consideração ver-se fora,* etc.

(4) = *de propósito.*

(5) = *por causa disso.*

E, por não dar ocasião que acontecessem mais, não quis pousar naquela venda, nem acompanhar mais com êles; mas, só, se pôs a caminho, e chegou a Évora a tempo que já lá estavam.

E, considerando o pobre como havia de aparecer com três demandas diante do regedor, temendo a desonra de ser julgado por mau antes de ser ouvido, quisera mais a morte que ver-se naquela vergonha. E assentou consigo (por obra do demónio) que era melhor matar-se êle mesmo a si, que ver-se em poder de seus inimigos.

*

* *

Consideremos aqui que cegueira é a que o diabo põe aos que faz desesperar, e preguntemos-lhes :

— Homem : os inimigos ¿que te podem fazer? O mais, é matar-te o corpo. Pois, se tu queres matar-te primeiro, logo maior inimigo teu és tu que os outros te são. Que êles, como digo, te matariam o corpo sòmente; e tu mataste o corpo e alma para sempre, condenando-te a pena perpétua. Mas, saibamos: ¿Que te diz o demónio, para te

cegar o entendimento e persuadir que te mates?...

Diz que, matando-te, ficarás livre da afronta e trabalho em que te achas, de que êle nem pode nem quere livrar-te. Mas busca como te meter na afronta do inferno para sempre...

Consideremos todos no Senhor, que é verdadeiro remédio de tôdas as afrontas e trabalhos — e esperemos nêle que remediará as nossas. Que (1) o demónio mente, quando nos diz que, se nos matamos, saìremos de pressas (2); porque os que se matam entram de novo em pressas maiores. Mas êle, que é o pai da Mentira, nunca soube dizer verdade para proveito do homem.

Ainda que seja comprido, quero chegar com isto ao cabo: quando o Senhor permitisse que viéssemos às mãos de nossos inimigos, e nos matassem, ali (3) podíamos merecer, tendo paciência e pedindo ao Senhor, perdão de nossos pecados, perdoando a nossos matadores. E com esta morte tal, sairíamos da pressa com esperança da Glória.

---

(1) *Consideremos que,* etc.
(2) = *de aflições.*
(3) = *nessa ocasião.*

*

* *

E tornando à história, que há muito que a deixei:

Êste homem, por não se ver na presença do Regedor com três acusadores, como digo, assentou consigo que era melhor matar-se, e logo o pôs por obra desta maneira:

Que, subindo pela escada do muro da Cidade, foi acima, até chegar às ameias da tôrre que está sôbre a porta, e deixou-se cair da tôrre abaixo para a banda de fora, com intenção que assim se mataria.

Ora notai os mistérios do Senhor: — que aquela manhã, porque depois de tanta chuva havia amanhecido o dia bom e muito formoso, um velho que estava entrevado, doente, e morava ali perto da Cidade, por (1) gozar do sol dêste dia se fêz levar ao sólheiro ao pé do muro, por ali aquecer, e ter refrigério de ver e falar com alguns conhecidos que passavam.

E assim, pouco depois de êle assentado em uma cadeira, quando (2) vem de cima

(1) = *para.*
(2) = *senão quando*

aquele homem que, desesperado de se ver com tanta demanda, se lançou, desejoso de receber a morte. O qual veio direitamente a dar sôbre o desditoso velho, que estava muito doente, e se mandara assentar ali para espairecer.

E, como o homem vinha de alto, foi o golpe tão grande, e o velho estava tão fraco, que, em acabando de lhe dar, o triste velho mor reu, o que (1) parece que tinha ali sua derradeira hora (2). E o pobre homem, que desejava morrer, não recebeu algum dano daquela queda, que foi tôda em cheio sôbre o velho; ao qual logo acudiram dous filhos; e, achando-o morto, logo lançaram mão do matador, e preso o levaram ante o Regedor. E outros filhos e netos levaram também o morto, e iam na companhia pedindo justiça sôbre aquele homem que lhes matara seu pai.

E assim levaram ao pecador do homem, que nem ia em si, nem sabia como ia. Que, a esta hora, quisera êle mais ser o morto que o matador, que tal estava (3).

---

(1) = *pelo que.*

(2) Pode subentender-se: *marcada, predestinada.*

(3) = *tal era o seu estado de aflição.*

Porêm, atravessando com êle pela praça, foi visto do irmão e dos outros dous contrários, que estavam aguardando, que acudiram para ver o que era; e, entendendo (1) o caso, tomou o irmão a dianteira (2).

E assim, ao tempo que os filhos do velho pediam ao Regedor justiça sôbre aquele homem que lhes matara seu pai, que ali traziam morto, disse o irmão:

— Senhor: antes que êste caso acontecesse, êste homem tem, comigo e com outros dous, demandas a que (3) fomos vindos a esta cidade. Pedimos a V. S.ª que nos ouça primeiro, porque (4), se êste caso fôr de morte, fique determinado o da fazenda, para que a haja quem fôr por direito...

E o vendeiro tambêm queria dizer seu queixume; e o da azêmola, o mesmo. De maneira que cada um se atravessava por falar, não deixando dizer ao outro.

Tanta briga tiveram entre si, que o Rege-

---

(1) = *averiguado.*

(2) Decerto para chegar a tempo de dizer primeiro de sua justiça contra o irmão, visto haver tantas queixas.

(3) = *por causa das quais.*

(4) = *para que.*

dor olhou nisso, e logo naquele instante propôs em si que, se achasse da parte do pobre alguma cousa com que por direito o pudesse favorecer, que o faria de boa vontade.

E mandou calar, e disse: Que as pessoas que tinham que dizer contra aquele homem dissessem uma a uma, começando primeiro quem primeiro teve a diferença, e assim cada um por sua ordem.

Pelo qual o irmão foi o primeiro, que lhe pediu as casas, fundando-se nas razões já ditas:

— Senhor: se as dei solteiro, era menor; se casado, não outorga (1) minha mulher.

Ao qual respondeu o pobre com a verdade do caso, como passava (2) e como fôra julgado: que, pois era emancipado (3), a doação era válida.

E logo ali houve quem os conhecesse, que eram irmãos, e descobriu ao Regedor como aquele pobre em vida de seu pai casara, e como por ser sem sua licença, lhe tirou a herança, como fica dito.

---

(1) = *não outorgou, não consentiu expressamente.*

(2) = *como se dera.*

(3) Subentenda-se: *o irmão doador.*

O que tudo o Regedor folgou de saber, e disse:

— Eu mando que êste fique com as casas, como estão julgadas; e que vós, que sabeis que lhas pedis mal, e com malícia insistis nisso, lhe pagueis a êle duzentos mil réis. (Que em tanto avaliaram os homens bons que ali estavam a fazenda que aquele sonegou e pertencia ao pobre).

E logo foi por êles preso, e não foi sôlto até pagar — o que se cumpriu na mesma hora, porque achou quem pagasse por êle.

Concluindo (1) com êste, veio o vendeiro, dizendo que lhe fizera adoecer a mulher e morrer a criança, acusando-o de malícia, e que lhe não quisera dar do que comia. Ao qual respondeu o pobre com a verdade, contando como passara, da maneira que ouvistes.

E o Regedor, visto o caso, julgou ao pobre por sem culpa, e que (2) o vendeiro, pela afronta em que o pusera e (3) emenda do dano que lhe fêz em sua casa, dando-lhe

(1) Subentenda-se: *o Regedor*.
(2) =*julgou, sentenciou que*, etc.
(3) Subentendido *pela*.

nêle como ouvistes (1), lhe pagasse cincoenta cruzados, que logo o vendeiro disse que pagaria, e os pagou, e se foi em paz.

E logo veio o da azêmola, dizendo que o pobre maliciosamente pegara no rabo daquela alimária e lho arrancara, o qual era muito de feito e grande fealdade. Que lhe mandasse pagar o que fôsse avaliado que merecia, pela deformidade que tinha a azêmola.

Ao que foi respondido pelo pobre, dizendo como o ajudara a sair do atoleiro, e o mais que fica contado e que, ouvido pelo Regedor, e vista a ingratidão do benefício recebido, foi julgado por êle que a azêmola ficasse em poder do pobre tanto tempo, até que lhe nascesse o rabo; e que o pobre se servisse dela; se o dono apelasse disso, pagasse cincoenta cruzados. E êle, que os não tinha, quis antes perder a azêmola do que ver-se preso, e assim se foi, e a deixou para o pobre.

Isto concluido, os filhos do velho que estava morto alçaram as vozes, pedindo justiça e dizendo:

— Senhor: êste o matou. Aqui temos o

(1) Ás punhadas que o iam matando.

morto, e o matadar morra por isso, que assim é justo.

O Regedor quis saber o caso miúdamente, e ouviu ao pobre o como e porquê se lançara do muro abaixo, e também soube dos vizinhos daquele bairro que o velho morto havia muito tempo que estava entrevado, e tão morto que, sem o golpe que lhe deu, por natureza e enfermidade estava já expirando.

O que tudo visto, mandou que aquele homem acusado fôsse assentado na cadeira em que estava o velho quando morreu, e o acusador se subisse ao muro e se lançasse dêle abaixo, como o outro fêz, e assim caísse sôbre êle e o matasse.

Que desta maneira o matador pagaria como pecou; e se não quisessem aceitar isto que pagassem ao pobre, pela afronta em que o puseram, cincoenta cruzados.

Os filhos do velho, visto que podia ser (1), deitando-se do muro, errar o golpe e não lhe fazer dano, e o que se lançasse corria muito risco de perigar — davam brados, dizendo:

---

(1) = *acontecer*

— Senhor: e se não fizer nada o golpe, ¿ficará sem castigo?...

O que visto, lançaram mão dêles, dizendo:

— ¿Pois, quereis vós que matem agora um mancebo de trinta anos, por um velho que há outros trinta que por natureza é já morto, e, mais, de um caso desastrado? Que se vos parece malícia, matai-o vós a êle como está julgado, ou pagai.

E foram logo retidos, e houveram por bem de pagar os cincoenta cruzados, antes que aventurar a vida; e os pagaram sem dúvida.

E assim o homem acusado ficou livre, e com muito dinheiro, com que se tornou para Lisboa na azêmola que lhe julgaram. E dêste modo o livrou Deus das demandas e trabalhos que tinha, e lhe deu dinheiro e cavalgadura com que tornasse às suas casas e as fizesse; acabando-as de todo com contentamento, deixando tristes seus adversários.

Pelo qual fica entendido que, ainda que tiranos poderosos avexem e maltratem ilícitamente aos pobres, nenhum desespere da mercê de Deus e da sua misericórdia, que

Êle livra sempre a seus servos de tôdas as pressas e trabalhos em que estiverem, se, com verdade nas cousas, muito de coração, devotamente chamarem por Êle.

(*Parte Primeira, Conto XV*, com pequenas alterações e supressões).

XI

MULHER HONRADA DEVE SER CALADA

A MULHER honrada, ainda que o seja, lhe é necessário ser calada; e tôdas as discretas o confessam, e se alguma tem por gentileza ser muito cortesã e zombadeira, eu não lho gabo, e creio que lhe nasce de confiada em si mesma, e que sua honra e virtude lhe basta.

Digo que se engana, e dou de conselho às que o quiserem aceitar, que folguem de ser caladas, e não falem muito, ainda que sejam discretas, galantes e saibam bem assentar sua razão. E quem não quiser êste conselho, as portas de sua bôca lhe ficam abertas: fale o que lhe parecer, que assim faço eu, que lhe digo o que me não pregunta e por ventura lhe não pesará de ouvir.

Porêm lembro-lhe que o néscio calado por sábio é contado, e é dito de um filósofo que não há néscio que saiba calar. E se es-

tivera calada uma mulher que eu vi, não me dera ocasião a contar o que ouvi; e encomendei-o à memória por me parecer resposta breve e graciosa, ainda que dali ficou a senhora corrida.

É o caso: iam dous mancebos passeando pelas ruas de Lherena (que é uma vila em Castela), por partes desviadas da praça, aonde, por ser dia de festa, estavam mulheres assentadas às suas portas, folgando.

E êles foram vistos delas de longe, e parece que quando chegaram em direito delas, uma disse alto contra (1) as outras:

— Vós vêdes que narizes teem. Certo que chegaram estes ao repartir...(2)

Porêm, em ela acabando de pronunciar a última palavra, disse um dèles contra ela:

— E vós não chegastes quando davam (3) a vergonha; porque, se a tivéreis, estivéreis calada...

Disto se injuriou ela muito; e, entrando

---

(1) = *para*.

(2) Isto é: no momento da distribuição dos narizes, de maneira que ficaram com narizes avantajados.

(3) = ***distribuíam***.

em casa, onde estava o marido, lhe fêz grande queixume, dizendo que aquele lhe chamara desavergonhada.

O qual quis saber a verdade, que as vizinhas lhe disseram; e quando entendeu como passara, dentro em sua casa discretamente lhe pôs as mãos (1), e não teve de ver (2) com os que passavam seu caminho.

Pelo que, afirmo que é bom aquele rifão que diz: *a mulher honrada sempre deve ser calada*. E algumas mestras de moças, que são discretas, usam de manha pelas (3) ensinar bem, dando-lhes búsios formosos, que levem na bôca quando se vão para casa, dizendo-lhes que lhes fazem os dentes alvos, e cheirar bem o bafo; que os não tirem da bôca até casa. E às vezes lhes dizem que qual (4) lhes achar um alfinete na rua, que lhe darão três novos por êle; que lho busquem com os olhos no chão, quando

---

(1) = *lhe bateu.*

(2) = *não atribuiu a culpa aos que passaram*, etc.

(3) = *para as*, etc.

(4) = *aquela que.*

se forem, porque o achado é bom para elas. O qual fazem, por que (1) as moças não falem, nem alcem os olhos do chão, quando forem pela rua, e se ensinem a não tomar brio de ver e ser vistas — o que a mim me parece muito bem.

(Parte Primeira, Conto XVI)

(1) = *para que.*

XII

AS TRÊS PREGUNTAS DO REI

Deu um príncipe poderoso uma comenda grande de muita renda a um fidalgo pobre, que, alêm de a ter ganhado em África, segundo o costume, a merecia por sua virtuosa condição e bons costumes.

Êste comendador, tanto que tomou posse da comenda, recolheu-se a viver no mesmo lugar onde a tinha. Era uma boa vila, e êle fêz da renda cinco partes, das quais duas bastavam para êle e tôda sua família comer, beber, vestir e calçar, e para servidores; e as outras duas gastava com os pobres que havia naquela comarca, dando-lhes ordináriamente tudo o que lhes era necessário; e uma quinta parte andava sempre de sobressalente, para mercês extraordinárias, hóspedes, ou fábrica de alguma propriedade.

E trazia isto tão redondo (1) e bem re-

---

(1) = *certo*.

partido, que a todos tinha provido do que cumpria, e a sua casa sempre aparelhada para as necessidades que podiam suceder. E acêrca do dar das esmolas levava tanto gôsto que se fizessem, e temia-se de maus servidores as não darem como êle queria, que tinha por exercício uma vez na semana fazer êle por sua mão o que mandava que se fizesse cada dia, que era repartir com os pobres — que já tinha determinado o que se havia de dar a cada pessoa.

E no dia que êle o dava preguntava se nos dias atrás haviam descuidado alguma cousa; e, achando nisto falta, estranhava-o muito a quem tinha a culpa, e se o caso o requeria, castigava-o bem. Porque, de sua parte, eram os ministros desta obra tão providos e pagos, que nunca com necessidade viessem a fazer vileza.

E, ainda que para êste efeito tinha homens mui virtuosos, entre êles acertou haver um de tão ruim condição, que tudo o que davam, ainda que fôsse de esmola, se lho não davam a êle, parecia-lhe que era mal gastado; e tudo o que êle tinha, e podia haver, cuidava que era pouco.

E um dia disse ao senhor que lhe pedia por mercê que olhasse, que gastava sua fa-

zenda mal, e que se podia dizer que tirava o pão aos filhos e o dava aos cães, porque não olhava por êle, que era um homem honrado, que havia doze anos que o servia, e que não tinha para si mais que quarenta mil réis por ano e um vestido. Que lhe pedia que deixasse de gastar um mês com aquela caniçalha (1) que mantinha, que lhe gastava cada dia muito; e que lhe fizesse mercê daquilo por seu serviço, que bem lho tinha merecido. E não quisesse ter ali tanto saloio, gente ruim, que vinham esgalgados (2) — maridos, mulheres e filhos — que lhe comiam tanto, que êle, nem os seus, não podiam forrar ao cabo do ano sequer cincoenta cruzados, porque aqueles comiam tudo.

Disto se riu o senhor, e disse:

— Vós cuidais que tendes pouco de mim, tendo mais de um tostão por cada dia. E dou-vos vestido e casa, e calo-me ao que vejo que aproveitais para vós. E parece-vos muito dous vintêns que dou a cada pobre homem para êle, e trinta réis para cada mulher, e vintêm para filho ou filha. ¡E quereis

(1) = *canzoada.*
(2) = *sôfregos.*

que lhes tire isto e que a vós, que tendes mais de cem réis cada dia, vos acrescente, estando em minha casa das portas a dentro! Desengano-vos que o não hei-de fazer, por nenhum caso. Contentai-vos, se quiserdes; e, se não, i-vos embora, e pagar-vos hei o serviço que alegais, que por doze anos que há que servis, dando-vos eu de comer, beber, vestir e calçar, por justiça bem vos pagaria outrem com quarenta mil réis pagos em dinheiro. Ora eu dou-vo-los de tença cada um ano, e visto-vos. ¿Que me pedis? Não peçais o sobejo, que parece muito mal.

Desta resposta ficou êste homem muito agastado. E foi-se a El-rei, que o conhecia por familiar criado daquele comendador, e disse-lhe:

—Senhor: eu sou do comendador D. Simão. Criei-me em sua casa doze anos há, e não posso sofrer tal desmancho, que parece que o que trabalhou por haver tôda a sua vida agora se pôs a gastar em um ano. Eu lho repreendi muito: não dá nada por mim (1). Parece razão que Vossa Alteza atente nisso, porque êle mantêm uma caniçalha que são

(1) = *não me atende.*

mais de duzentas cabeças. Faça com êle que os despida (1) e gaste aquela renda com os seus; e se não, tire-lha, antes (2) que deixá-lo esperdiçar tanto dinheiro.

Pareceu-lhe a El-rei que êste dizia verdade e que D. Simão era caçador, e tinha muitos galgos e outros cães, e que por isso o repreendia do gasto demasiado e sem necessidade. E quando ouviu dizer *duzentos cães*, pasmou; e, sem atentar o que fazia, se indignou tanto contra o fidalgo, que determinou destruí-lo ou matá-lo.

E assim, com súbita melancolia (3), fêz fazer prestes, e cavalgou afoitado (4), e em cinco dias foi ter à Comenda onde o bom comendador estava, bem fora de cuidar a melancolia que El-rei trazia contra êle.

*

* *

Tanto que El-rei chegou, foi o comendador para lhe beijar a mão. Mas El-rei lhe

(1) = *Faça V. A. com que êle os despeça.*
(2) = *é melhor tirar-lha.*
(3) = *irreflectida indignação.*
(4) = *decidido.*

mostrou no rosto a má vontade que lhe trazia, e o apartou logo, e disse-lhe:

—Eu me tenho informado dos males que fazeis, os quais determino castigar. E há-de ser amanhã, salvo se, em amanhecendo, me responderdes a três cousas que eu agora vos quero preguntar. E acertando em tôdas, terei para mim que acertais no que fazeis; e se não, sois condenado à morte.

Muito lhe pesou ao comendador em ouvir isto, e quisera saber as culpas que lhe punham, para desculpar-se delas; porêm Elrei o não quis escutar, mas disse-lhe:

—Pela manhã, mui cedo, vinde-me aqui dizer em que lugar do mundo é o meio dêle; e quanto há de altura da terra até o céu; e que cousa está imaginando o meu coração naquele momento em que vós me responderdes (1). E sem estas respostas, e certas, não apareçais ante mim, nem me faleis.

---

(1) A ideia de localizar no coração as faculdades intelectuais sobrevive ainda em expressões da língua actual, como *de cór* (latim *cor, cordis,* o coração), *decorar,* pelo que respeita à memória. — Note-se de caminho que Trancoso escreve *em que vós me responderes,* empregando o *infinitivo pessoal* pelo *futuro do conjuntivo,* confusão habitual no seu tempo, como já vimos

E sem o querer ouvir, se recolheu a uma câmara a cear e dormir; e o comendador ficou agastado, imaginando no caso, sem saber porque estava El-rei melancólico dêle. Nem entendia o que havia de responder a suas preguntas; e quando lhe representava a imaginação que se fôsse (1), em tal caso tinha maior pena, pela esmola que os pobres perdiam dêle, se, por padecer seu destêrro, deixasse a Comenda.

E com isto se saiu a passear pela horta daquela sua casa, em a qual estava por hortelão um virtuoso homem, que na idade, fisionomia do rosto, e fala, se parecia muito ao comendador e diferençava no traje sómente; tanto que algumas vezes, querendo por passatempo fazer festa, se vestia o hortelão das roupas do senhor, e levemente (2) se enganavam os criados da casa.

E andando assim passeando, foi vista sua tristeza do hortelão, que era virtuoso e de boa criação; e foi-se (3) ao senhor, ao qual

(1)=*que partisse, desterrado por ordem de El-rei.* Parece que o narrador se esqueceu de que tinha falado pouco antes em condenação à morte, e não a destêrro.

(2)=*fácilmente.*

(3)=*dirigiu-se.*

afincadamente pediu por mercê que lhe desse conta da sua paixão, que poderia ser que por seu meio lhe daria Deus algum remédio; e, quando não fôsse assim, ao menos em publicá-la desabafaria mais levemente (1).

O senhor, que sabia que êste hortelão era homem de muita habilidade e saber, lhe contou o caso, como se passava com El-rei. E mais além disto disse-lhe de si:

—O que aqui mais sinto é que amanhã havia eu de partir a esmola com os pobres, segundo meu costume; e com esta vinda de El-rei convêm que o deixe de fazer, por ir ter com Sua Alteza pela manhã. E assim deixo de fazer o que soía (2) a fazer, e é serviço de Deus e meu gôsto, e irei responder ao que não sei; nem queria ir a isso, porque tenho temor que suceda de ali algum mal sem eu ter culpa.

O hortelão, que era muito sisudo, disse:

—Senhor: tudo se remediará com uma cousa. Mandai-me chamar pela manhã por um homem, dizendo que quereis que eu vá partir as esmolas em vosso nome, porquan-

(1)=*ficaria mais aliviado, desabafado.*
(2)=*costumava.*

to está aqui El-rei e vós quereis ir para êle. E, eu lá (1), ambos daremos remédio a tudo como seja bem. Confiai em Deus que sempre provê nas maiores necessidades, que êle vos proverá em esta.

O comendador, que tinha experiência que êste hortelão era mui sagaz em suas cousas, se esforçou (2); e, ficando na câmara, como foi manhã lhe mandou dizer por um homem de sua casa que viesse ali, para que êle desse as esmolas aos pobres, porque se queria ir a falar com El-rei.

O qual homem foi e o chamou. E o hortelão, que esperava aquele recado, tanto que lho deram foi logo, e ia dizendo pelo caminho:

—Hoje reparto eu. Todos me hão-de obedecer, senão saberá o sr. D. Simão como me tratam, que êle me mandou chamar para me dizer o que hei-de fazer.

E tanto que entrou na câmara (3), disse:

— Senhor: o que é necessário fazer para remédio da afronta em que estamos é que

(1)=*desde que, uma vez que eu lá vá.*

(2)=*cobrou ânimo.*

(3) Isto é: *no quarto onde D. Simão estava sòzinho.*

dispais essas roupas e vistais estas minhas. E saireis daqui fingindo ser eu, pois que sabeis o que haveis de fazer na repartição da esmola. E eu fingirei ser vós e irei ter com El-rei, que já tenho cuidado tudo o que hei-de dizer e fazer para, com ajuda de Deus, livrar a vossa pessoa e a minha da afronta (1) presente.

O que tudo se fêz assim. O comendador foi dar a esmola como tinha de costume, vestido no hábito de hortelão, e com seu nome; e em-quanto a dava, rogava a Deus Nosso Senhor que livrasse de mal a êle e a seu hortelão. E o hortelão, no hábito e nome do comendador, foi falar a El-rei.

E isto foi feito com tanto segrêdo e resguardo, que ninguêm na casa o soube nem o suspeitou. E o fingido comendador começou a passear à porta da câmara onde El-rei dormia; e, tanto que sentiu que estava vestido, lhe mandou recado que estava ali para lhe dar a resposta do que Sua Alteza preguntara ontem.

El-rei folgou disso e saiu para fora, a um corredor que ali se fazia (2), que ia ter sôbre a

---

(1)=*dificuldade.*
(2)=*havia, se formava*

horta. E, postos ambos ali, disse o hortelão, fingindo ser o comendador:

— Ontem preguntou Vossa Alteza três preguntas a que, respondendo, digo: Que quanto à primeira (que é *aonde está o meio do mundo*) lhe afirmo que está ali.

E, lançando mão de um arremessão (1), de muitos que naquele corredor estavam, o pregou na horta, fazendo com êle formoso tiro (2).

—E para provar isto digo que o mundo é redondo, e ninguêm diz o contrário; e, sendo tal como é, em qualquer parte é o meio dêle, como se pode ver em uma bola redonda, a qual aonde lhe puserem o dedo é o meio dela. ¿Está Vossa Alteza nisto satisfeito?

El-rei disse:

— Sim. Dizei as outras.

Êle respondeu:

—A segunda pregunta é *quanto é daqui da terra ao céu*. Saiba Vossa Alteza que isto tem medida igual (3)—e é *uma vista de olhos*. Abaixe os olhos ao chão, e logo le-

(1)=*dardo* ou *lança de arremêsso*.

(2)=*dispondo-o, colocando-o muito bem*.

(3)=*certa, constante, indivisível*.

vante-os ao céu, que com uma só medida chegam; e mostra-se que é, como digo, uma vista de olhos...

El-rei lhe disse:

—Bem respondestes; livre estais das duas. Porêm a terceira, tenho para mim que nunca acertareis.

E êle disse:

—A essa melhor (1), Deus querendo. Porque a terceira é que hei-de dizer que é o que Vossa Alteza cuida no seu coração a esta hora de agora. E porque isto não tem outro juiz senão êle mesmo (2), eu lhe peço que o queira ser justo, como o é em tudo o mais. E, respondendo, digo que a esta hora Vossa Alteza, com todo o seu coração, cuida que está falando com D. Simão, o comendador; e fala com seu hortelão, que eu não sou êle, mas o hortelão da sua horta, que (3) sua pessoa no serviço de Deus está empregada. E, se o quere ver vestido de minhas roupas, está dando esmolas aos pobres que mantêm cada dia nesta Comenda. E porque hoje Vossa Alteza o chamou, e êle tinha

---

(1) Isto é: *a essa ainda melhor responderei.*
(2) El-rei.
(3)=*porque*

aquilo que fazer, trocámos os vestidos, para que, fazendo êle uma cousa, pudesse eu fazer outra e ajudá-lo.

El-rei, vendo a habilidade dêste homem, e que em tudo dissera bem, quis saber dêle com juramento a vida do comendador e seu exercício (1). O qual lhe disse miúdamente tudo o que fazia, e como repartia sua renda, assim e da maneira que fica dito atrás, que El-rei folgou muito de saber, e disse que queria ir a ver.

Assim foi, e viu tudo miúdamente; e entre os que ajudavam o comendador viu que andava ministrando o mau servo que lhe foi com o mexerico mentiroso. E o mandou prender, e foi condenado a perder todos os seus bens para o comendador, e a pessoa em perpétuo destêrro. E ao hortelão dava El-rei cargos honrosos na côrte, por que andasse nela, o que êle não aceitou, por servir a seu senhor, que lho agradeceu e pagou, tratando-o dali por diante como irmão carnal.

E despedindo-se El-rei do comendador, lhe mandou dar das rendas da Coroa dois mil cruzados cada ano para esmolas, vendo como as fazia.

---

(1)=*procedimento*

Perdoando ao mau servo, o comendador lhe tornou a fazenda por amor de Deus e o tornou a meter em casa, o que êle não soube agradecer, mas (1) fêz outros delitos a El-rei, com que perdeu a vida, que assim acontece aos maus.

Mas o bom comendador permaneceu nesta obra até o fim de seus dias, fazendo-o cada vez melhor, mantendo cada ano mais gente, e sem se diminuir sua fazenda. Que Nosso Senhor usa suas maravilhas de tal maneira, que vemos claramente que das esmolas não se empobrece, e furtar o alheio não enriquece. E o envejoso se perdeu, e o caritativo se salvou; e o Senhor pelas esmolas nos perdoa pecados.

(*Parte Primeira, Conto* XVII, com pequenas supressões).

1) Subentenda-se: *não contente com isto.*

XIII

A B C MORAL (1)

Senhora:

Agora me deram um recado da parte de Vossa Mercê, em que me pedia lhe mandasse um A B C feito de minha mão, que queria aprender a ler, porque se acha triste quando vê senhoras da sua qualidade, que na igreja rezam por livros, e ela não.

Verdadeiramente folgo que deseje saber ler para rezar, que é bom. Porêm, já que não aprendeu na meninice em casa do senhor seu pai com suas irmãs, deve agora contentar-se com as contas, pois não sabe ler. E por elas rezando muitas vezes a Sau-

---

(1) O título dado por Trancoso a êste artigo é o seguinte: «Conto XIX, que é uma carta do Autor a uma senhora, com que acaba a primeira parte destas histórias, e contos de proveito e exemplo. E logo começa a segunda, em que estão outras histórias notáveis e graciosas e de muito gôsto, como se verá nela.»

dação Angélica (1), que o Anjo disse à Virgem Nossa Senhora; e a oração do Padre Nosso, que Cristo Nosso Senhor ensinou a seus discípulos, é tão bom e basta tanto, que não há mais que desejar, nem melhores orações que rezar. Vossa Mercê deve usar delas e deixar o desejo de saber ler, pois já é casada e passa de vinte anos de idade.

Porêm, se êste conselho não lhe parece bom; ou, ainda que o é, se a não satisfaz, por obedecer a seu rôgo, fazendo o que me pede lhe mando aqui com esta um A B C que Vossa Mercê aprenda de cór; e, sabido, brevemente com a ajuda de Deus aprenderá o mais que fôr necessário.

O qual é que o A quere dizer que seja amiga de sua casa; o B, bem-quista da vizinhança; o C, caridosa com os pobres; o D, devota da Virgem; o E, entendida em seu ofício; o F, firme na fé; o G, guardadeira de sua fazenda; o H, humilde a seu marido; o I, inimiga de mexericos; o L, lial; o M, mansa; o N, nobre; o O, onesta; o P, prudente; o Q, quieta; o R, regrada; o

(1)=*a Ave-Maria.*

S, sisuda; o T, trabalhadeira; o V, virtuosa; o X, xã (1); e o Z, zelosa da honra.

E quando tiver tudo isto anexo a si, que lhe fique próprio, creia que sabe mais letras que todos os filósofos. E porque confio em Vossa Mercê que o experimentará e achará certo, não me alargo, mas rogo a Nosso Senhor a tenha de sua mão, e a mim me dê graça com que o sirva.

---

(1) Noutras edições o *X* está para *cristã*. (*X pãa*, na edição de 1624).

XIV

O QUE DEUS FAZ É POR MELHOR

Havia um médico, bom homem, na côrte de um poderoso rei, sem refôlho de malícia, que, visitando Sua Alteza, ainda que o achasse afligido com qualquer trabalho ou dor, não mostrava entristecer-se; mas, aplicando os remédios que entendia lhe eram necessários, consolava a El-Rei, dizendo que não se agastasse; que sofresse seu trabalho com paciência, pois lhe vinha da mão de Deus; porque tudo o que Deus faz é por melhor. Pelo qual (1) aquela dor ou trabalho, tomada como cousa dada por Deus, e crendo que tudo o que Deus faz é por melhor, não se sentia tanto.

Algumas vezes aceitava El-Rei êste dito,

---

(1) Entenda-se assim: *Pelo qual motivo, tomando aquela dor ou trabalho como cousa dada por Deus, e crendo,* etc.

consolando-se em uns sucessos, e não queria aceitá-lo nem ouvi-lo em outros; e o bom homem, que o tinha por costume, sem nenhum dobre de malícia o dizia geralmente por tudo.

Aconteceu que morreu o principe herdeiro do reino, pelo que El-Rei esteve encerrado e muito triste. E querendo êste médico visitá-lo e consolá-lo, como todos faziam, o fêz com as palavras de seu costume, dizendo-lhe:

— Senhor, não vos agasteis tanto, que seja ocasião de perda de vossa pessoa; que o Princípe morreu em vossa casa da mão de Deus, e tudo o que Deus faz é por melhor. Deixai imaginações, e rogai-lhe a Deus pela alma.

El-Rei não teve paciência a êste dito em tal tempo, e disse:

— ¿Que pior me podia ser a mim acêrca do Príncipe, que morrer-me êle? Prometo de me vingar de êste simples, e ver se lhe será por melhor a morte que lhe mandarei dar, se deixá-lo viver.

E chamou dois homens que eram para isto, e disse-lhes:

— Ide após Fuão, que agora vai daqui, e dizei-lhe que lhe quereis dar um recado

meu; e, como chegar a ouvi-lo, matai-o, que eu o mando. Não temais a justiça.

Os quais foram a casa do médico e acharam a porta da escada fechada; porque, como todos traziam dó pelo Principe, e êle também, quando chegou a casa vinha muito afrontado, e despiu-se, para desabafar, ficando em calças e gibão. E por não ser achado assim, se alguêm o buscasse, que lhe pareceu estava desonesto, mandou cerrar a porta da rua.

Os que o vinham matar, batendo, disseram que traziam recado de El-Rei; e o médico, alvoroçado com isto, lançou sôbre si o capuz de dó, e quis ir diante dos moços, a abrir-lhes a porta. Com a pressa, ao descer, empeçou no capuz, e caiu pela escada tão grande queda, e de tal maneira se atravessou na porta, que quebrou uma perna pela coxa, de que dava grandíssimos gritos.

Acudiram os servidores de casa; e, tirando-o dali, o lançaram na cama, que os brados que dava era lastimosa cousa de ouvir.

Foi curado por dois de sua casa, como êle mandou, e respondido aos homens que estavam á porta que se fôssem e dissessem a Sua Alteza o que acontecera. Êles o fizeram assim, e o médico esteve mais de seis

meses em uma cama, que cuidaram morresse daquilo. Porêm sarou; e depois que se ergueu, coxeando da perna, foi beijar as mãos a El-Rei; e El-Rei, vendo-lhe o defeito que tinha e o trabalho passado, o quis consolar com palavras meigas; mas o médico, pelo costume que tinha, não aceitou consolação, mas disse a El-Rei:

— Senhor: isto ninguêm me fêz. Permitiu Deus que fôsse assim. Não me pesa disso, porque creio que tudo o que Deus faz é por melhor.

Ouvido por El-Rei, e visto como em coisa própria, e de tanto seu dano, também dizia aquilo, e se conformava com a vontade de Deus, teve-o dali por diante por bom homem e perdeu o rancor que contra êle tinha. E, visto na verdade ser por melhor o quebrar-lhe a perna, que, se a não quebrara, morrera, como êle mandava, lhe fêz mercê para seu gasto, e aceitou seu conselho.

Conformemo-nos com a vontade de Deus, tomando por bem tudo o que vem de sua mão; crendo que, como pai, sempre nos dá o melhor para nosso proveito espiritual. Não cuidemos que quando castiga nossas maldades é cruel; que sempre é pie-

doso e nunca nos castiga tanto como nós merecemos; e quando nos faz mercê, sempre nos dá mais do que lhe servimos, sem falta; e, querendo que nos salvemos, leva a cada um pela via que mais lhe convêm; e, assim, *tudo o que faz é por melhor.*

Èle seja servido que o conheçamos, e façamos seus mandamentos, e nos conformemos com sua vontade, para que por isto, e por sua misericórdia, no fim da vida nos dê a glória. *Amen.*

(Parte Segunda, Conto III)

XV

AS IRMÃS ENVEJOSAS

Um rei mancebo, de idade de vinte dous anos, virtuoso e casto, que até esta idade não tinha conversação de mulher alguma, requerido dos seus que casasse, para que houvesse filhos que sucedessem no reino, e desejoso de achar na sua própria terra mulher para isso, recusava o casamento de muitas mulheres forasteiras que lhe traziam.

Queria êle que a mulher fôsse de virtuosos costumes, claro sangue e boa vista, sem ter respeito à fazenda (1). Porque, como rei, já que a queria de seu reino, entendia que não podia ser desigual a seu merecimento, pelo qual (2), por dote, queria que tivesse estas três cousas.

---

(1) = *sem êle, rei, fazer questão de dinheiro ou dote.*

(2) Subentenda-se *motivo.*

E andando, com esta imaginação, passeando um dia por uma rua, saíam as gentes, como é costume, a ver El-rei. E assim saíram certas mulheres, tôdas formosas, a uma janela; e quando El-rei passou ficaram falando umas com outras.

El-rei, que as ouviu, por (1) saber o que era chamou a si fidalgos que estiveram mais perto, e as ouviram e entenderam, e preguntou-lhes que ficaram dizendo.

Foi-lhe respondido:

— Senhor: uma disse que, se casasse com Vossa Alteza, se atreveria a fazer de suas mãos lavores de ouro e sêda, tão ricos e tanto em vosso serviço, que, se se avaliassem, valessem tanto dinheiro, que bastasse para gasto da mesa. Outra respondeu que aquilo era muito; mas, se ela tivesse tal dita que casasse com El-rei, lhe faria camisas e outras cousas, de que tivesse necessidade, que o feitio delas valesse tanto como tudo o mais que Sua Alteza vestisse e calçasse. E a outra respondeu a ambas:

— Não sabeis o que dizeis, nem vale todo vosso lavor, tão estimado, tanto que baste

(1) = *para.*

para vossa mantença. Eu vos digo o que faria, se Deus me chegasse a êste estado de casar com El-rei meu senhor: de seu ajuntamento, querendo Deus, lhe daria dous filhos formosos como o ouro e uma filha mais formosa que a prata. A qual promessa, ajudadas de Deus, as mulheres podem cumprir; ¡e essoutras que vós, senhoras, dizeis, são palavras de vento!...

— Isto era o que as mulhes diziam.

El-rei folgou de o ouvir; e, notando as considerações em que elas estavam, propôs de casar com uma delas, se Deus lho ordenasse, sendo pessoas para isso.

Chamou quem as conhecia e, preguntando por elas, foi-lhe dito que eram da nobreza e fidalguia mais antiga do Reino, e cada uma por si mui formosa. E quanto aos costumes, não se achou quem dissesse bem nem mal, porque com ninguêm tinham conversação.

El-rei, visto isto, mandou chamar donas de título, e senhoras, a quem deu conta, e diante das quais quis falar com estas donzelas, para se determinar qual tomaria por mulher.

E logo fèz vir ante si a mais velha, que, vista, foi julgada por muito formosa, sem

esperança que outra o seria mais, nem tanto.

El-rei lhe preguntou:

— O que prometestes fazer, estando na vossa janela, se eu casasse convosco ¿atreveis-vos a cumpri-lo?

Ela se envergonhou, e, mudada a côr disse:

— Senhor, de palavras de moças não lance Vossa Alteza mão. Se quere servir-se de mim, ainda que o não mereço, farei em seu serviço tudo o que minhas fôrças bastarem.

A todos pareceu bem a resposta; e El-rei a fêz recolher, e vir a segunda. A qual, depois de apartada a primeira, por todos foi estimada (1) por mais formosa que a irmã. Porêm nas preguntas, o que a esta aconteceu foi assim como à primeira; pelo que El-rei a fêz recolher, e vir a menor, que, vista dos presentes, ficaram admirados de sua grande formosura, que claramente mostrou ser ela a mais formosa de tôdas.

El-rei lhe preguntou se se atrevia a cumprir o que prometera passando êle por ant

(1)=*considerada, julgada.*

as suas janelas; e ela, muito envergonhada, respondeu:

—Senhor, sim, com as condições que então disse.

E fazendo-se de uma côr tão viva, que acrescentou muito em sua grande formosura, lhe fêz El-rei que dissesse o que prometera, e ela disse:

—Senhor: prometi que, querendo Deus, e sendo ditosa que com Sua Alteza casasse, lhe daria dous filhos formosos como o ouro e uma filha mais formosa que a prata. Isto disse confiada em Deus, primeiramente sobretudo, e em Vossa Alteza e em mim mesma. Porque quererá Deus que os filhos sejam conformes a nós; e, sendo tais, serão mais formosos que o ouro.

Coube isto em tanta graça a El-rei, que a recebeu por mulher, e se fizeram grandes festas que duraram muito, e El-rei trouxe para casa da Rainha as suas duas irmãs, que a acompanhassem e servissem, e elas fôssem servidas e tratadas como irmãs da Rainha sua mulher.

Na verdade, elas, por suas presenças, parecia que mereciam tôda a honra; e assim vieram ao Paço, e El-rei fêz vida mui amorosa com a mulher, tratando-a com

tanta veneração e honra como se fôra filha do maior rei do mundo, o que ela por suas muitas virtudes lhe merecia.

Porêm durou pouco tempo; porque, como o demónio tem por costume em semelhantes lugares danar e meter cizânia, assim o fêz entre as irmãs da Rainha com ela.

Vendo que, sendo menor, era a mais honrada, elas não tinham paciência para o sofrer; e não olhavam que, estando assim menos que sua irmã, estavam em maior grandeza que nenhum da sua geração antes delas; e que dali podiam casar altamente.

Com a enveja que tinham do estado da Rainha, ambas de um conselho (1) buscavam todo o dano, e como a pudessem empecer, e tirar da alteza e honra em que estava, não agradecendo a Deus e a ela as grandes honras e mercês que cada dia lhes fazia.

Ensinadas pelo demónio, que é pai de tôda a maldade, de sua indústria e com falsas testemunhas publicaram com falsidade que a Rainha dera à luz monstros peçonhentos, e não criaturas; do que o Reino todo se alterou. E El-rei aborreceu tanto a

(1)=ambas concordes.

sua mulher que, lançando-a fora de casa, não lhe permitiu em todo o Reino lugar algum em que tivesse repouso nem quietação.

As irmãs lhe buscavam tanto mal, que o faziam a quem a recolhia ou lhe queria bem; de modo que, de Rainha, veio a ser a mais pobre e abatida mulher de serviço que em seu tempo houve na terra. Porèm, como virtuosa, permaneceu em tôda a limpeza; e para melhor o poder fazer se fingiu forasteira, e por mulher de serviço novamente vinda à terra (1) a recolheram em um mosteiro de freiras para servir dentro de casa; porque a sua presença, e a honestidode com que ela o foi pedir, mostraram ser ela de mais merecimento do que dizia.

Ali esteve recolhida, depois que El-rei a lançou fora, por muitos dias. E ainda que nos primeiros serviu como ela sempre quisera, as madres piedosas não lho consentiram ao diante, porque logo se suspeitou entre elas que devia ser pessoa de muita qualidede, ainda que sempre o negou.

E, por esta presunção que as Religiosas tinham, a recolheram entre si, escusando-a

(1)=recèm-chegada àquela terra.

de serviços, e mandando que fôsse servida igualmente como uma delas, porque sempre se achou nela que o merecia.

E esteve em êste encerramento mais de quatro anos.

*

* *

Neste tempo que a Rainha era fora do Paço, as irmãs procuraram ilícitamente ver se podiam agradar a El-rei, de maneira que, esquecido da Rainha, se afeiçoasse a alguma delas, procurando isto cada uma por si o mais que podia, o que El-rei entendeu.

Dissimulando e apartando-se da conversação delas, fazia El-rei que as não entendia; e quando se achava só, dizia mal da fortuna, que lhe apartara da sua presença a cousa do mundo que êle mais amava, que era a Rainha sua mulher, ordenando (1) que houvesse causa para êle a apartar de si.

Com esta dor viveu todo êste tempo, em o qual, ainda que lhe lembrava quão bem estava com a Rainha e que lhe dava pena seu apartamento, todavia, parecendo-lhe que

(1) =*dispondo* (a sorte).

tinha razão para isso, nunca permitiu que fôsse buscada, nem quis saber novas dela.

Para consolação do desgôsto que trazia consigo não tinha outra recreação senão ir muitas vezes em um barco pelo mar, ao longo da terra, por espairecer. Algumas vezes pescava, e outras ia à caça, ao longo de umas ribeiras que se vinham ali meter no mar, e onde por vezes achava garças, e outras aves que lhe davam algum contentamento.

Costumando isto, aconteceu que um dia, ao longo de uma ribeira acima, viu à borda da água uma casa feita de novo, ao parecer dos olhos formosa, e posta em um sítio para gozar (1) dos ares, e vista do mar e terra.

Chegando perto, e desejando saber cuja era, viu a uma janela um menino que seria de sete anos, de muito formoso rosto, pobremente vestido. E preguntou-lhe:

—Filho: ¿quem mora nesta casa?

E o menino, com muita discreção, disse:

—Senhor: mora meu pai, que agora não está aqui. Se Vossa Mercê quere que chame minha mãe, virá logo.

---

(1)=*próprio para gozar*

E neste tempo outro menino de menos idade dizia dentro:

—Senhora mãe: está aqui um fidalgo à nossa porta...

A esta conjunção saíu uma mulher à porta da rua com uma menina pela mão, pequenina, e disse:

—Senhor: ¿que manda Vossa Mercê?

El-rei, que tinha pregados os olhos e coração nos meninos que via, tendo no sentido que, se Deus fôra servido dar-lhe filhos da Rainha sua mulher, já houveram de ser daquele tamanho, lhe disse:

—Vejo estas casas ao longo desta ribeira e estes meninos tão formosos... Folgaria de saber cujo isto é.

Ela respondeu:

—Senhor: as casas e os meninos são meus e de meu marido, para servir a Vossa Mercê.

El-rei, que tinha os olhos fitos nêles, disse:

—Dona: as casas creio que são vossas; mas os meninos... Sois já de dias (1), que parece não deveis ter tão pequeninos filhos.

---

(1)=*já idosa.*

Porêm, antes que me parta daqui saberei a verdade. Por isso chamai vosso marido.

E ela, turbada, lhe disse:

—Senhor: diz Vossa Mercê isto com tanta autoridade, que suspeito que é pessaa de maior merecimento do que eu imagino. E, porque não erre falando, antes de passar adiante (1) me faça mercê de dizer-me quem é, que pode ser pessoa que eu lhe diga (2) o que me pregunta, e não esperará a vinda do meu velho, que é no mar a pescar.

A El-rei pareceu mui bem a fala desta mulher, e lhe disse:

—Dona honrada: sou El-rei, e quero saber cujas são estas casas e êstes meninos. Ainda que venha só, não duvideis do que digo e respondei-me ao que vos pregunto.

Ela se lhe humilhou muito, e com os joelhos no chão pediu que lhe perdoasse não lhe haver falado até ali com a cortesia que devia; e, ao que preguntava, soubesse que as casas eram suas, para servir a Sua Alteza; mas que os meninos ela não sabia cujos filhos eram; não sabia mais que ter-lhos trazido seu marido, um a um, pequeninos, nas-

---

(1) =*antes de eu prosseguir na conversa.*

(2) =*a quem eu diga.*

cidos daquele dia, para que os criasse. E ela, por sua indústria, e com ajuda de uma outra mulher de outro pescador, que era companheiro de seu marido na barca, os criara. Que o marido lhe podia dar razão (1); que fôra aquela manhã fora, e viria à noite, Deus querendo.

Então disse El-rei:

—Pois dizei-lhe que amanhã ao jantar vá ter comigo ao Paço, e leve estas crianças para me dizer o que sabe delas, que o hei-de esperar sôbre mesa.

E ela assim lho prometeu.

*

* *

Ido El-rei, como (2) se meteu ao longo da ribeira, já acompanhado de muitos dos seus, e iam buscando se descobriam alguma caça, como ali costumavam achar, viu Sua Alteza umas lapas, que parecia que outro tempo foram pedreiras de tirar pedraria. E de dentro saiu uma mulher que trazia os

---

(1)=*conta, explicação do caso.*
(2)=*quando.*

cabelos muito grandes, soltos e pretos, e os vestidos muito rotos.

Assim como ela saiu, e viu a El-rei, e que êle a vira a ela, com muita diligência se tornou a meter para dentro, por se esconder. Mas, como foi vista, El-rei a seguiu; e como ia em um bom cavalo, asinha (1) a alcançou.

Chamando por ela, que já se metia entre aquelas lapas, não pôde ela menos que sair e responder ao que lhe preguntava El-rei:

— ¿Quem sois, e porque estais neste ermo?

Ela, que conheceu muito bem que era El-rei que lhe falava, lhe disse:

—Senhor: ¿para que quer V. A. saber a vida de uma mulher desventurada, que em penitência de seus pecados faz desta maneira que agora vê? Recolha-se, pelo amor de Deus. E deixe-me acabar a vida e a minha penitência...

E com isto chorava tão fortemente, que era maravilha. El-rei, que viu que era conhecido dela, e que, por muito que lhe rogou, não quis dizer quem era, nem porque estava em tão solitário lugar, desejoso de o

(1) *depressa.*

saber a fêz tomar por dous homens. E, queixando-se ela que não era honesto ser dêles maltratada, El-rei lhe mandou dar uma capa-de-água sua e um sombreiro, com que se cobrisse; e que a pusessem em ancas de uma mula, e que um escudeiro com muito resguardo e honra a levasse ao Paço, e sem que fôsse vista de outra pessoa alguma a tivesse, até que êle chegasse. O que se fêz assim. E, chegando El-rei, mandou a algumas donas de que se confiava muito que a vestissem, como ela se quisesse vestir, para lhe falar ao outro dia ao jantar. Porêm que até então não a deixassem ver, nem falar com outra pessoa.

Ao outro dia, chegadas as horas de recolher a mesa, trouxeram aquela mulher por mandado de El-rei, que de novo lhe preguntou quem era, e porque andava daquela sorte.

E ela, cheia de lágrimas e soluços, disse:

—Senhor: saberá V. A. que eu nasci em casa da mãe da Rainha minha senhora. Criei-me com ela e com suas irmãs, e em sua companhia vim ao Paço—o que não devera, pois minha vinda foi para tanto mal como eu fiz...

A êste tempo esmoreceu, e caiu, que não

podia falar, nem bulir pé, nem mão. Acudiram-lhe as donas com remédios, e El-rei se chegou a ela e a esforçou, rogando-lhe que se consolasse em qualquer tribulação que fôsse a sua, e que lhe desse conta do que lhe preguntava, que êle lhe faria mercês.

Lançando-lhe água no rosto, com amorosas palavras a esforçaram; e ela, tornando em si e suspirando, tornou à prática, e disse:

—Estando eu nesta casa em muito vício, favorecida da Rainha minha senhora e de suas irmãs, elas me apartaram (1) um dia, e me disseram que S. A. ia ter o primeiro menino e que elas tinham determinado mostrar a El-rei um grande sapo, e dizer-lhe que êste era o filho da Rainha. Que tomasse eu com diligência a criança, que elas ma dariam envôlta em panos, e a fôsse lançar ao mar. Que isto faziam, para que não acertasse a ter filho, como prometera; que elas não podiam sofrer que a menor irmã fôsse senhora das mais velhas.

«E eu, desaventurada de mim, por lhes ganhar a vontade (2), sem atentar o muito

(1)=*me chamaram de parte.*
(2)=*a boa vontade*

que nisso perdia, quis fazer (1) o que mandavam. Aceitei aquilo; tomei a criança acabada de nascer, a mais formosa que vi em meus dias. Envolto em uma mantilha, com outras toalhas ricas debaixo, mo deram, encarecendo-me que importava muito lançá-lo no pego do mar; e que não tivesse cobiça da mantilha, ainda que era rica e com barras de veludo verde atorçaladas de ouro, porque elas me dariam jóias ricas, e tantas, que não tivesse saudade daquilo.»

«E logo, em minha presença, tiraram um grande sapo que tinham em uma panela, e o embrulharam ; e, isto feito, gritaram, fingindo que era do mêdo do sapo, e lançaram a fugir, e eu juntamente com elas. Com esta revolta (2) tive tempo de me sair do Paço, levando a criança comigo sem que ninguêm me sentisse, deixando na câmara e na sala tantos gritos e alvoroços espantosos, que era pasmo o que todos faziam. Uns diziam que o filho da Rainha era um sapo, outros diziam outra cousa.»

«De tudo V. A. se lembrará, que era pre-

(1)=*aceitei, resolvi fazer.*
(2)=*confusão, levante.*

sente. Quando me vi na rua, encaminhei para o mar; e como todos corriam para o Paço, não se atentou para mim, e fui ter àquele lugar onde Vossa Alteza me achou. Desembrulhei a criança, que era varão, formoso como um anjo. Temi de lançá-lo no mar, crendo que Deus me castigaria gravemente, e a guardei, a ver se vinha por ali alguèm; e nisto vi vir um velho pescador. Deixei a criança embrulhada nos fatos, como vinha, e lancei a correr, fugindo. Èle, como me viu deixar aquele vulto vermelho, foi ver o que era; e eu, que esperava o que èle fazia, como lho vi erguer do chão, e levá-lo para casa, tornei ao Paço com o rosto ledo, e disse às senhoras que o lançara no mar fora. Porêm o menino ficou em poder do pescador, que não sei o que faria.»

«As senhoras foram contentes do que eu disse que fizera, fizeram-me grandes mercès, e esteve èste segrêdo encoberto nelas e em mim. E desta maneira que contei aconteceu outra vez, quando levei o segundo Infante, formoso como um serafim, em um mantéu branco com barras de veludo azul, lavradas de trochados (1) de seda laranjada;

(1) = *lavores*, **bordados**

e parece que, com pressa, foram atadas as toalhas dentro com umas trançadeiras (1) de encordoar os cabelos, que eram mui ricas. Ao sobressalto que mostraram ter, quando disseram que o segundo filho da Rainha era uma cobra, fugindo tôdas, fugi eu tambêm; e levei o Infante ao próprio lugar aonde levara o outro; e, em eu chegando, o pescador me apareceu diante, e eu, que o vi, lancei a fugir, deixando o que levava, como já fizera da outra vez.»

«O velho me viu, e quisera que o esperasse, chamando-me com meiguices. Eu fiz que o não entendia; e êle, tomando a segunda criança, se foi aonde nunca mais soube dêle. Tornei-me ao Paço e disse que o lançara no mar, como o primeiro; pelo qual tambêm me fizeram mercês. E neste tempo estava neste Paço V. A. e todos os seus liais vassalos, tão tristes pelos filhos da Rainha serem alimárias peçonhentas, e não criaturas racionais, que não havia contentamento em nada, do que V. A. mesmo pode ser boa testemunha. Porêm, antes de outro ano, ou nêle, veio a Rainha a ter uma menina; e porque

(1) = *fitas de trançar os cabelos.*

não posso, com a dor de alma, especificar já mais pelo miudo isso, o direi em suma. Chegada a hora que Deus foi servido, me deram a criança envôlta em uma mantilha de cetim verde, forrada de veludo de Bragança branco, chã (1), sem guarnição alguma, com ricas toalhas debaixo, atadas com um cordão de retroz azul, que tinha uns nós muito curiosos de ouro e aljôfar. E fingiram, como de antes, haver a Rainha tido uma toupeira, que tinham para isto prestes; e no espanto e alvorôto disto, quando fugigiram, fugi eu, e fui ter à borda da água, ao lugar onde deixei seus irmãos; e vi que levava uma menina, cuja beleza e formosura não sei encarecer.»

«Estando contemplando comigo a grandeza de Deus, que tal criara, e como eu o ofendia e era algoz de inocentes, e que por mim se perdia tanto bem na terra — esmoreci (2). Quando acordei, achei o pescador comigo, que me tomava a criança e, pegando em mim, quisera-me deter. Mas, como êle era velho, e eu moça e valente, tirei por

(1) = *lisa.*
(2) = *desmaiei.*

mim tão rijo, que lhe fugi das mãos, deixando-lhe a criança. E porque me temi que me buscasse no Paço, não quis tornar a êle e meti-me naquelas lapas onde Vossa Alteza me achou, e em que, haverá bem quatro anos, estou comendo das ervas que nascem ao longo da ribeira, e bebendo da água do rio. E isto fiz até agora, com intenção, que, se nunca fôsse descoberto meu delito para ser castigado como mereço, ao menos para com Deus Nosso Senhor tivesse feita alguma penitência dêle, pois cometi contra sua divina majestade tais e tão feios pecados, e contra V. A. tão grande maldade...»

*

* *

El-rei, acabando de ouvir isto, ficou espantado da traição que as irmãs fizeram contra sua irmã. As quais ambas foram chamadas, e viram a donzela, e entenderam (1) tudo o que ela tinha dito; e como tudo era verdade, não tiveram bôca com que o negar, nem rosto para aparecer. E— como

(1) = *souberam*.

que queriam (1) falar uma com outra — se chegaram a uma janela daquela sala, que ia ter ao mar; e abraçando-se ambas, se lançaram dela, sem lho poderem estorvar.

Ainda que El-rei mandou gente que as fôsse favorecer e tirar, não se afogassem, quando chegaram e as tiraram fora, acharam que eram mortas. Todavia se lhes fizeram muitos benefícios e remédios, mas nada lhes aproveitou; porque, do grande golpe que deram, e da água que haviam bebido, morreram; do qual pesou muito a El-rei, que era tão benigno, que, se elas, arrependidas, lhe pediram (2) perdão, lhes perdoara.

Mas permitiu Deus que pagassem o grande mal e dano que fizeram à Rainha sua irmã, e aos Príncipes e Infantes seus sobrinhos.

Ainda a gente do Paço não estava de todo sossegada deste alvorôto, quando entrou pela porta o velho pescador e sua mulher, e a mulher do companheiro que andava com êle na barca.

Os dous velhos traziam no colo os dois infantes, e a outra mulher a infanta. E, che-

(1) = *fingindo que queriam.*
(2) = *pedissem.*

gando ante El-rei, o velho se adiantou de sua companhia e disse alto, que todos o ouviram:

— Senhor: eu vivo meia légua desta cidade, pouco mais; e de meu ofício, que é pescador, me mantenho, com uma pobre barca em que andamos, eu e outro companheiro, marido desta mulher que aqui está, o qual fica olhando pela barca. Disseram-me que ontem passara V. A. pela porta da casa em que vivo, e, vendo estes meninos, preguntou cujos filhos eram. E porque minha mulher lhe não deu razão suficiente, V. A. mandou que viesse eu aqui, e que os trouxesse, que queria saber cujos filhos eram tão formosos meninos. Pelo que eu vim, e os trago comigo, como V. A. vê; porêm ainda que lhe diga tudo o que dêles sei, por derradeiro não sei dizer-lhe cujos filhos são.»

«Saberá que êste é o mais velho, e eu o achei ao longo da praia, nascido daquele dia, que não sei por que desventura o lançou ali uma donzela, que o pôs e fugiu. Èle vinha envolto em ricas toalhas e numa mantilha fina de escarlate (1), que tudo lhe tive

(1) *Escarlate* ou *escarlata* = pano fino de lã ou seda.

guardado; e a mantilha a trago aqui, que é esta.»

E logo mostrou a mantilha em que a donzela disse que fôra envolto o primeiro filho da Rainha. Mostrando o outro menino, disse:

— Daí a pouco mais de ano, aquela mulher, ou outra, trouxe ao mesmo lugar outro menino, envolto em estoutro fato, que minha mulher traz.

E mostrou o mantéu branco bordado de veludo azul, e as toalhas, tudo assim como a donzela disse que o levara com o segundo filho. E depois, mostrando a menina que a mulher do companheiro trazia, disse:

— E daí a outro ano, pouco mais, passando pelo próprio lugar, achei aquela donzela com esta menina no regaço. Ela estava esmorecida, e eu lancei mão dela, por (1) saber quem lhe mandava fazer tanto mal. Pôs-se-me em defesa; e eu, por acudir à menina, que a esta hora chorava muito, a deixei ir. Tomada a menina ao colo, a levei para minha casa, como costumava fazer aos outros; e a cada um a seu tempo fiz batizar. Trouxe esta mulher para minha casa,

(1) = *para*.

desde o dia que achei o primeiro menino, a qual lhes deu leite a todos três, que naquele tempo tinha um filho de um mês. E ela traz ali o fato que trazia consigo a menina.

E logo desenvolveu e mostrou a mantilha de cetim verde, forrada de felpa branca, e o cordão azul, e as toalhas, assim como a donzela disse que levava a filha da Rainha. E, depois de mostrada, tornando à sua prática, disse :

— Do meu trabalho e do do marido desta mulher nos mantivemos sempre, graças a Deus, que nos fêz continuadamente tantas mercês, que não nos faz míngua cousa alguma, antes temos já casa de nosso, e na barca as rêdes com que pescamos. . .

Ouvindo isto, e visto o que a donzela dissera, todos os circunstantes a uma voz diziam que todos aqueles três eram filhos de El-rei; e confirmou-se mais (1), em que naturalmente se pareciam os machos com El-rei, e a filha era muito em extremo formosa, que diziam se parecia com sua mãe.

A êste tempo seria já de quatro anos; e,

(1) Subentenda-se: *a afirmação dos circunstantes.*

ainda que vinha no colo da ama, a que chamava mãe, tanto que a puseram no chão fugiu dela, e se meteu entre as pernas de El-rei, dizendo:

— Ah, ah! agora sim, que está aqui meu pai! Não quero ir convosco.

Nestas palavras atentou bem El-rei, e abraçou-a, e teve-a consigo. As pessoas que estavam presentes, e as donas tôdas de casa, vieram, e conheceram todo o fato em que os infantes foram envoltos, que tudo eram peças conhecidas do Paço, e das senhoras (1) irmãs da Rainha. E a morte desastrada que elas tomaram por si acabou de confirmar ser verdade o que a donzela disse, e que aqueles, todos três, eram irmãos, filhos de El-rei e da Rainha.

El-rei assim o teve logo por certo; e, virando-se para a donzela, que ali estava chorando, crendo que lhe dariam cruel morte pelo delito que fizera, El-rei lhe disse:

— Erguei-vos, e recolhei-vos com estas donas e senhoras, que em dia de tantas festas como se devem fazer por descobrimento de tais filhos, não convêm lembrar delitos passados. Eu vos perdôo tudo!

---

(1) Das senhoras = *pertencentes às senhoras.*

E ao velho pescador, e a sua mulher, e à pobre, ama dos infantes, recolheu consigo no Paço. E, mandando chamar ao amo (1), fêz a todos grandes mercês, e os teve sempre em muito estado e honra.

*

* *

Logo El-rei mandou por todo o Reino em busca da Rainha, e que se publicassem as novas do achamento dos três filhos infantes, e da traição das irmãs da Rainha, e da sua morte.

Foi ter esta nova ao mosteiro onde a Rainha estava, e as Religiosas fizeram por esta festa solene procissão por dentro do seu mosteiro, com *Te Deum laudamus.*

Tôdas estavam ledas do contentamento que El-rei tinha; mas sôbre tôdas mostrava o rosto da Rainha tanta alegria em si, que, ainda que o não publicava pela bôca, tôdas viam nela mais alegria que em nenhuma pessoa. E foi tanta, que a Madre Abadessa, com outras donas e religiosas, suspeitaram

(1) Amo = *marido da ama.*

o que era; e, apartando-a, com grandes juramentos inquiriram dela que era mais do que elas sabiam.

A Rainha, vendo que já não era tempo de se encobrir, lhes manifestou e declarou a verdade. A qual sabida, a Madre Abadessa mandou pedir a El-rei, por mercê, que ao outro dia fôsse ouvir missa àquela casa, que tinha que lhe dizer.

El-rei, crendo que lhe queria pedir esmola para a casa, por ser tempo de tanta festa, determinou de lha dar; e com essa intenção foi lá, e dita a missa se recolheu dentro na casa. As Madres religiosas, tôdas, saíram a recebê-lo em procissão; e a Madre abadessa lhe apresentou a Rainha pela mão, dizendo:

— Senhor, esta jóia tínhamos cá connosco, com a qual sempre vivemos ledas e contentes; que as mais das vezes, o que o mundo tem por mau, isso é o que Deus tem por bom. Esta é a Rainha. Dai graças a Deus que vo-la deparou, que tal Senhora não merecíamos nós por nossos pecados. Honre-a, estime-a Vossa Alteza, como é razão, como nós confiamos que o fará.

El-rei, que a viu, quisera-lhe fazer grande cortesia, pedindo-lhe perdão do passado. E

ela se pôs em giolhos, pedindo lhe fizesse mercê de esquecer o que já fôra, que tudo o havia por bem passado, pois Deus Nosso Senhor o permitia. Ao qual dava muitas graças, que teve por bem mostrar a verdade das ofensas que lhe fizeram (1); e mostrava pesar-lhe da morte de suas irmãs.

El-rei mandou chamar tôda a fidalguia da Côrte, e a muitos senhores que trouxessem suas mulheres. E com todos êles e elas, levou a Rainha dali para o Paço com tanto alvorôço de alegria, como se então casaram de novo.

A Rainha viu seus filhos, alegrou-se com êles, e com os velhos e ama que os criaram, e a todos fêz mercês. Mandou mais esmolas ao mosteiro onde estivera, e tôda sua vida foi bem agradecida a Deus pelas mercês que lhe fêz, em lhe guardar os filhos e torná-la a seu estado.

A donzela que levou os infantes ao mar foi metida em um mosteiro, pedindo-o ela; onde fêz grande penitência e muito boa vida.

As irmãs da Rainha foram enterradas

---

(1) A ideia parece ser: *teve por bem mostrar que não havia verdade nas ofensas que lhe fizeram.*

sem pompa, por sua desesperação (1); escrito sôbre suas sepulturas sua morte e causa dela, para que a todos fôsse manifesto que os maus pagam, perdendo vida, honra e alma; e os bons, ainda que algum tempo perseguidos, é para maior merecimento seu; e por derradeiro o Senhor os livra, se é seu serviço, e lhes dá saúde com que possam tolerar os trabalhos e perseguições, de que os tira com honra. E depois desta vida lhes dá a Glória.

(*Parte 2.ª, Conto VII,* com pequenas alterações e supressões.)

(1) Por se terem suicidado.

XVI

A LETRA DO TESTAMENTO

Um homem muito rico, mercador famoso, cujo nome era conhecido quási em tôda a Cristandade, teve um filho sómente, o qual na meninice se criou com tanto mimo, que, quando começou a entrar nos dez anos, e daí para cima, já seu pai não podia com êle, de travêsso, ruim, e soberbo.

Por querê-lo então sujeitar com doutrina e castigo, o moço lhe fugiu e se foi.

Parece que isto nos avisa e diz que, desde a meninice, cumpre não deixar aos filhos com mimo, à vontade; e que o pai que perdoa ou dissimula os êrros dos filhos, êsse os mata; que lhe convêm tê-los sujeitos à obediência com disciplina, se não pode ser doutra maneira, para que não venham a ser terríveis como êste, que, depois que se foi, andou fora de casa muito tempo, e ainda que escreveu, e o pai lhe respondeu, e por suas cartas lhe rogava muito que tornasse,

não quis tornar, e se passaram mais de vinte e cinco anos sem vir nem mandar suas cartas, de maneira que alguns o tinham por morto.

Neste tempo o mercador veio a grande crescimento de fazendas, quintas, casas e outras herdades; e, chegando à velhice, no último da vida fêz seu solene testamento por público tabelião; e depois de ordenar sua alma, e mandar fazer seu enterramento, e os legados que lhe pareceu, disse:

«Deixo por meu universal herdeiro de tôda a minha fazenda a Pedro, mordomo de minha casa, veador e caixeiro de meu dinheiro; o qual quero que cumpra êste meu testamento, e haja livremente todos meus bens móveis e de raiz, dinheiro, jóias, escravos, dívidas que me deverem, e tôda outra fazenda de qualquer sorte e condição que seja, donde quer que fôr havida e me pertencer.»

E de tudo o que tinha fèz inventário mui copioso e bem declarado; e no cabo disto disse:

«Porêm digo que eu tenho um filho, por nome João; o qual há muitos anos que se

foi desta terra contra minha vontade, e não sei de certeza se é vivo ou morto. Se êste meu filho fôr vivo e aparecer, como eu desejo, e Deus o mandar, quero que Pedro, a quem ora deixo por meu testamenteiro e universal herdeiro desta minha fazenda, e de todo o mais que tiver rendido e melhorado, lhe dê ao dito João meu filho o QUE PEDRO QUISER, sem ser constrangido a outra cousa; e a demasia lhe fique.»

E desta maneira houve seu testamento por acabado, e revogou os que antes tivesse feito, mandando que êste se cumprisse, declarando que o que o não cumprir e em alguma cousa fôr contra seu testamento, e desobedecer, por desobediente o deserda de tôda sua fazenda.

E desta enfermidade morreu.

Por virtude do testamento, Pedro tomou a posse de tôda a fazenda, arrecadou dívidas, reteve em si e por seu o dinheiro que êle como caixeiro da casa tinha; e tudo o mais foi-o grangeando e beneficiando, como cousa sua própria que era, e em alguma parte melhorando, refazendo e acrescentando, como quem o fazia no que verdadeiramente era seu, e de bom título o tinha.

Como êste mercador defunto foi tão nomeado, que em tôdas as partes era conhecido, soube-se sua morte na terra onde estava João, seu filho; o qual, ouvindo a morte de seu pai, e da grossíssima fazenda que deixou, partiu donde estava e veio a sua casa.

Entrou por ela, como por casa própria, preguntando quem tinha aquela casa e fazenda. Foi-lhe dito quem, e por que título; e êle disse quem era, e foi conhecido por velhos, que foram criados de seu pai, e pelo próprio Pedro, que o recebeu com muito agasalho e honra, e logo lhe deu e fêz dar vestidos, criados, cavalgaduras, e tal gasalhado, como pertencia a filho de seu senhor, que tanto bem lhe fizera.

Porêm dali a oito ou quinze dias, depois que o mancebo se informou de tudo o que ficara de seu pai, e onde estava, apartando a Pedro (1), lhe disse:

— Eu vos tenho em mercê (2) o cuidado que tivestes de grangear e aproveitar esta fazenda, desde que morreu meu pai até agora; e espero em Deus que persevere neste conhe-

---

(1) = *chamando Pedro de parte.*

(2) = *vos agradeço.*

cimento (1), pagando-vo-lo; e assim o vereis por obras, que verdadeiramente sempre vos terei por pai, e tereis em mim filho para o que vos cumprir. Contudo, agora é necessário que me deis a entrega desta fazenda, e eu vos darei a quitação que cumprir, e satisfação com que fiqueis contente por vosso bom cuidado e trabalho.

Pedro, que o ouviu, e entendeu bem isto, lhe respondeu:

— Senhor: esta fazenda, ainda que ficou de vosso pai, é tôda minha, e não tendes nela mais que dar-vos eu O QUE EU QUISER. E se vos não contentardes, conforme a letra do testamento, perdeis a herança de todo. Por isso não peçais a fazenda, que será não terdes nada dela. Vède o testamento de vosso pai, que èle vos desenganará que vos não devo mais, que dar-vos O QUE EU QUISER.

E mostrou-lhe a verba do testamento, que o dizia assim à letra, como já declarámos. E o mancebo lhe pediu que fizesse conta que eram irmãos e que partisse pelo meio; o qual Pedro não quis. O que visto, disse o mancebo:

— Ora, já que sois obrigado a dar-me al-

(1) = *reconhecimento, gratidão*

guma coisa, pois diz (1) que me dareis o que vós quiserdes, pregunto: ¿que é o que vós me quereis dar, pois meu pai o deixou em vosso alvedrio?

Respondeu Pedro que lhe daria como (2) cinco mil cruzados, valendo a fazenda mais de cem mil; e o mancebo esteve pelos aceitar, parecendo-lhe que o não podia obrigar a mais do que êle quisesse...

A êste tempo um nobre homem, que tinha desprazer da tirania do mordomo Pedro, vendo que não queria partir com o filho do seu senhor a fazenda que lhe ficara de seu pai, disse ao mancebo:

— Casai com uma minha filha, e eu vos darei dez mil cruzados, que é o dôbro do que êste vos dá; e então, se não quiser por bem, em paz, dar-vos o que seja razão, será por justiça o que El-Rei determinar com seus desembargadores.

Fêz-se o casamento; rogaram a Pedro que desse o que fôsse honesto; e Pedro nunca quis vir em algum meio arrazoado (3), pelo que João o demandou. Ambos vieram a juízo,

(1) Subentenda-se *o testamento.*

(2) = *cêrca de.*

(3) = *arranjo* ou *conciliação razoável*

e ambos houveram o testamento por bom, e disseram que era verdadeiro, e que o pai de João o fizera em seu inteiro juízo. Porêm dizia João, por seu procurador, que seu pai o não podia deserdar sendo vivo, nem nunca tivera esta tenção; que a fazenda era sua de direito, e o pai não tinha poder para dispor dela depois de sua morte; e se dispôs, e a mandou ter a outrem, a manda (1) não valia; e, se valia, era para que lha tivesse em guarda até êle aparecer.

Pedro dizia:

— Já teu pai presumia que eras vivo, e para vivo (2) mandou que te desse o QUE EU QUISESSE; e assim não sou obrigado a mais. Quero dar-te cinco mil cruzados, ou peças desta fazenda que os valham; e com isto te pago.

Sôbre o caso houve libelo, réplicas, e o mais que em direito se costuma, até razoado em final.

Indo o feito concluso, como o caso era de tão grossa fazenda, quis o rei da terra ser presente na determinação da sentença, que parecia a muitos que estava o ponto de di-

---

(1) — *a disposição testamentária.*
(2) — *como vivo.*

reito da causa em se o velho podia dar aquela fazenda ou não.

Se a podia dar, Pedro a tinha bem; e se a não podia dar, que era justo a tornasse.

Outros diziam:

— Cumpra-se a vontade do defunto, e guarde-se o testamento à letra.

E assim entre os mesmos julgadores havia diferença. Porêm um velho se levantou em pé, e disse a El-Rei:

— Senhor: eu creio que pela experiência dos muitos anos que há que sou julgador, entendo muito bem esta causa. Se mandardes que seja eu só o juiz dela, seja vossa Alteza presente, que confio em Deus darei tal sentença, que todos os que a ouvirem a confirmem.

El-Rei folgou com isto; e, havendo respeito (1) à sua prudência, o fêz juiz.

Êste desembargador mandou logo chamar as partes, e preguntou a cada um por si:

— O testamento é bom. ¿Quereis que se cumpra, ou tendes a êle alguma dúvida?

E ambos à uma, disseram:

— O testamento é bom, e deve-se cumprir quanto fôr direito.

---

(1) = *tendo em consideração.*

E o juiz, ouvidos ambos, que eram dêste acôrdo, e o assinaram, fêz romper (1) todo o mais do feito, dizendo:

— Pois assim é, o testamento basta para se julgar a causa. E vós, Pedro, que tendes esta fazenda, aqui diante de El-Rei nosso senhor fazei inventário dela. Daremos a cada um o que lhe pertencer, e será desta maneira:

E abriu um livro branco que o velho juiz trazia na mão e que tinha nas cabeceiras das folhas escrito em uma banda *Quer*, e da outra *Dá*; e, mostrando-lho, lhe disse:

— Em êste livro escrevei tudo o que tendes desta fazenda, sem esconderdes um rial, sob pena que percais o que esconderdes. E ninguèm vos obriga que deis nem que queirais senão o que fôr vossa vontade. Nesta banda da folha que diz *Dá* escrevei o que lhe dais; e destoutra banda, onde diz *Quer*, escrevei o que vós quiserdes, tendo entendido que na vossa mão está a sentença.

Pedro, visto isto, pela ordem sobredita escreveu nas folhas do livro tôda a fazenda, desta maneira:

«Umas casas que rendem oito mil réis

(1) = *pôs de lado*.

de aluguer, em tal rua, *Dá;* e uma quinta que rende oito moios de trigo, vinte de cevada, quatro tonéis de azeite e quinze pipas de vinho, esta ... *Quer*»

E desta maneira fêz inventário, escrevendo da banda do *Quer* quási tudo, e da banda do *Dá* quási nada, como se dissêssemos: *dá* os farelos, *quer* o pó, o rolão da farinha. E dêste modo veio a valer o que estava escrito no *Dá* os cinco mil cruzados que queria dar, ou menos; e na do *Quer* os noventa e cinco mil cruzados em que comparámos que seria tudo (1).

Depois de escrito, disse o Juiz:

— Dizei vós agora como fazeis isto, que por vosso dito se há-de dar a sentença, conforme ao testamento que tenho na mão.

Pedro respondeu:

— Senhor: isto que está no *Dá* lhe dou; e o que está no *Quer*, isto quero para mim.

E o juiz lhe fêz escrever e assinar; e, assinando, disse a El-Rei:

— Ora, Senhor, veja Vossa Alteza o testamento, que diz: *Dará Pedro a João o que*

(1) = *em que computámos o valor total da herança.*

êle, Pedro, quiser; portanto vós, Pedro, dai a João isto que vós quereis, e fique-vos para vós o que lhe dáveis; porque a tenção do pai nunca foi deserdar seu filho; mas, por sustentar a fazenda, a fiou de vós, crendo que ao menos fizésseis dêle irmão, partindo igualmente — o que vós não fizestes. Para se cumprir o testamento é necessário dar-lhe o que vós quisestes, que é a maior parte. Essa julgo (1) que lhe deis; e, fique-vos o que lhe dáveis.

El-Rei, e todos os que ali estavam presentes, houveram o caso por muito bem julgado e aprovaram a sentença. E assim se cumpriu.

Pelo qual fica entendido que ninguém folgue de querer para si o seu e o alheio, senão à boamente haver o que seja arrazoado, não defraudando ao próximo em tudo para acrescentar no seu. Que saibam certo todos os que o fizerem assim que perderão com dor o que teem, e não alcançarão o que querem do alheio.

Êste mordomo, que de tirano não quis

---

(1) = *sentencio, decido.*

partir irmãmente com o filho de seu senhor, veio a contentar-se, em que lhe pese (1), com a décima parte do que pudera haver, se fôra agradecido ao que (2) lhe dava.

Por êste exemplo sejamos todos caritativos com nossos próximos, partindo com êles como cada um melhor puder, para que assim o use Deus connosco.

(Parte Segunda, Conto VIII)

---

(1) — *por muito que lhe custasse.*
(2) = *a quem.*

XVII

O BARBEIRO EM CIMA DO TESOURO

Um rei havia ficado, por falecimento de sua mulher, com uma filha, a qual era herdeira e sucessora de seu reino.

Êste rei, para tirar de si a paixão e melancolia (1) que lhe sobrevinha por causa de sua tristeza, se saía muitas vezes por tempo do verão a um pátio, que tinha, muito fresco, ordenado de muitas flores cheirosas, que ali mandava criar por seu refrigério.

Estando neste pátio que digo, vinha por algumas vezes a êle por seu mandado o seu barbeiro, para lhe fazer a barba. E como os barbeiros teem por seu natural o serem práticos (2) e chocarreiros, El-Rei o mandava chamar mais por gostar de sua boa

(1) = *indisposição, má disposição.*
(2) = *faladores.*

conversação, que por necessidade que tinha do seu ofício.

Estando um dia com El-Rei, fazendo-lhe a barba, como costumava, veio El-Rei a gostar tanto de sua boa conversação, que lhe disse que lhe pedisse mercês. O barbeiro desprezou sua promessa, dando-lhe a entender que não havia mester nada; mas, vindo outras vezes ao próprio ofício, como costumava, lhe veio El-Rei a cobrar tanta afeição, que o importunava que lhe pedisse mercês; que, por grandes que fôssem, lhas não negaria.

Êle, tomando ousadia e atrevimento às promessas que El-Rei lhe fazia, lhe disse:

— Saberá Vossa Alteza que não há aí na vida cousa que hoje aceite de Vossa Alteza, que me possa fazer contente e que meu desejo satisfaça, senão uma: a qual é dar-me em casamento, por minha legítima mulher, a Princesa sua filha.

El-Rei, sobressaltado de tão estranha novidade, dissimulou com êle, interrompendo a prática em outra matéria (1), cuidando que aquilo era dito a modo de graça, por

(1) = *mudando de assunto.*

dar passatempo a El-Rei com chocarrices e zombarias, como de ordinário costumava. Mas êle era tanto em seu inteiro juízo, que, vindo outra vez a barbear a El-Rei, e tornando-lhe a pedir El-Rei que lhe pedisse mercês, tornou a repetir sua primeira petição, dizendo que não tomaria outra cousa senão a Princesa sua filha por mulher.

El-Rei, parecendo-lhe isto já mais que zombaria, determinou de o despedir com brevidade; e, ido, mandou chamar um homem letrado de grande entendimento em diversas sciências, dando-lhe conta como, desejando por muitas vezes fazer algumas mercês àquele homem, sempre lhe saía com desatinos a que não podia nem sabia dar entendimento. Porque, se o tivera por homem incapaz e desatinado, tivera para si que lhe nascera aquilo de seu pouco juízo; mas, sendo um homem prudente e avisado, não sabia a que pusesse, nem a que atribuisse um despropósito daquela qualidade.

O letrado esteve um pouco cuidando consigo em seu entendimento, e disse a El-Rei:

— Senhor, faça-me V. A. mercê de se pôr em outro lugar fora desta casa a barbear com êste barbeiro e lhe torne a repetir que

lhe peça mercês, para ver se acerto em um segrêdo que tenho, imaginando neste caso.

El-Rei o fêz assim. E, pondo-se noutra casa, mandou chamar o barbeiro, e com dissimulação lhe disse:

— Mestre: desejo tanto de vos fazer mercês, e vejo que nunca me pedis nada. Folgaria que me ocupásseis em alguma cousa, porque de verdade vos tenho tanta afeição, que não haverá cousa que me peçais que, ainda que seja uma grande parte de meu reino, vos não conceda.

O barbeiro lhe respondeu:

— Certo, Senhor, que V. A. me oferece a lantempo mercês que não posso deixar de lançar mão delas (1). Portanto, se V. A. mas quer fazer, serão para mim mui grandes; e é que me há-de V. A. fazer mercê de me mandar dar dez cruzados para pagar o aluguer de minha casa, de que estou penhorado, e nisto a receberei mui assinalada.

Se El-Rei de primeiro se espantou de lhe pedir sua filha em casamento, mais se espantou abatendo-se o barbeiro tanto, que

---

(1) Isto é, *me oferece mercês numa ocasião em que não posso*, etc.

para lhe pedir dez cruzados lhe mostrava ficar em tamanha obrigação.

El-Rei lhe mandou dar os dez cruzados; e depois de ido, fêz vir diante de si o letrado que o havia aconselhado, e lhe disse o que passara com o barbeiro.

O letrado respondeu:

— V. A. saberá que o meu entendimento saiu certo, e para saber a prova disto mande V. A. abrir a terra onde êsse homem punha os pés quando o estava barbeando e lhe pedia sua filha em casamento; que eu creio que nêsse lugar se achará um grande tesouro; e não pode ser menos senão que pisasse com seus pés algum grande tesouro quem tinha fumos (1) de pedir a Princesa em casamento. Porque o pisar com os pés é sinal de desprezar; e quem despreza o ouro e cousas ricas que debaixo dos tesouros estão encerradas, é prova que se não podia contentar com menos que com pedir a Princesa, que hoje temos na terra por de mais valor, que o tesouro que se puder achar.

A estas razões que o letrado deu, mandou

(1) = *pretenções exageradas.*

El-Rei abrir a terra onde isto passou; e foi achado um grande haver. Por onde se entendeu que a causa por que um homem baixo se movia a tão altos pensamentos, havendo-se de contentar (como se contentou) com pequenas cousas, lhe não vinha senão de estar ali enterrado o que se achou, que a El-Rei foi de grande admiração. E para pagar ao letrado tão bom conselho como tinha dado, em especial tirando-o de uma dúvida tamanha, lhe concedeu uma boa parte daquele haver; e a outra parte mandou dar ao barbeiro, com que se autorizasse em estado, pois êle fôra instrumento por onde aquele haver se achou. Ficaram todos contentes, e a nós nos contente Deus em nos dar sua glória, para que fomos criados *Amen.*

(*Parte Terceira, Conto III,* com pequenas alterações e supressões).

XVIII

OS DOIS AMIGOS

Houve em tempos passados, nesta nossa cidade de Lisboa, um homem nobre e rico, que tinha um só filho, único herdeiro de tôda sua fazenda. O qual, para costumar seu filho em virtuosos exercícios, o mandou estudar à Universidade de Coímbra, dando-lhe carta para um mercador rico que aí era morador, e com quem êste nobre cidadão em tempos passados tivera grande amizade, encarregando-lhe por suas cartas o cuidado daquele filho, que êle tanto queria.

Tendo êste nobre mancebo, que seria de quinze até dezasseis anos, chegado a Coímbra, e dando as cartas e recados que trazia de seu pai àquele mercador, foi dêle logo mui honradamente agasalhado.

Para em tudo o honrar como êle merecia, o deu por companheiro de um seu filho que era da mesma idade, para que ambos

juntamente continuassem seu estudo, e juntamente se agasalhassem dentro em sua casa em um aposento, onde ambos pudessem estudar suas lições.

Aconteceu que Fabrício (que assim se chamava êste mancebo de Lisboa) se parecesse nas feições do rosto e estatura do corpo com Cornélio de Coímbra (que assim se chamava o filho dêste mercador, em cuja casa pousava (1). E como ambos juntamente continuassem seu estudo, e êste mercador de Coímbra o não tratasse menos (2) que a seu filho, foi tanto o amor que êstes dois moços se tiveram, que em seu estudo, em suas conversações, em seus passeios, nunca se podiam apartar um do outro.

Havendo já alguns dias que Fabrício estava em Coímbra, veio a atentar para uma filha de um nobre cidadão, a qual era tão formosa que tinha por apelido em tôda a terra *a formosa Lucrécia;* e como êste mancebo fôsse juntamente sisudo e vergonhoso em seus amores, nunca quis dar a entender a Cornélio, seu amigo, nem a outra pessoa

(1) = *vivia, morava.*
(2) = *menos bem.*

alguma, que tinha sujeita sua afeição naquela parte.

Assim vivia com seus amores o mais precatado que podia, com que ninguém entendesse sua intenção.

Estando as cousas neste estado, como êste nobre mercador fôsse na terra tido por homem rico e honrado, e não tivesse mais que êste só filho, pretendeu o pai da formosa Lucrécia de lhe falar, para casar sua filha com Cornélio seu filho.

Foi a cousa tão bem averiguada (1) que, em os pais falando no casamento, logo se aceitou; e, averiguados, deu-se recado aos parentes chegados de ambas as partes, para que em cinco dias se aparelhassem para celebrar a festa de seus desposórios. E como isto se divulgou, e esta dama fôsse das formosas da terra a mais formosa, andava Cornélio de Coímbra, seu espôso (2), muito ufano, com muito contentamento.

Pois ¿que faria neste tempo Fabrício de Lisboa, que, como tenho dito, estava penhorado das esperanças da formosa Lucrécia?

(1) = *concertada, combinada.*
(2) = *noivo; apalavrado para casar.*

Pretender estorvar o casamento desta senhora por algum modo ou via que se oferecesse, por duas cousas o não consentia sua afeição: à uma, por a verdadeira amizade que tinha com seu amigo Cornélio, a quem êle tanto queria; à outra, para não se divulgar sua paixão, porque tinha êle por tanto preço o segrêdo de seus amores, que antes queria arriscar a perder a vida, que pôr em perigo a honra de sua formosa Lucrécia.

Com esta imaginação andou pensativo alguns dias, até que, de pura melancolia, veio a cair em uma grande enfermidade; o qual sabendo seu amigo Cornélio, espôso de Lucrécia, o veio visitar e lhe disse:

— Agora, meu amigo Fabrício, que vos tinha elegido para o contentamento de meus esposórios, me é a ventura tão contrária que vos vejo deitado nessa cama, onde ninguêm senão eu sente o mal que vos tanto atormenta. Pelo que, não sei o que hoje dera para vos restaurar vossa saúde, que tanto me aflige, e a vós.

A isto respondeu Fabrício:

— Ah! amigo Cornélio: dizeis que daríeis muito por eu não ter esta enfermidade, e que na verdade, vossa verdadeira amizade não

sofre menos. Sabei pois que na vossa mão está minha morte ou vida.

— Pois, senhor, se assim é (respondeu Cornélio) bem vos podereis contar por são, porque não há cousa que se me anteponha a vosso gôsto!

Vendo Fabrício os oferecimentos de seu amigo, tomou ânimo, e lhe deu muito por extenso conta como êle estava havia dias (1) perdido de amores da formosa Lucrécia, com quem êle estava concertado para casar; e como esta tenção, quando é verdadeira, não dá lugar de se comunicar com ninguêm, assim sempre a teve tão secreta, até que agora de todo se viu perdido no mar de suas esperanças, sem remédio de tomar pôrto seguro, senão fôsse com êle o querer remediar (2), cumprindo os oferecimentos que lhe tinha feito.

A isto respondeu Cornélio:

— Verdade é, meu amigo Fabrício, que não havia hoje na vida cousa com que me eu mais pudesse fazer contente, que casar com a formosa Lucrécia; mas é tanto o que

(1) = *havia tempos.*

(2) = *a não ser querendo êle, Cornélio, remediá-lo.* etc.

devo ao amor com que nos tratamos, que, se vossa saúde consistir no enjeitar êste casamento, dai-o por enjeitado. Mas ¿que farei a uma cousa que tão averiguada e assentada está, debaixo da honra e palavra de meu pai?

— Pois, para isso, respondeu Fabrício, tenho eu imaginado uma invenção (ajudando-me vossa indústria) com que eu fique de todo satisfeito: é que eu e vós nos parecemos muito, como sabeis, que todos da terra nos falam e conversam, a mim por vós e a vós por mim. O vosso recebimento (1) há-de ser de noite, aqui em casa de vosso pai, que para isso já tem alcançado licença. Eu estou aqui deitado nesta cama e até então fingirei não melhorar minha doença; vós nesta casa vos haveis de vestir e sair a receber a noiva. Como isto assim seja, com muita facilidade posso eu tomar vossos vestidos, e vós deitar-vos nesta cama, e eu sairei em vosso lugar, e receber-me hei com a formosa Lucrécia; e depois de feito, daremos ordem com que se diga a seus pais dela, e êles o acharão por bem feito, sabendo cujo filho eu sou

(1) = *casamento.*

e o que mereço. Com isto, meu caro amigo Cornélio, sabei que, se houve no mundo obrigação a que o amigo ponha a vida e fazenda por outro amigo, sabei que eu hei-de ser preferido a todos os do mundo (1). E nisto dou a Deus e ao tempo por testemunha!...

*

* *

Era tanto o que Cornélio queria a seu amigo Fabrício, que consentiu em tudo, por sua saúde; e, chegando-se o tempo em que estava determinado fazerem-se as bodas, e vindo a noite em que se haviam de receber, Cornélio se foi deitar na cama, fingindo-se doente, e Fabrício se vestiu nos vestidos que estavam aparelhados para o noivo. Como a noite é encobridora de muitas faltas, e êles eram tão semelhantes, todos os que se acharam presentes cuidaram que o noivo era o próprio Cornélio, filho daquele rico mercador de Coímbra.

---

(1) Note-se a ingénua e rústica maneira de dizer que excederá, pela lialdade e gratidão, todos os exemplos conhecidos e possíveis de grandes amizades.

Depois de estarem desposados, e sendo passada a ceia, todos se foram, cada um para as suas pousadas, e os noivos se recolheram para seu aposento, que já estava aparelhado para êles.

Vindo a manhã, levantou-se Fabrício de par de sua querida esposada, e foi dar parte de seus contentamentos a seu amigo Cornélio, o qual achou deitado na cama. Ali os dois determinaram de buscar seu pai, e de lhe descobrir o que entre ambos havia passado; e, como lho disseram, pôsto que não fêz demonstração de pesar, todavia em seu coração sentiu grande pena, que por pouco houvera de perder o juízo, em ver que seu filho havia querido perder tão bom casamento. E por serem os parentes da desposada gente nobre e de honra, temia, como era de razão, que se afrontassem de semelhante caso; porêm, dissimulando quanto pôde tôdas estas cousas, lhes disse:

— Bem sinto e conheço, filhos, quanto sentir se deve, que a verdadeira amizade de vós outros foi causa de se fazer semelhante traça; e que estejais tão contentes com o que tendes feito. Eu também o estou; mas ¿como tomarão os parentes da formosa Lucrécia, e seus pais, fazer-se tal cousa?...

— Pois para isso, senhor pai, disseram êles, o mandámos chamar: para que, dando-lhes parte dêste caso, seja nosso relator diante êsses senhores, para que não tomem a mal o que já está feito, pois o senhor Fabrício é quem êles sabem; e fique desculpado nosso êrro, se êrro se pode chamar...

Satisfeito com estas palavras, êste honrado mercador foi a notificar aos pais e parentes da formosa Lucrécia a presente maravilha, acreditando (1) em extremo a Fabrício, manifestando-lhes como era filho de um nobre cidadão da cidade de Lisboa, pessoa de muita honra e virtude, e rico, e que não tinha outro filho senão a êle, Fabrício. Que êste sómente era o lume de seus olhos, pelo que se tivessem por muito ditosos em o ter por genro.

Os quais, espantados de tal novidade, tomaram muito a mal êste negócio; mas, vendo que era feito, dissimularam, mostrando nas palavras contentamento. Mas no coração lhes ficava um rancor mortal para empecer aquele honrado mercador, cuidando que dêle nascera aquela trama, arrependido

(1) = *elogiando.*

de não se querer ajuntar com êles em parentesco.

Mas, deixando isto à parte, entendendo êste mercador estarem êles contentes como mostravam por suas palavras, logo escreveu aos pais de Fabrício, a Lisboa, dando-lhes conta muito em particular do que havia passado com seu filho; e que, pois a cousa estava tão bem acertada, não deixassem de vir a Coímbra, a participar do contentamento de seu filho, e verem sua nova filha, e verem-se com os parentes dela, para que soubessem quanto acertado tinham no casamento que estava feito.

Recebidas as cartas em Lisboa pelo pai e parentes de Fabrício, com grande contentamento aviaram sua partida, levando à nova desposada muitas jóias; e, chegando a Coímbra, foram recebidos e agasalhados com grande prazer de todos.

Estando assim alguns dias festejando suas bodas, determinaram partirem-se para Lisboa, onde tinham sua casa, levando consigo os noivos casados, sendo a formosa Lucrécia não sómente de seu marido, que lhe queria muito, estimada por sua parelha (1)

(1) = *sua espôsa,* ou *sua igual.*

em extremo gráu, mas muito mais estimada por sua doméstica conversação e rara gentileza, que era em extremo formosa. E como o pai de Fabricío fôsse em Lisboa um dos mais ricos homens dela (1), tratava-se seu filho com muito fausto, e sua mulher com muita honra.

*

* *

Deixemos Fabrício em Lisboa, em companhia de seus pais e parentes, vivendo uma feliz vida com sua amada mulher, e contemos o que aconteceu a Cornélio, seu amigo, em Coimbra.

Como o pai dêste mancebo Cornélio fôsse mercador, que andava arriscado em tantos negócios, por onde nunca se soube em sua vida se fôsse rico nem pobre, aconteceu que de uma breve enfermidade viesse a morrer.

Com sua morte acudiram todos os credores a quem êle devia dinheiro ; e, deitando mão por sua fazenda, entregando-se da maior parte dela, veio o negócio a tal extremo, que

(1) = *da cidade.*

sua mulher, e Cornélio, seu filho, ficaram sem nada com que se sustentar. E, recorrendo êste, em suas necessidades, ao pai de Lucrécia, nada nêle encontrou, cuidando que êle e o morto pai foram cúmplices no engano de seu casamento.

Vendo-se desfavorecido, e tomando algumas peças que ficaram de seu pai, se pôs a caminho; e não teria duas ou três jornadas, quando saltaram com êle uns salteadores, e o roubaram de tudo o que levava; e até sua pessoa despojaram de todos seus vestidos, que nem tão sómente lhe deixaram com que se cobrir.

Vendo-se o triste mancebo em tão vil e abatido estado, e que tanto a fortuna o tinha perseguido, foi-lhe forçado, de pura necessidade, com um pau na mão pedir esmola, para se sustentar e não morrer puramente de fome. E indo assim seu caminho, continuando sua desaventura, determinou, pois não tinha outro remédio, de se ir caminho da cidade de Lisboa, onde vivia seu amigo Fabrício, por quem êle tinha feito tantos extremos de amizade, e por quem êle se via em tal estado, que por fôrça o havia de remediar, pois estava tão rico e favorecido dos bens da fortuna. Um amigo por quem êle

tinha feito tanto, até lhe dar por mulher a formosa Lucrécia, que estava elegida para casar com êle, de quem lhe havia de proceder muita honra e proveito, e que por esta causa se via hoje em tamanha miséria, não tinha por dúvida que logo o não favorecesse em seu trabalho (1), dando-lhe honra e proveito.

Com esta tenção chegou a Lisboa, onde, mendigando, foi preguntando pela pousada de seu amigo Fabrício, o qual pousava em umas casas grandes e formosas, conforme a nobreza de sua pessoa. Chegou à porta com seus trajes pobres, e veio a tempo que Fabrício se punha a cavalo, com muitos criados que o acompanhavam. Vendo-se Cornélio diante de seu amigo em tão baixo e vil estado, se lhe tolheu a língua e membros para lhe poder falar uma só palavra. O coitado se lhe pôs diante, humilhando-se todo, cuidando que o conhecesse; mas êle ia tão desfigurado do que era, que Fabrício, que ia cavalgando, não fêz nenhum caso dêle. O triste, vendo que Fabrício se ia alongando dêle, por não perder aquela ocasião se lhe

(1) = *dificuldade, embaraço.*

tornou a pôr diante, e, tornando a humilharse, lhe pediu lhe desse uma esmola.

Fabrício, não fazendo caso dêle, disse a um dos seus criados:

— Moço, dá ali uma esmola!

O moço, quando se alargou a muito (1), lhe meteu rial e meio na mão.

Quando Cornélio se viu, a cabo de tantas desaventuras, desfavorecido e não conhecido de seu amigo Fabrício, de quem êle esperava todo seu remédio, foi tanta a paixão e aflição que a sua alma sentiu, que estimara muito naquele estado poder acabar a vida, por se não ver passar uma vida tão trabalhosa.

E assim, cheio daquela tristeza, saiu fora da cidade por uns montes desacompanhados de gente, dizendo mal à sua vida, chamando pela morte, que viesse desapressá-lo (2) de tamanha aflição e trabalho em que vivia.

Com esta paixão foi caminhando até horas de véspera, onde (3), cansado, se assentou

---

(1) = *parecendo-lhe isto generosidade suficiente.*

(2) Desapressar = *tirar da pressa,* isto é, *da necessidade ou miséria.*

(3) Emprêgo do relativo de lugar pelo de tempo, freqüente na prosa quinhentista

ao pé de um monte solitário, debaixo de umas concavidades e à porta de uma grande cova que o tempo e a natureza ali tinham feito.

Tão cego estava de sua paixão, que não viam seus olhos um homem que, atravessado de muitas feridas, estava à entrada daquela cova; mas, fazendo aquela paixão certo termo (1), e vendo aquele espectáculo, e pegado com o dito morto uma caixa pequena, oitavada, vazia e meio quebrada, não sabendo determinar aquilo que fôsse (2), se pôs meio pasmado, a velar aquele morto, dizendo em seu coração:

— Quão descansado está êste agora de padecer as penas que eu padeço!

Desejava ser êle o morto, tão atribulado se via, e seu coração tão rodeado estava de desaventuras. Estando, como digo, assim olhando para aquele morto, senão quando vê vir para a parte onde estava grande tropel de gente com armas, que, chegando onde estava, logo com grande fúria lançaram mão dêle, preguntando-lhe o que fizera às jóias

(1) Fazendo aquela paixão certo termo=*abrandando-se um pouco aquele desespêro.*

(2) =*o que aquilo fôsse.*

que havia roubado daquela caixa quebrada que ali estava, e dizendo-lhe que, além dêste roubo que tinha feito, havia morto aquele homem, que ali estava atravessado de tantas feridas.

O coitado olhou para si, e cuidando, pelo estado em que estava quando ali chegou, que êste era o remate de suas desventuras, vendo-se daquela maneira, disse consigo :

— Agora vejo que não há males, por grandes que sejam, que não haja aí outros maiores...

E, alevantando o rosto para um de aquelas justiças (1) que ali vinham, que lhe pareceu pessoa de mais autoridade que as outras, lhe disse estas palavras, cuidando por aqui de dar cabo e remate a meus males :

— Senhores, nunca Deus queira, nem o permita, que eu ponha em mim um nome tão infame como é o de roubador. O furto que Vossas Mercês dizem, eu tal não fiz. Verdade é que eu matei êste homem. Agora Vossas Mercês façam de mim o que lhes parecer justiça.

Isto dizia êste coitado, a fim de por esta via acabar suas desaventuras, tão cego es-

(1) Um daquelas justiças = *uma daquelas autoridades judiciais.*

tava, mas não por via de se infamar. E por esta causa declarou ser homicida na morte daquele homem, mas não (1) no furto que ao presente se oferecia.

Como o caso, de uma maneira ou doutra, era grave, o levaram muito bem atado e a bom recado, caminho da cidade, e o meteram na cadeia, dando cargo ao carcereiro o tivesse bem arrecadado, que era um famoso ladrão.

A cidade tôda estava alvoroçada, porque como êste furto fôsse de importância e se fizesse a um senhor muito conhecido nela, estavam todos esperando que género de morte se daria a tão notável ladrão.

O outro dia logo seguinte, determinou El-Rei de ir à Relação, como sempre tinha por costume, a sentenciar os casos graves que aconteciam; e, pôsto El-Rei em seu tribunal, logo foi trazido êste triste mancebo, para lhe fazerem preguntas e ser sentenciado. E como êste roubo fôsse grande, e o ladrão se tivesse por notável, determinaram alguns ho-

(1) Subentende-se aqui a palavra *homicida*; correcto seria dizer *autor* ou *culpado no furto*.

mens nobres da cidade entrar dentro na Relação, para estarem ás preguntas que se fizessem a êste homem.

Entre as pessoas que entraram dentro, uma delas foi Fabrício, aquele amigo a quem êste infeliz mancebo havia feito tantas amizades, como atrás temos contado; e, pôsto que entre ambos haviam vivido como irmãos, estava a êste tempo o preso tão desfigurado e fora do seu natural, que dificultosamente o pudera conhecer quem o havia visto em outro estado.

Sendo apresentado êste mancebo diante daqueles desembargadores e de Sua Alteza, logo lhe foi preguntado onde estava a cópia das peças que naquela caixa havia roubado. A isto, e a tudo o mais que lhe foi preguntado, não respondia outra cousa mais que: quanto à morte daquele homem, confessava ser êle o matador e o homicida; e quanto ao roubo, negava ser compreendido nêle.

Como ali não houve mais prova que sua confissão, esta sómente era bastante, pelo caso da morte, para morrer. Foi acordado por comum parecer de todos, e de Sua Altesa, fôsse êste homem enforcado, pela morte que havia confessado, pois no roubo não havia mais que indícios.

A todo èste tempo havia estado Fabrício grandemente atento, postos os olhos em Cornélio. Não lhe parecendo poder ser aquele, nem que pudesse vir a tão ínfimo estado um mancebo de tão nobres partes, e filho de um tão rico mercador de Coimbra, (porque a êste tempo ainda Fabrício e seu pai não haviam sabido da morte do pai de Cornélio em Coimbra) estando, como digo, postos os olhos nêle, veio a afirmar (1) ser aquele seu grande amigo Cornélio, por quem êle, depois de Deus, tinha a vida e a honra que possuia. E, inflamado do grande desejo de lhe restaurar a vida, foi rompendo por meio da gente, e, pondo-se diante de Sua Alteza, lhe disse estas palavras:

— Vossa Alteza e êstes senhores que aqui estão saberão como êste homem que aqui está é sentenciado à morte inocentemente e sem culpa: porque a causa da sua morte (2) é confessar haver morto aquele homem que se achou naquele monte, na qual morte êle não foi o matador, nem é o homicida nela, porque eu sou o que o matei!

Vendo El-Rei aquela novidade tamanha—

(1) = *certificar-se.*
(2) Pròpriamente: *da sua condenação à morte*

querer-se um homem condenar à morte sem ser constrangido a isso — ficou espantado, dizendo (1) ao outro que estava preso que era o que dizia naquilo. O qual, alevantando o rosto e vendo que quem o queria escusar da morte era seu amigo Fabrício, que já o havia conhecido (2), tendo-lhe aquela amizade que sempre lhe teve, respondeu a El-Rei, não fazendo caso de o conhecer, e disse:

— Senhor, nunca Deus queira que eu consinta que êste homem ponha em si culpa de que eu sou causador.

A isto repetia Fabrício a grandes brados, dizendo que êle era o que havia dado a morte àquele homem; e a êste tempo houve em tôda a casa grande reboliço, assim daqueles senhores que estavam ali para julgar o caso, como da muita gente que havia entrado a ver as preguntas. Foi tão grande o espanto que a todos causou uma cousa tão fora da natureza, haver dois homens que cada um dêles fazia o possível por se condenar á morte, e querer ser homicida naquele caso, e condenado: e isto fêz haver

(1)=*preguntando.*

(2)=*reconhecido.* Note-se a rusticidade do estilo de todo êste periodo.

na gente tão grande alvorôço e admiração, que todos os que estavam presentes, estavam grandemente espantados, e, primeiro que se sossegassem, foi necessário El-Rei mandar calar.

A êste tempo saíu do meio desta gente, que ali havia entrado, um homem, e se apresentou diante d'El-Rei, dizendo:

— Vossa Alteza mande sossegar tôda a gente, que eu lhe declararei a verdade de tudo isto.

O qual começou a dizer estas palavras:

— Se V. A. me outorgar a vida, eu descobrirei o causador dêste roubo e morte, porque no mundo ninguêm senão eu o sabe.

El-Rei lhe disse que êle lhe outorgava a vida; que dissesse tudo o que naquele caso sabia.

E, pondo-se diante de S. A., no meio daquele grave senado, com o rosto muito grave, cheio de confiança, com ânimo mais que de homem, disse:

— V. A. há-de saber que êstes dous homens, que tanto hão trabalhado sôbre pôr sôbre si o encargo daquela morte, que nenhum dêles sabe cousa alguma da morte daquele homem que se achou naquele monte; nem quem o matou, nem o como, nem

o porquê o mataram. Porque eu sou o que o matei. Nisto não há dúvida alguma, que logo o provarei, no que adiante disser claramente, que (1) logo se tenha tudo por entendido.

Se dantes haviam estado naquele Senado espantados todos quantos alí estavam, agora com muita razão o estavam muito mais, desejando ver o que aquele homem diria.

O qual, aquietando-se a gente, foi prosseguindo, dizendo:

— V. A. saberá que eu e aquele homem morto eramos dois grandes companheiros e amigos, os quais há muitos anos que vivemos de grandes roubos, que nesta cidade temos feito, pelos quais vivíamos com muito aparato de nossas pessoas, tratando-nos muito bem, por onde éramos cabidos (2) e tínhamos entrada com tôdas as pessoas nobres que aqui entraram, a ver as preguntas dêste homem. Sucedeu que eu, por minha indústria e diligência, soubesse daquela caixa de jóias ricas que estavam naquela

(1) = *de modo que.*

(2) *Ser cabido com alguém* = *ter relações com êle.*

casa (1). Pelo que, chamando meu companheiro, a houvemos à mão, e saindo-nos da cidade, com nossa emprêsa acabada, nos metemos naquela tão grande cova, que naquele monte estava, a repartir tôdas nossas jóias. E porque entre as ditas jóias vinha um diamante de grande valor, disse eu a meu companheiro que me coubesse a mim aquele diamante na minha parte, já que eu fui o que havia dado alvitre donde aquilo estava. Êle respondeu que melhor lhe cabia a êle, que havia entrado dentro na casa e se pôs a risco de ser tomado com o furto. E sôbre estas porfias viemos a tanta ruptura de palavras, que, arrancando eu um punhal que comigo trazia, lhe dei tôdas aquelas punhaladas e feridas que todos viram. E, quebrando a caixa, a deixei e me recolhi com tôdas as jóias, e me meti logo na cidade, onde entendi poder estar mais encoberto. E porque vi trazer a êste homem preso pela morte e roubo que eu havia cometido, pretendi entrar aqui dentro a ver êste

(1) Naquela, ¿qual? Certa casa que o narrador tinha em mente, mas a que não fêz referência expressa anterior, nem no diálogo, nem na sua própria exposição dos factos.

negócio em que parava (1); e, vendo uma estranheza tamanha, que não sómente êste coitado punha em si a culpa que não tinha cometido, mas ainda o outro a queria tomar sôbre si, não sabendo um nem outro parte (2) de cousa alguma, e como sempre os meus furtos fôssem de grande habilidade, e por êles, alêm de ganhar dinheiro, quis sempre cobrar boa fama, não me pude sofrer ver quererem estes homens roubarem-me a honra que eu tinha ganhado com tanta habilidade. A esta razão, arrebatado do grande ânimo de que sempre ando acompanhado, me quis apresentar diante de V. A., depois de me conceder a vida, para que soubesse tôda a verdade dêste caso. Agora V. A. pode determinar de mim o que fôr servido...

El-rei, e os desembargadores que ali estavam, ficaram tão atónitos e espantados do que viam de tamanhas maravilhas, que, olhando uns para os outros, estavam sem responder palavra, de confusos; e a mais gente estava muito alvoroçada, esperando o

---

(1) = *em que parara êste negócio.*

(2) Saber parte = *saber ao certo; saber verdadeiramente.*

que El-rei dizia. O qual, depois de se assossegar a gente, virando-se para o preso Cornélio, lhe disse:

—Dizei, mancebo de bem, qual foi a causa que vos moveu a dizer que vós éreis o que havíeis cometido tal malefício, não sendo assim.

—Já que V. A. mo pregunta, e a verdade do caso está notória, lhe direi tôda a verdade. Eu, senhor, sou um homem que, depois de ser criado em muito mimo e riqueza, a causa (1) de querer conservar e venerar uma verdadeira amizade que tive com êste senhor, que aqui está (apontando para Fabrício) me vi por sua causa em tamanha miséria e necessidade, na qual se não viu nenhum homem; e, querendo vir em sua busca, para me dar remédio a meus trabalhos, já que por sua causa os padecia, fui eu nisto como em tudo tão pouco ditoso que, chegando-me a êle, pedindo-lhe uma esmola, me não conheceu. Eu, vendo que por tôdas as partes me rodeava minha desaventura, cheguei a tanto mal, que desejei mil vezes dar-me a morte; e, saindo-me da

(1) = *por causa*. Compare-se com o francês *à cause de*.

cidade com êste propósito, cheguei aonde estava aquele homem, atravessado de tantas feridas; e, estando olhando, veio a Justiça e lançou mão de mim. Eu, vendo que por aqui se podiam acabar meus trabalhos, disse e confessei haver morto aquele homem, para, com a morte, que por esta via se me aparelhava, dar remate ao que desejava, que era acabar a vida.

Estava Fabrício ouvindo a seu amigo Cornélio a tragédia das suas desventuras; e, comovido da verdadeira amizade com que sempre o amou, e não podendo resistir às lágrimas que não fôssem testemunhas de sua fé (1), com elas correndo-lhe pelo rosto, alevantando os olhos a Sua Alteza e a êstes senhores, começou a dizer:

— Mui estranho parecerá a Vossa Alteza, e a êstes senhores que aqui estão, querer eu arriscar a vida tão temeráriamente, onde tão certa era minha perdição; mas, como a vida e honra que hoje tenho me não veio senão por a querer tirar de si êste senhor que aqui está preso, para ma dar a

---

(1) = *Não podendo impedir que as lágrimas fôssem testemunhas da sua fé.*

mim, achei que não havia dinheiro nem riquezas com que pagar isto, senão com a mesma vida; e por êste respeito me pus nêste perigo.

Foi muito louvado de El-Rei, e de todos os que ali estavam, e lhe tiveram a bem tão grande fé e verdadeira amizade; e depois do famoso ladrão descobrir onde estavam as jóias, para se entregarem a cujas eram, julgou El-Rei, por última vontade sua, que: por quanto (1) ao ladrão êle lhe tinha prometida a vida, lha outorgava; mas que ficasse em prisão perpétua para sempre, porque desta maneira se estorvariam muitos roubos que por sua causa se faziam na cidade. E que, quanto aos dois amigos, êle mandava a Fabrício levasse a Cornélio seu amigo para casa, e que cumprisse as obrigações de sua amizade, partindo com êle de suas riquezas, para que vivesse em honra e estado, como tão bom amigo merecia.

O qual mando foi para Fabrício tão suave, que ainda que El-Rei lhe julgara por

(1) Por quanto:=*visto que.*

sentença um grande morgado, o não estimara em tanto; e levando-o para sua casa o apresentou a sua formosa Lucrécia, a qual estimou muito sua vinda, porque era seu natural (1) e pessoa com quem ela se tinha criado em casa de seu pai. E para que o mundo soubesse quanto agradecido era em sua amizade, logo Fabrício falou a seu pai, para que a Cornêlio desse por mulher uma irmã que estava para casar (2), com grande dote; do qual os pais de Fabrício, e parentes, foram muito contentes; e se celebraram as bodas com grande contentamento de todos.

Assim se paga uma verdadeira amizade.

(*Parte Terceira, Conto* IV, com pequenas alterações)

---

(1)=*conterrâneo.*
(2)=*em idade de casar.*

XIX

GRISÉLIA, A ESPÔSA OBEDIENTE

Em os confins de Itália, mais à parte do Poente, região alegre e deleitosa, povoada de vilas e lugares, habitava um excelente, e famosíssimo Marquês, que se chamava Valtero, homem mancebo, dotado de grandes fôrças e rara gentileza, não menos nobre em virtude que em linhagem; salvo que, contentando-se com o presente, era em extremo descuidado no porvir, tanto que tôda sua preocupação era correr montes, voar aves, e outros exercícios de caça, de modo que todo o demais tinha pôsto em esquecimento. E, sôbre tudo, o mais que seus vassalos sentiam, era que não curava de se casar, nem queria que lhe falassem em tal cousa, tão embebido andava em seus pensamentos.

Dissimularam os seus por algum tempo estas cousas; porêm, havendo conselho en-

tre êles, foi acordado que um, que elegeram de autoridade, lhe fizesse a fala seguinte:

—Vossa prudência e urbanidade, excelente senhor, nos dá ousadia para que qualquer de nós outros em particular, quando o caso o requere, vos possa declarar abertamente sua tenção. Assim é que esta mesma me dá a mim o presente atrevimento para declarar-vos as vontades secretas dêstes vossos obedientes vassalos. Como quer que tôdas vossas cousas, manhas e costumes sejam de tanto valor, e a todos pareçam tão bem que nos temos por mui ditosos em sermos vassalos de tal príncipe, só uma cousa nos falta para de todo ser o contentamento perfeito: é que, Senhor, queirais casar-vos e pôr-vos debaixo do jugo matrimonial; por que, se de vossa vida Deus Nosso Senhor ordenar outra cousa, não fiquemos sem herdeiro, que de tão boa linhagem desejamos.

Movido o ânimo do Marquês com êstes rogos, disse:

—Forçais-me, amigo, a cuidar em uma cousa mui alheia de meu pensamento; porque folgava viver em inteira liberdade, que no estado dos casados se acha mui raras vezes; porêm eu quero submeter-me a vos-

sas vontades, com tal condição que me prometais e guardeis uma cousa que vos quero pedir. E é que a mulher que eu escolher, seja quem fôr, que vós-outros a sirvais com tôda a honra e acatamento possível; e que de minha eleição nenhum de vós-outros se queixe em algum tempo. Baste que vos conceda o casamento com muito prazer e contentamento.

Prometeram os vassalos de fazer tudo o que o Marquês lhes pedia, como homens que não podiam crer que haviam de ver o desejado dia de suas bôdas. As quais êle declarou para certo dia, por que se aparelhassem para as solenizar com muita magnificência; ao qual todos se ofereceram de mui inteira vontade. E assim se despediram do Marquês com grande contentamento.

*

* *

No ponto que lhe falaram seus vassalos no casamento, logo passou pela memória do Marquês a graça e gentileza de Grisélia, sábia e graciosa lavradora, que por diversas vezes, indo à caça, havia visto, sendo hospedado em casa de seu pai Janícola, um

rico lavrador; e logo determinou (1) que Grisélia fôsse sua mulher; e portanto lhes assinou a seus vassalos o dia das bôdas.

Morava Grisélia com seu pai não longe da cidade onde o Marquês tinha seus Paços, em um lugarzinho de poucos e pobres moradores, com algum gado que, com indústria de Grisélia, era governado grandemente.

Era esta lavradora de bom parecer, quanto à disposição e presença corporal; porêm formosa, de muito nobre criação, raro aviso e excelente. E como era criada a todo o trabalho, não se achava em seu pensamento nenhum modo de deleite, antes um grave e varonil coração, que publicava (2) em defensa de sua honestidade. E era cousa de notar como estimava suas ovelhas, e servia seu pai.

Perto dêste lugar havia um fortíssimo monte, de abundante e muita caça, onde o Marquês vinha a caçar muitas vezes; e como viesse à notícia desta pastora o dia em

---

(1)=*deliberou.*
(2)=*testemunhava.*

que o Marquês tinha dito que haviam de ser suas bodas, rogou a seu velho pai a levasse à cidade, para que em tamanhas festas pedisse ao Marquês alguma mercê, em recompensa de alguns serviços que em sua casa lhe tinha feito, andando êle à caça. A qual petição o pai lhe concertou no melhor modo que sua possibilidade alcançava, pois tempo era de festa e prazeres.

Neste comenos fazia o Marquês aparelhar com grande diligência vestidos, jóias e tudo o mais que para tal caso convinha; os quais vestidos mandava cortar à medida de uma criada de sua casa, semelhante à estatura de Grisélia.

Vindo o dia tão desejado, em que se haviam de celebrar as bodas, acudiram ao Paço muitos cavalheiros e damas, mui ricamente vestidos; e, não sabendo quem seria a noiva, estavam todos suspensos e maravilhados. O Marquês, vendo que tudo estava a ponto, tomou consigo seis privados seus e foi-se direitamente a casa do pai de Grisélia, o qual achou que (1) saía de sua casa e vinha para a cidade. E, tomando o

---

(1) = *no momento em que.*

velho pela mão, se apartou em secreto com êle e disse-lhe:

—Janícola, já sei que me queres bem, e cuido que terás por bem tudo o que a mim me apraz. Portanto queria saber de ti uma cousa em particular: se assim como sou teu senhor, quererás dar-me tua filha por mulher.

Maravilhado o velho de cousa tão nova, esteve um pouco sem responder palavra. Porêm, depois que o temor deu lugar para falar, lhe disse:

—Senhor, nenhuma cousa devo querer, senão o que vós, senhor, tiverdes por bem, vendo que sois meu senhor.

O Marquês lhe disse:

—Entremos, eu e tu, e tua filha, dentro em tua casa; porque diante de ti tenho necessidade de fazer certas preguntas a tua filha Grisélia.

Entrados em casa, ficando os seus cavaleiros fora, começou sua prática amorosa, dizendo-lhe:

—Virtuosa e ditosa donzela, eu e teu pai somos contentes que sejas minha mulher. Creio não sairás fora do nosso contentamento; porêm eu quero saber de ti uma cousa; e é que, quando nosso casamento

vier a efeito, que será logo, me digas se estás pronta e aparelhada a eu fazer de ti tudo o que bem me parecer, sem por cousa nenhuma mostrares tristeza, nem em tuas palavras contradizeres minha vontade.

A considerada donzela, cheia de vergonha e tremendo de alegria, lhe disse:

—Senhor, bem sei que êste favor é muito maior que meu merecimento; porêm se vossa vontade e minha ventura é tal, não devo eu fazer cousa contra vosso parecer, nem pesá-lo no pensamento, nem do que vós fizerdes contradizer-vos cousa alguma, ainda que por isso haja de receber mil mortes.

Ouvindo o Marquês tais promessas, disse:

— Basta isto, que não se espera menos de vosso bom entendimento.

E tomando-a pela mão, a tirou fora diante de seus cavalheiros, dizendo-lhes :

—Amigos : esta é, ainda que mal composta, minha mulher, e Senhora vossa. Portanto amai-a e servi-a, como é razão.

Então os cavalheiros, com os chapéus nas mãos, se ajoelharam, beijando-lhe a mão com muita cortesia, cada um por si; e ela, abraçando um a um, os alçou do chão com tôda a humildade que podia ser.

Nisto mandou o Marquês que um dêles levasse secretamente a nova Marquesa ao Paço, e a pusesse no aposento de uma ama sua, de quem muito se fiava, para que fôsse despojada dos vestidos que trazia, e vestida daqueles ricos que o Marquês para aquela hora havia feito.

Vindo o Marquês para o Paço, todos os fidalgos e cavalheiros, que estavam tão desejosos de ver a Marquesa, vendo que a não trazia consigo, lhe disseram :

—Senhor : mal cumpre Vossa Senhoria sua palavra connosco; que hoje é o dia de nos dar a Marquesa por nós tão deseiada.

— Não vos agasteis, amados vassalos meus, lhes disse o Marquês, que já está no Paço. E porque em breve possais conhecer quem é, eu a trarei à vossa presença.

E despedido dêles com a cortesia costumada, se entrou em o aposento onde estava Grisélia, vestindo-se e compondo-se para tal efeito; a qual estava já posta a ponto. E o Marquês lhe deu um rico anel em sinal de desposada; e tomando-a pela mão, saiu com ela à sala onde estavam já aguardando todos os cavalheiros e damas quando haviam de ver a noiva, e tão desejada Mar-

quesa. Ouviram-se grandes vozes, que diziam:

—¡Viva o Marquês e a Marquesa por muitos anos, e bons. *Amen.*

Onde logo foram desposados por um bispo que lhe disse missa, e se celebraram as bodas, passando aquele dia com grandes festas e prazeres.

*

* *

Mostrou-se depois em pouco tempo, na nobre e já feita nova Marquesa, tanta graça e prudência, que não mostrava em alguma cousa (1) ser nascida nem doutrinada na aspereza do monte, senão em paços de grandes senhores; por onde (2) de todos era mui honrada e querida. Os que a conheciam desde menina na criação do monte se maravilhavam que fôsse filha daquele pobre vilão Janícola, segundo era excelente (3) no modo de seu viver, tratamento, nobreza, cortesia, juntamente com a gravidade de suas

(1) = *cousa alguma.*
(2) = *pelo que.*
(3) Segundo era excelente = *tão excelente era.*

palavras, tanto que trazia após si o amor e afeição de quantos a olhavam e serviam; e não só naquela terra, mas em outras remotas províncias, era divulgada sua fama tanto, que de muitas partes com grande desejo a vinham ver.

Com tão excelente mulher vivia o Marquês em suas terras em muita paz e sossêgo; e de todos era tido por prudentíssimo, porque debaixo de tanta pobreza (1) havia conhecido tão sublimada virtude.

E não cuideis que esta nobre senhora sòmente entendia nos exercícios e govêrno de sua casa; senão também que, estando o Marquês seu marido ausente, atalhava e declarava públicos casos, e pacificava as discórdias que se ofereciam com prudência e recto juízo.

Todos diziam que Deus Nosso Senhor lhes havia dado tal Senhora por sua infinita misericórdia, e rogavam a Deus lhe desse fruto de bênção.

Dali a poucos dias nasceu-lhe uma filha em extremo formosa, do qual bom sucesso

---

(1) Esta pobreza é relativa, pois Trancoso nos contou anteriormente que o velho Janícola era lavrador rico.

levou o Marquês, e seus vassalos, estranho (1) contentamento. E a Marquesa a quis criar a seus peitos, para dar a entender o amor que tinha às cousas de seu marido. Porêm êste, por provar sua constância (2), ordenou uma cousa estranha, de maravilhar, e não digna de louvor: mandou a sua ama, que era muito sagaz e cautelosa, e de quem êle se fiava em extremo, que tomasse uma menina que havia trazido do hospital, falecida daquela hora, e, estando a Marquesa dormindo de noite na sua cama, lhe tomasse a sua filha, e lhe pusesse aquela morta, com os próprios vestidos que a sua tinha.

Feito tudo isto com a maior sagacidade e astúcia possível, a Marquesa, acordando e achando ao seu lado a criança morta, cuidando ser sua filha, começou a gritar, chamando por Nossa Senhora que a soccorresse. O Marquês, que já estava sôbre aviso, acudiu muito apressado e meio despido aos gritos da Marquesa e da astuta ama, que também, com grandes clamores, ajudava a lamentar o desastrado caso.

(1) = *extraordinário.*

(2) = *para experimentar a constância da Marquesa.*

O Marquês, mostrando-se muito espantado do que havia acontecido, mandou que tirassem dos braços da Marquesa a criança, por (1) aplacar sua paixão; e que se desse logo ordem de se enterrar, o que se fêz com tôda a cerimónia rial.

Êle esteve recolhido em seu aposento por espaço de alguns dias, em os quais ordenou a um criado seu, muito familiar secretário (2) de suas cousas, que, o mais secretamente que pudesse, levasse sua filha a El-Rei de Polónia, mui familiar amigo seu, para que a criasse em tôda a sorte de bons costumes, e sobretudo a tivesse tão secreta, que ninguêm soubesse cuja filha era. E dali a quatro ou cinco dias determinou o Marquês de visitar a Marquesa, a qual achou encerrada mui triste em seu aposento; e, entrando, mandou que todos se saissem fora; e êle, ficando só com a Marquesa, lhe começou a dizer o seguinte:

— Não creio, formosa Grisélia, que a presente prosperidade vos faça descuidar (3) do que antes fostes, nem da maneira que

(1) = *para.*
(2) = *confidente de seus segredos.*
(3) = *esquecer.*

viestes para minha casa e que vos eu tomei por mulher. Na verdade eu vos hei amado e estou de vós bem satisfeito; senão (1) depois que vossa única filha achastes morta, meus vassalos estão de vós mal contentes, e lhes parece cousa áspera ter por senhora uma mulher baixa, de rústica geração. E eu, como desejo de os ter contentes e em paz, queria que vós tornásseis para casa de vosso pai.

Acabado que a Marquesa ouviu isto, nenhum sinal de turbação mostrou em seu honestíssimo rosto, antes com gentil semblante lhe respondeu:

— Sois meu senhor e marido, e podeis fazer de mim o que quiserdes, e que bem vos parecer, porque vos afirmo não há aí cousa alguma que vos agrade, que a mim me não contente. Isto é o que formei no meu coração, quando vos dei a palavra de ser vossa mulher, em casa de meu pai.

Considerando o Marquês o ânimo e profundíssima humildade de tal mulher, sem conhecer nela mudança alguma do que dantes era, senão uma rara prudência, capaz de

(1) = *porém*

grande merecimento, atalhou a prática, dizendo:

— Baste por agora isto; ponha-se silêncio neste negócio, até ver se meus vassalos me tornam a importunar.

E com isto se despediu.

*

* *

Com esta dissimulação passaram doze anos, no cabo dos quais a Marquesa teve um filho, o que foi um singular contentamento, assim para a Marquesa, como para o Marquês e todos seus vassalos.

Ao fim de dous anos, sendo já o infante desmamado, ordenou (1) o Marquês de dar à Marquesa outro sobressalto maior, e provar sua paciência e constância, dizendo que, se ela fôsse com êle à caça do monte. folgaria em extremo.

Ela, mui contente e festejada, se vestiu mui ricamente, como para tais festas era necessário e qual convinha a seu estado, não deixando a seu filho, como aquela que em extremo grau o queria e amava.

---

(1) = *planeou; resolveu.*

Chegados que foram ao monte, mandou o Marquês que o jantar (a causa da grande calma que fazia) se fizesse junto de uma fonte sombria e deleitosa; e, determinando de sair à caça com seus monteiros, encarregou muito a seu secretário que trabalhasse (1) quanto possível fôsse para furtar à Marquesa o filho que sempre trazia consigo; e, feita a presa, o levasse a El-Rei de Polónia, por que o criasse secretamente com a filha que lhe tinha mandado. E para maior dissimulação, mandou o Marquês ao seu secretário logo, diante da Marquesa, que fôsse à cidade, a despachar certos negócios importantes.

Pois, como o Marquês fôsse ido à caça, e a Marquesa se pusesse a dormir debaixo de uns floridos ramos que ali estavam, juntamente com seu filho, a quem nunca apartava de si, ficou logo dormindo, e o menino não; mas antes (2), levantando-se do pé da mãe, se alongou algum espaço, a brincar com algumas pedrinhas que ali achou.

Nisto o secretário, que não dormia, nem

(1) = *forcejasse.*
(2) = *pelo contrário.*

estava descuidado, e ninguêm o podia ver, apanhou o menino e o levou onde o Marquês lhe tinha mandado.

Quando a Marquesa despertou, preguntando pelo menino a algumas mulheres e escudeiros que ali estavam, não lhe deram razão dêle, cuidando ela que alguma fera o houvesse comido, ou feito algum dano. Os extremos (1) que fazia eram tão grandes, que davam lástima.

Chegando o Marquês e dando-lhe ela parte da perda de seu filho, foi tão grande o pesar que fingiu ter, que não quis beber nem comer, se não logo se partiu para a cidade; e a Marquesa também se pôs em caminho com suas donas e donzelas, que era lástima ouvir o grande chôro e pranto que faziam. E logo tôda a cidade se vestiu de dó, como era razão por tão desastrada perda como se havia causado.

O Marquês, passados alguns dias, veio visitar a Marquesa e lhe disse:

— Senhora minha: grande desdita foi haver-vos tomado por mulher, pois por

---

(1) = *sinais de extrema aflição.*

vossa culpa hei perdido dois sucessores e herdeiros de meu estado, com que eu e meus vassalos estamos mui descontentes. E vendo êles a baixeza de vossa linhagem, e a negligência que tivestes em guardar meus filhos, sou importunado dêles que vos mande para casa de vosso pai, e me case com uma donzela que dizem é filha de El-Rei de Polónia, dotada não sómente de formosura, mas de outras infinitas virtudes. Portanto é necessário que, despida de vossos vestidos riais, conforme a vossa natureza (1), vos vades para casa de vosso pai, sem por isso vos mostrardes menos contente do que éreis, sendo minha mulher.

A isto respondeu a Marquesa:

—Sempre eu entendi, senhor meu, que entre vossa grandeza e meu pouco merecer não havia proporção alguma, não me achando merecedora de ser vossa mulher. E tanto, que nesta casa, e paço onde me vós fizestes senhora, Deus me é testemunha que em meus pensamentos sempre me tive por indigna de tal estado, e a Deus Nosso Senhor dou muitas graças do tempo que

(1) = *origem.*

em vossa companhia hei vivido, com tanta honra, que sobrepuja em extremo grau a meu pouco merecimento; e, em o demais, aparelhada estou a servir como obediente escrava a vossa desejada espôsa, se fôr necessário, a qual gozeis (1) por muitos anos e bons.

O Marquês, como tão costumado a experimentar tão diversas cousas, lhe disse:

— Já que, formosa Grisélia, vos ofereceis para servir minha espôsa, eu quero que fiqueis em casa,a dardes ordem ao recebimento e banquetes que se oferecerem; porque entendo que melhor que todos fareis estas cousas com boa diligência e boa graça.

Ela foi mui contente, e ficou em casa feita criada e despenseira; e nisto, com sua boa prudência, cuidava que tinha alcançado muito.

*

* *

Neste tempo que isto passava, mandou o Marquês a seu secretário, de quem muito se fiava, com cartas escritas de sua mão, acom-

(1) = Subentenda-se *desejo que gozeis*.

panhadas de muitos cavalheiros, pedindo a El-Rei de Polónia lhe mandasse a filha que lhe tinha pedido.

Recebidas as cartas, era tão grande a amizade e amor que El-Rei tinha ao Marquès, que determinou de os acompanhar, e ver-se com èle; e, assinado o dia certo, tomou seu caminho, acompanhado de seus vassalos, levando consigo a donzela, que em extremo era formosa. A qual ia ornada de riquíssimas jóias, e levava consigo o infante seu irmão; e, chegando em poucos dias à presença do Marquès, El-rei e seus foram recolhidos em seu nobre Paço, e a donzela e o Infante agasalhados no aposento que soía ser da Marquesa. A qual, em figura de servidora da casa, chegou (1) a dar os parabèns à noiva e fingida desposada, e depois recebia a todos que com ela vinham.

Os estranjeiros, em a verem, ficaram em extremo maravilhados. Era de ver o especial cuidado que tinha de servir e festejar a nova desposada, sem se poder fartar de louvá-la de formosa e avisada.

Determinados de se assentarem a comer,

---

(1) = *se apresentou.*

estando todos com grande contentamento assentados, virou-se o Marquês para sua Grisélia, meio rindo, e em presença de todos lhe disse:

— ¿Que vos parece, Grisélia, esta minha esposada? ¿Não é muito formosa e graciosa?:

— Sim, por certo, senhor, disse ela; e não cuido que se ache em todo o mundo outra que mais o seja. Porêm, falando agora com mais liberdade, digo-vos e aviso-vos que, se vossa mulher há-de ser, que lhe não deis a gostar aqueles descontentamentos e desgostos que destes a vossa passada mulher; porque, como é moça e criada em mimo e regalo, não os poderá sofrer nem dissimular como a outra os passava...

O Marquês, vendo a generosidade com que isto dizia, e considerando aquela grande constância de mulher, tantas vezes e tão fortemente tentada na paciência, com justíssima causa teve compaixão dela; e, não podendo mais dissimular, acabando de comer a fêz vir assentar a par de si, dizendo:

— Oh minha nobre e amada mulher! Grandemente me é clara e notória a vossa lialdade. Não cuido haver homem debaixo do céu, que tantas experiências do amor de sua mulher haja visto como eu.

Dizendo isto, com entranhável amor a foi abraçar, tornando-lhe a dizer:

— Vós sois, senhora, minha mulher. Nunca outra tive, nem tenho, nem terei; e esta, que vós cuidais que é minha espôsa, é vossa filha, a qual fingidamente fiz que a tivésseis por morta. Èste é o Infante vosso filho, o qual por diversas vezes cuidastes ter perdido no monte. Alegrai-vos com vossa boa ventura, pois juntamente cobrais tudo; e perdoai-me os desgostos que vos tenho dado, pois foram para mais fineza de vossa honra, e gôsto meu.

Ouvindo isto a nobre Marquesa, de prazer quási perdia o sentido. Com soberano gôsto de ver seus filhos, que tantas vezes tivera por mortos, saía fora de seu juízo; e, querendo ir-se para êles desfeita tôda em lágrimas, não se pôde escusar de os abraçar muitas vezes.

Vendo isto as damas e senhoras que ali estavam, tôdas à porfia, com muito gôsto e prazer, a despiram dos seus pobres vestidos e lhe vestiram os seus costumados, composta e ornada de ricas e preciosas jóias.

Foi para todos aqueles cavalheiros e damas uma mui grande alegria, esta reconciliação da marquesa Grisélia; e, sendo di-

vulgado isto ao povo, se fizeram grandes luminárias e festas, por cobrarem a Marquesa, e filhos que já por mortos tinham.

E com isto tiveram depois, marido e mulher, largos anos com muita paz e concórdia, sempre em serviço de Nosso Senhor. E por sua morte deixaram filhos, que depois lhes sucederam no Marquesado.

(Parte Terceira, Conto V)

XX

A DONZELA HONESTA E O DUQUE JUSTICEIRO

Alexandre de Médicis, primeiro duque de Florença, era tão amigo da justiça, e do bom govêrno de sua Cidade, que a nenhum príncipe do mundo queria dar vantagem; e por tal era de seus vassalos tão querido e prezado, que todos tinham por dom de Deus haver-lhes dado tal Príncipe.

Tinha o duque Alexandre de Médicis consigo muitos senhores e fidalgos, nobres de sua casa, entre os quais um que, além de ser grande senhor, era tão querido e estimado dêle, que precedia a todos os mais. Êste cavalheiro, que Maurício se chamava, tinha uma fazenda fora da Cidade, muito sumptuosa e de muita recreação; onde, além do edifício das casas e paços, que era muito para ver e se notarem suas estranhas galantarias, tinha muita caça, assim de veados como de outros animais prezados, e grandes tanques de muita pescaria; de modo

que das suas portas a dentro estava aquele fidalgo tão provido de todo o necessário, que podia dar sumptuosos banquetes ao maior senhor do mundo, sem haver mestér prover-se de fora de cousa alguma.

Sendo esta casa de prazer desta maneira que tenho contado, era o senhor Maurício tão afeiçoado a nela residir, que a maior parte do tempo se achava nela; e havia junto desta fazenda do senhor Maurício um moinho, cujo dono era um pobre moleiro, que vivia sómente do seu trabalho, em companhia duma môça sua filha; a qual, pôsto que pobre lavradora, era em extremo formosa; e o que mais era de notar é que resplandecia nela uma grañdeza de ânimo em respeito de sua honestidade, que se a natureza lhe não negara nobreza de estado, não tinha o desejo mais que pedir.

Esta môça foi vista por algumas vezes dêste cavalheiro; e como êle era nobre, assim em linhagem como em riqueza, pretendeu de a requestar, e que o havê-la seria fácil cousa, visto (1) os bens que a ela lhe

---

(1) Pode defender-se o emprêgo de *visto* em vez de *vistos*, considerando aquela forma como preposicional.

podiam proceder de sua afeição. Nem entendeu que nela havia outros preços muito maiores, como era o respeito da sua honestidade, que ela não sabia trocar por cousa alguma que não fôsse guiada à sua honra.

Pois, vendo-se êste senhor cada dia mais obrigado pelas mostras (1) que via nesta lavradora, pretendeu de buscar ocasião para lhe falar, e de ordinário se fazia encontrado com ela no campo ou na fonte, onde ela ia algumas vezes buscar água para o serviço da casa de seu pai.

Para mais a seu propósito fazer o que desejava, pediu Maurício licença ao Duque para se ir recrear à sua casa de prazer por um mês; o que o Duque lhe houve de outorgar, bem contra sua vontade, porque era tanto o que privava com êle, que de contínuo o queria trazer junto consigo. Mas como êste cavalheiro trouxesse mais o intento na pretensão de seus amores que na privança de seu Principe, antepôs o seu desejo a todo interêsse e honra que dali se lhe podia seguir; e, determinado a se partir, convidou alguns seus amigos familiares, com quem

(1) — *mais atraido ou preso pelos encantos*, etc.

tinha estreita conversação (1), para se folgarem e caçarem neste vergel; mas, verdadeiramente, para neste tempo poder seguir com mais dissimulação seus amores.

Aos quais amigos deu conta de sua paixão, e pôsto que êles, como pessoas iguais, lhe estranhassem muito pôr seu pensamento em tão baixa parte, todavia, vendo que o amor não olha excepção de pessoas, se ofereceram, como liais e verdadeiros amigos, a o ajudarem e favorecerem em tudo o que fôssede seu serviço e para o efeito de seu desejo.

Vendo-se o senhor Maurício tão favorecido de seus companheiros, previa a hora em que se havia de ver diante de quem tinha tomado posse de seu coração.

*

* *

Chegado que foi a esta sua casa, logo começou a fazer rondas ao derredor do caminho, para ver se podia falar à sua nova namora da; mas ela, entendendo os meneios de sua intenção, com a maior dissimulação que podia se escusava de poder ser vista nem

(1) Hoje dizemos *convivência.*

dêle, nem de seus companheiros, por não dar ocasião de poderem entender dela aquilo de que ela estava tão isenta. Pelo que Maurício andava tão desesperado, e furioso de se ver desprezado e aborrecido de sua dama, que, vendo que com muitos recados que lhe tinha mandado, e dádivas mui ricas que com as tais mensagens lhe tinha oferecido, nunca a pudera alcançar e inclinar à sua tenção, determinou de a roubar de casa de seu pai por fôrça, com a ajuda de seus companheiros. E praticando (1) esta tenção com seus amigos, e vendo-os unânimes a o favorecerem nesta emprêsa tanto de seu gôsto, assentaram tempo e horas acomodadas, e oportunas a seu propósito.

Era já chegada a noite, estando tudo quieto, e êles tão desinquietos no que pretendiam fazer, saíram de sua casa com armas ofensivas e defensivas para algum extremo, se se oferecesse; e endireitando para casa do pobre moleiro, lhe entraram por fôrça dentro em casa e lhe tomaram a filha, que com infinitas lágrimas e suspiros defendia seu casto pensamento. O pai, também desespe-

---

(1) = *discutindo.*

rado de tamanha fôrça (1), com essa pequena (2) que tinha pretendia livrar a filha das mãos daqueles carniceiros lobos; mas o cavaleiro Maurício, cabeça desta maldade, se lhe pôs diante com uma espada nua (em-quanto seus companheiros se recolhiam em seus Paços com a desconsolada donzela) dizendo ao velho que, se queria conservar sua vida, e não a perder sem remédio da salvação de sua filha, desistisse de sua porfia, pois não tinha fôrças para acabar o que pretendia.

Ao que (3) o desconsolado velho, com a maior paixão do mundo, se recolheu em sua pobre casa, ou, para melhor dizer, o fizerem recolher, mais por fôrça que por vontade. Onde, sem dormir, aquela noite esteve quási tôda com mil imaginações tão desesperadas, que em nenhuma achava lugar de consolação.

Maurício se meteu em seus Paços, onde achou sua desconsolada dama tão impaciente (4) para com êle, que parecia que de seus

---

(1) = *violência.*
(2) Subentenda-se *fôrça.*
(3) = *Em conseqüência do que.*
(4) = *indignada.*

olhos saíam vivos raios de fogo; mas vendo-se sem remédio, e cuidando que com palavras o podia mover, ou inclinar ao que fôsse de razão e honesto, lhe disse:

— ¿Que cousa há aí no mundo, senhor Maurício, que mais ofenda a honra de um nobre cavalheiro, de que vós vos prezais, que o fazerdes fôrça a uma fraca donzela, órfã (1) e pobre de remédio? Se a paixão (2) me dera tréguas de repouso, quisera-vos preguntar para que vos dotou Deus êsse nobre Estado e ordem de Cavalaria que tendes, senão para defender com vossas fôrças os agravos que se fazem às pobres donzelas? E pois minha possibilidade, hoje nem nunca, não tem mais ser que aquela honra que de honrados cavalheiros lhe pode vir, não sei para que quereis por um fraco apetite pôr tamanha nódoa em quem vós sois. Seja-me testemunha minha inocência, que sempre vos olhei tendo para mim que, quando entre os homens faltasse virtude e preços de honra, que tudo se achasse em vossa

(1) Equivalia práticamente à orfandade a situação de sequestro em que ela se encontrava.

(2) — *a indignação, a aflição.*

pessoa; mas eu me enganei na escolha de meus olhos, porque em vós não se acha senão um ânimo pusilânime, uma vontade fementida, um coração de baixo e vil preço. E se isto ofende vossos ouvidos e escandaliza vossa pessoa, para daqui me resultarem maiores trabalhos, ¡seja embora! Não quero que vos pareça bem cousa minha; que a fortuna não me pode perseguir mais, que pôr minha casta inocência nas mãos de um carniceiro lobo, que a pretende destruir. ¿Vós, senhor, cuidais que a pobreza de meus hábitos tem encoberto menos virtude, que os ricos e soberbos vestidos das grandes senhoras? ¿Cuidais que, por me haver criado no campo, reine em meu coração tanta baixeza, que por vos dar a vós gôsto haja de corromper minha perfeição e manchar a honra, que até agora tive em tanto preço? Pois estai certo que primeiro apartará a morte a alma dêste corpo, que de minha vontade consinta perder o melhor que há em mim. Quanto mais vos vejo olhardes-me com êsses olhos tão irosos, tanto minha vontade mais se contenta, parecendo-me que por esta via vos venha a parecer tão diabo, que vos ausenteis de mim...

Neste passo, pôsto que êle estava irado e

impaciente das palavras que lhe tinha ouvido, caiu-lhe tanto em graça o dizer-lhe ela que desejava de lhe parecer um diabo, para que se ausentasse de sua presença, que lhe disse:

— Todos êsses males, que dizeis que por mim são causados a fim de vossos desgostos, sabei, senhora, que meu coração não solicita nem se afinca senão por cousas que vos causem contentamento; e de mim crede uma verdade: que não foi malícia, nem mal-querer, o fazer-vos eu esta fôrça, senão amor que tem tomado posse de meus espíritos vitais, e assim não pode estar encerrado sem dar mostra do que dentro tem em si. E se vós, senhora, tivéreis sentido o que padeço com vossas esquivanças, creio que não fôreis tão cruel que não tivéreis alguma piedade de dardes remédio a meu mal. Portanto, não vos aflijais, que eu vos prometo de não tomar de vós senão aquilo que vossa vontade me quiser dar. Recreai-vos; folgai por todo êste jardim; e já que vós sois senhora de minha liberdade, sêde-o também de minha fazenda: lograi-vos de tudo o que aqui vêdes — e de mim também, se minha fé merece alguma paga. Aproveitai-vos dos mimos que vos promete vos-

sa ventura; disponde de tudo à vossa vontade, que êste será meu contentamento: ver-vos inclinada a vos parecerem bem minhas cousas.

A isto não respondia ela outra cousa senão derramar lágrimas, deitar de si suspiros, bracejando com os braços, fazendo guerra com êles a seus formosos cabelos. Assim passou com a maior angústia do mundo a maior parte da noite; e êle, vendo-a tal, por dar lugar a que fizesse têrmo aquele primeiro incidente, a deixou, vendo que já a tinha a bom recado (1). Como fragueiro (2) caçador, que, depois de tomar a ave na rêde, sabe a impaciência com que no princípio se pretende soltar, e depois toma por quietação aquela vida que dantes lhe era tão enojosa — êle, experimentado já nestes assaltos de amor, deixando-a e recolhendo-se em outro aposento, se gastou tôda a noite com mais quietação que as passadas.

(1) A bom recado — *em lugar seguro.*
(2) — *experimentado.*

*

* *

Tornemos a dar conta do pobre velho, pai desta donzela, que, vendo-se desesperado de todo o remédio possível para cobrar sua filha com aquela honra com que êle a perdera, se deitou a dormir; onde passou a maior parte da noite mais em imaginações tristes e contínuos soluços, do que em sono. O qual, antes que amanhecesse, se pôs em caminho da Cidade de Florença, onde residia o Duque senhor dela, com propósito de o comover a lástima e piedade, e pedir-lhe justiça em um insulto tamanho contra a honra de sua filha.

Chegando à cidade a tempo que o Duque saía a ouvir missa, se ajoelhou diante dêle; e com voz rouca e cansada, derramando, por suas barbas brancas, lágrimas que a quem o ouvia provocavam a grande lástima, dizia:

— Senhor: se algum dia tivestes piedade de algum homem desconsolado, vos peço e rogo que olheis a desventura que por tantas partes me rodeia; e que tenhais compaixão da pobreza dêste velho, a quem se há

feito um agravo tal, que espero em vossa grandeza e costumada justiça, que não deixareis sem castigo um pecado tão abominável como êste.

E com isto, comovido da grande dôr que o atormentava; cheio de suspiros e soluços, não podia ir com sua prática por diante, olhando com uns olhos piedosos a uma e outra parte. Tôdas as pessoas presentes estavam lastimadas de suas lágrimas e suspiros; e o Duque, como discreto, vendo que não ia por diante com a sua petição, entendeu ser alguma cousa de segrêdo a demanda dêste velho, mandou apartar os seus, e tomando só a par de si o desconsolado velho, lhe disse:

— Amigo: aquietai-vos, e com moderação me contai vosso sucesso; que, sendo caso em que se requeira fazer justiça, não olhando excepção de pessoas eu vos dou minha palavra de a fazer tão inteiramente, que vós fiqueis satisfeito.

Vendo o pobre velho que o Duque com tão boas razões lhe preguntava o agravo que se lhe havia feito, e o nome de quem o havia cometido, e assim mesmo lhe prometia ajuda, e justo castigo, merecendo-o o delito — tomou ânimo para lhe contar por

extenso o decurso do roubo (1), e fôrça cometida à pessoa de sua filha, declarando-lhe os nomes, assim do autor desta conjuração, como dos que neste feito o acompanharam, como temos contado.

Êste cavaleiro Maurício era pessoa que mais amizade e privança tinha com o Duque, do que nenhum dos seus chegados. Pelo qual, espantado em extremo do caso, disse êste ao velho moleiro:

— É êsse um feito tão grave, que merece que se faça nêle castigo rigoroso; portanto, homem honrado, olhai bem não erreis, acusando uma pessoa por outra: porque êste cavaleiro que haveis nomeado, e que foi o roubador da vossa filha, é homem de bem, e sempre foi tido por tal de todos os que o conhecem. Por onde vos digo de verdade que, se isto que me afirmais com estas lágrimas não é assim, que vos não custará o caso menos que a vida; e também vos digo que, se o negócio é assim como me haveis contado, vos prometo de olhar por vossa justiça, e de tomar com grande instância sôbre mim a satisfação dêste agravo.

---

(1) = *rapto.*

Ao qual respondeu o bom velho:

— Senhor, é o caso tão verdadeiro, que hoje em dia tem minha filha encerrada em sua casa, como se fôsse mulher pública: e se V. Ex.ª quere experimentar êste negócio mais, e mandar lá saber a verdade, saberá como o que digo é assim, e que diante de V. Ex.ª não digo cousa que não seja verdade, que sois meu Príncipe, e senhor, a quem, diante de vossa presença, não se deve falar senão verdade e religiosamente.

— Pois se assim é, (lhe disse o Duque) ide-vos embora, que hoje, querendo Deus, eu irei comer a vossa casa: e no caminho não saiba viva pessoa o que passastes aqui comigo.

O bom velho, contente e alegre que não cabia em si de prazer por haver tão bem negociado, se foi para sua casa, aguardando ao Duque, que havia de ser o libertador e socorro da honra de sua filha. O qual, tanto que teve ouvido missa (1), mandou que lhe aparelhassem cavalos, e disse a seus privados, que estavam com êle:

(1) *Teve ouvido missa* é forma temporal insólita na conjugação portuguesa. Correcto seria *ouviu missa* ou *acabou de ouvir missa*

— É sabido que perto daqui anda um porco javali, dos maiores que tenho visto. Aviai-vos todos, e iremos despertar seu sono e repouso, em-quanto se fazem horas de comer.

E, saindo-se da Cidade com sua gente, se foi direito ao moinho do pobre homem, onde mandou que lhe aparelhassem de comer; e depois de ter comido, sem dar parte do que determinava fazer a seus privados, esteve por um espaço pensativo, cuidando que determinação tomaria neste caso; porque, por uma parte a qualidade do feito o movia a castigo rigoroso, e por outra parte o amor e amizade que tinha a êste Cavaleiro, o suspendia a que não usasse de rigoridade (1), e que mudasse de parecer.

Estando vacilando (2) desta maneira, o vieram avisar que os monteiros haviam levantado um cervo, o mais formoso que haviam visto em sua vida, no que se folgou grandemente, porque por êste modo se apartou de seus cavaleiros, mandando-lhes que

(1) «O *suspendia* a que *não* usasse de rigoridade» — *o impedia de usar do rigor.*

(2) Repetição deselegante da desinência *ando.*

seguissem o cervo; e êle se ficou com os mais privados, que eram de seu conselho secreto, que quis que fôssem testemunhas do que determinava fazer.

Neste tempo já o senhor Maurício e seus companheiros tinham sabido como o Duque andava naquela parte; e, não atinando ao que poderia ser sua vinda, se foram para êle, dizendo-lhe Maurício:

—Se a fortuna me fôra tão favorável, que eu soubera a vinda de V. Ex.ª a esta parte, estivera eu e estes senhores mais aparelhados para servir e hospedar a V. Ex.ª; mas, tomando daqui a vontade com que tudo se oferece (1), ficará êste coração satisfeito.

E com estas palavras se iam endireitando para os Paços dêste cavaleiro, que, como tenho contado, eram de admiração; e o Duque lhe ia dizendo, dissimulando a paixão que dentro em si levava:

— Eu não sabia que vossa casa estava aqui tão perto; mas, pois eu sou vindo aqui à vossa terra, não me irei dela sem ver êste formoso vergel, que pelo que mostra de fora

---

(1)=*avaliando V. Ex.ª por aqui a boa-vontade com que tudo se oferece.*

deve por dentro ter muito que ver e notar.

E com isto se foram chegando aos Paços do Snr. Maurício, que ia muito contente com levar a sua casa seu Príncipe, imaginando pouco quanto o Duque sabia de seus negócios.

Tanto que o Duque e seus companheiros foram apeados de seus cavalos, se acharam dentro dum pátio, que era o recebimento (1) dêstes Paços, o qual tinha em si, no meio, um formoso tanque de água com muitas ninfas feitas de alabastro, que por subtil invenção (2) faziam grande majestade ao recebimento; mas como o Duque levava o intento a ver (3) se podia levantar a lebre que estava escondida, fèz pouco caso do que via, endireitando aos aposentos de cima, onde lhe foram abrindo tôdas as casas. E eram de tanta admiração as obras e ga-

---

(1) A palavra *recebimento* parece ter aqui o sentido de *vestíbulo* ou *entrada nobre*.

(2) A *subtil invenção* ¿refere-se à própria e simples beleza escultural das ninfas de alabastro? ¿Ou a qualquer mecanismo oculto e destinado a fazer jorrar ou cascatear a água no tanque?

(3) = *em ver*

lantarias, que nelas estavam feitas, que davam muito em que entender a quem as via; e o senhor Maurício andava tão contente em ver que o Duque participava de suas cousas, que não havia maior contentamento que lhe chegasse.

Indo continuando, e vendo (1) todos os aposentos, foram ter a uma sala grande, quadrada, a qual o Duque andou notando, e vendo nela muitas histórias, que ao vivo estavam ali pintadas; e olhando para uma quadra da casa, viu estar uma porta fechada; e vendo que tôdas as portas por onde tinha vindo, tôdas lhe tinham aberto, e só aquele aposento estava fechado, suspeitou que ali podia aquele Cavaleiro ter a donzela, que êle Duque pretendia descobrir. Por onde (2), virado para êle, lhe disse:

— Estou tão maravilhado das grandes cousas que nesta vossa casa tenho visto, que me tem o desejo penhorado a não deixar nela cousa alguma que não veja; portanto mandai abrir êste aposento; que, se-

---

(1) Três particípios em sucessão pouco agradável.

(2) Por onde = *por isso; pelo que.*

gundo o pensamento me advinha, deveis ter aqui vosso tesouro.

Èle, alterado com o sobressalto do mandado do Duque, não soube que lhe responder, mais que dizer-lhe:

— Senhor, êste aposento não está aparelhado, nem concertado como convêm, para ser visto de V. Ex.ª; e mais, tambêm o caseiro, que tem as chaves dêle, foi hoje à cidade; por onde, haja V. Ex.ª por seu serviço passar adiante.

O Duque, entendendo estas escusas e não as aceitando pelo preço que êle as queria vender, acabou de se assegurar em o que de antes havia suspeitado; e com rosto irado, lhe disse:

— ¡ Mandai abrir esta porta, ou com chaves ou sem elas, porque quero ver os segredos que estão dentro!

Èle, vendo que o que o Duque dizia era de quem já entendia alguma cousa, não soube com que se pudesse escusar, ficando atónito e quási convencido; mas, tirando (como lá dizem) fôrças de fraqueza, com a maior dissimulação que pôde chegou à orelha do Duque e lhe disse, sorrindo-se, como quem deitava o negócio a zombaria:

— Tenho, Senhor, aqui dentro uma minha

dama, e não quisera que a visse outrem, mais que V. Ex.ª.

Respondeu o Duque:

— Pois isso é o que eu venho a buscar. Vejamo-la, para sabermos se é formosa, e se merece fazerdes tanto caso dela.

De maneira que, ou por fôrça, ou de vontade, abriu a porta à donzela, que êle ali tinha forçada.

Vendo ela que quem ali tinha era seu Príncipe e senhor, com a maior determinação que pôde lhe saiu ao encontro descabelada (1), derramando infinitas lágrimas por seus formosos olhos, descobertos os peitos, rotos seus vestidos. E, como mulher desesperada, se deitou aos pés do Duque, dizendo:

— Excelente Príncipe e senhor: em mim podeis ver a mais sem ventura mulher que há aí nas desventuradas; que com grande traição é forçada por quem se há atrevido, com tão pouco respeito de vossa grandeza, meter-vos no lugar onde podeis ser testemunha de sua desonesta vida. Por onde vos peço, como a Príncipe e senhor, que me façais justiça!

Quando o Duque viu tal espectáculo, havendo compaixão da pobre donzela (que com

(1) = *desgrenhada, despenteada.*

uma ânsia terrível arranhava seu formoso rosto, arrancava e destruía seus soltos cabelos, torcendo, com a dôr que a atormentava, suas belas mãos) virando o rosto para onde estava o Senhor Maurício e seus privados, lhes disse:

— ¿ Esta é a nobreza, e o ilustre sangue de vossos passados: roubar as filhas dos pobres vizinhos meus vassalos, que estão e vivem debaixo do meu amparo? ¿ É certo que cuidais que as leis do meu Reino se hão-de quebrantar, por terdes estado e privança em minha casa? Pois não será assim; que vos prometo que em-quanto viver, hei-de ser perseguidor dos maus, e com rigorosa justiça vingarei a fôrça que se fizer ao pobre. ¡Quem houvera de cuidar que um Cavaleiro, nascido e criado em minha casa, havia de infamar sua pessoa, forçando as que haviam de ser amparadas, e desonrando o lugar onde sua virtude houvera de ficar por exemplo a todos! Não sei o que me impede não fazer, a vós e a vossos ajudadores, cortar as cabeças neste campo (1), como a traido-

(1) *Neste campo* pode significar *nesta ocasião*, ou *imediatamente*. Compare-se com o francês *sur le champ*.

res e salteadores. ¡Ide-vos de diante de mim, infames inquietadores do sossêgo de vossos vizinhos, roubadores da fama, que vale mais que vós outros juntos!

E com esta paixão, que vivos raios de fogo parecia lançar por seus olhos, virando-se para ela, lhe disse:

— Levantai-vos, formosa donzela, e consolai-vos, que eu vos prometo, à fé de quem sou, que eu vos faça tal justiça, que minha consciência fique satisfeita, vós contente, e vossa honra reparada do agravo e injúria que tem recebido.

E logo no mesmo instante mandou chamar o pai da donzela e tôdas as pessoas que haviam estado presentes quando lhe fizeram o roubo de sua filha, para que fôssem testemunhas do que pretendia fazer; e tomando pela mão a pobre donzela, e estando presentes o pai dela, e as mais pessoas de sua casa, com os cavaleiros e fidalgos que que haviam vindo com êle, disse:

— Esta é a presa, meus amigos, que hoje havia determinado de colher, e ela veio-nos à mão sem redes, nem latidos de cães. Nisto podeis ver a honra que meus privados dão a minha casa, salteando as pobres lavrado-

ras e roubando as donzelas de entre os braços de seus pais; arrancando as portas dos que vivem seguros debaixo dos privilégios de minha justiça. Se não fôra por olhar uma cousa que não digo, eu fizera neste caso tão cruel castigo, que ficara por exemplo a todos; o qual calo e dissimulo, porque me parece que lhe basta a vergonha de se ver diante de nós, convencido de um delito que não merece menos que a morte ignominiosa. O qual receberá de mim perdão, não merecido de seu êrro, mas será com a condição que logo tomeis por espôsa, e vossa legítima mulher, a esta donzela; porque de outra maneira, nem vós, nem ela, podeis restaurar a honra que lhe tendes tirado. E daqui por diante a estimareis, e lhe querereis tanto, quanto agora lhe mostráveis querer para outro fim; porque é tanto o seu merecimento, que não vo-la dou em menos preço, que se ela fôsse irmã dêste Duque de Florença que vo-la apresenta. E alêm disto mando, quero, e ordeno, atendendo à pobreza de seu pai, que, pelo agravo que de vós há recebido, seja de vossa fazenda dotada em dez mil cruzados; para que, se seu marido morrer sem deixar herdeiros, lhe fique com que viva honestamente. Do qual quero que logo

se faça escritura pública e autêntica, tornando a jurar e a prometer que, se sei que a tratais doutra maneira que a mulher deve ser tratada de seu marido, que vos não há-de custar menos que a vida.

O Cavaleiro, que não esperava por cousa menos que a morte, vendo que se lhe oferecia uma (1) tanto de seu gôsto, se deitou aos pés do Duque com palavras de agradecimento, dizendo que êste lhe fazia no caso grande mercê, e que êle protestava de cumprir os preceitos que lhe eram postos, como Sua Ex.ª pela obra adiante veria.

Neste passo não se pode declarar o contentamento que tinha o pobre velho, pai da moça, e a gente que mais havia vindo com êle; e o prazer da pobre donzela era tamanho, que bem o dava a mostrar no contentamento de seu rosto, mais por ver restaurada sua honra, que ela tinha em tanto, que por se ver levantada naquele estado. E todos a uma voz, assim da parte da donzela, como os Cavaleiros da companhia do Duque, louvavam em extremo a grande virtude e nobreza, de que o Duque tinha usado com uma môça

(1) Subentenda-se *cousa*.

tão pobre de remédio, que em tão ínfimo estado estava posta, ficando por esta via a donzela levantada em honra e estado, e êle engrandecido e louvado pelo benefício que nela fizera. O qual Duque não se quis partir dali, até que em sua presença se celebrassem as bodas com tanta alegria de todos, quanto alvorôço e pesar tinham passado o dia de antes, quando roubaram a desposada.

Os desposados, e novos casados, viveram em muita paz e amor muitos anos, de que houveram filhos que depois lhes sucederam com muito contentamento, assim dèles como de todos os que os conheciam.

Pelo qual caso devemos estimar muito a virtude, principalmente as donzelas pobres, que se não deixem enganar por promessas que o mundo promete; pois vemos no decurso desta história quanto lhe sucedeu de honra e estado a esta pobre lavradora, por ter em tanto sua castidade, que em pobres vestidos tinha encerrada.

(*Parte terceira, Conto VI*, com pequenas supressões e correcções).

XXI

O AVARENTO CASTIGADO

Na cidade de Florença havia um mercador muito rico, que por suas mercadorias, e tratos de que usava, tinha ajuntado muitos mil cruzados. E assim como cada dia se lhe iam acrescentando suas riquezas, assim nêle se lhe ia multiplicando tanta avareza, que as pessoas que o comunicavam se admiravam como em extremo era tão avarento, que em outra cousa não trazia o sentido senão em ajuntar.

Êste, estando um dia vendendo suas mercadorias, tomou quatrocentos cruzados em ouro que havia recebido, deitou-os em uma bôlsa, e, depois de recolher seu fato, se foi para sua casa, entesourar os quatrocentos cruzados que levava em ouro.

Indo pelo caminho fazendo suas contas com a imaginação, lhe acertou a cair a bôlsa; e até que chegou a sua casa a não achou

menos (1). Esteve para perder o juízo juntamente com a bôlsa; e, tornando com grande pressa pelo caminho por onde tinha vindo, não encontrava pessoa a quem não preguntasse por ela; e, chegando ao último lugar donde tinha saído, e vendo que não achava rasto nem novas dela, foi tão grande a paixão que por aquela perda tomou, que a cada passo se lhe arrancava a alma.

Assim cheio de dor e aflição, ficou triste e pensativo, não se determinando no que faria; e quisera antes perder um ôlho que a sua bôlsa. Pelo qual, desejoso de a achar, com grande paixão e dor se foi ao Duque, que era senhor daquela cidade. Como sabia que era pessoa que a todos guardava justiça e dava ouvidos, assim ao pobre como ao rico, chegou diante dêle e lhe pediu que mandasse Sua Excelência em seu nome apregoar que quem achasse uma bôlsa com quatrocentos cruzados em ouro, que a trouxesse diante dêle, que êle lhe daria quarenta cruzados de achado.

O Duque, que não menos era piedoso para quem a êle viesse buscar socorro, que

---

(1) = *só deu por falta da bôlsa quando chegou a casa.*

grave e esforçado onde lhe convinha, lhe concedeu o que pedia, mandando logo por tôda a cidade apregoar que quem achasse uma bôlsa com quatrocentos cruzados em ouro, que a trouxesse diante dêle, que êle lhe faria logo dar quarenta cruzados de achado.

Foi dado o pregão pela cidade; e sendo ouvido de todos, chegou a ouvidos de quem havia achado a bôlsa, que era uma mulher viúva, muito pobre e virtuosa. E ouvindo dizer que davam quarenta cruzados de achado, foi muito leda (1), entendendo que, se ficasse com a bôlsa, seria infernar sua alma; e que melhor era para quietação de sua consciência torná-la a cuja era (2), que lhe daria os quarenta cruzados que o Duque mandava prometer; e que êstes podia levar sem encargo de consciência, pois seu dono os dava de livre vontade.

E assim, com esta determinação, se foi diante do Duque, e lhe pôs em sua mão a bôlsa que havia achado, assim e da maneira que o mercador a havia perdido. O qual, vendo-a em tão pobre traie e tão mal enrou-

---

(1) = *ficou muito contente.*

(2) = *restituí-la à pessoa de quem era.*

pada, lhe preguntou que mulher era, e se tinha alguma fazenda de seu, e de que vivia.

Ao que ela respondeu:

— Não tenho, senhor, outra cousa de meu, senão o que eu e uma filha donzela com quem só vivo em companhia, ganhamos com nossa agulha, vivendo em amor e temor a Deus. E passamos com nossa pobreza muitas necessidades, que só Nosso Senhor o sabe.

Ouvindo o Duque estas palavras, vendo a pobreza desta mulher, e que nem o desejo de remediar sua filha donzela foi parte para ficar com o que sua ventura lhe havia oferecido (1), considerando que, se outro de mais fazenda e menos necessidade a achara, a fizera sua, teve para si que aquela mulher devia de ser virtuosa e honrada, e que era digna de ser grandemente favorecida.

Logo mandou chamar o mercador, e lhe disse como a bôlsa havia já aparecido; que não faltava mais que cumprir sua promessa àquela mulher honrada que a havia achado.

---

(1) *Foi parte para ficar com o que sua ventura lhe havia oferecido* = a induziu a guardar consigo a fortuna que o acaso lhe deparara

Folgou em extremo o avarento mercador de haver aparecido seu dinheiro; porêm chegou-lhe à alma o ver que havia de dar os quarenta cruzados que tinha prometido de achado; e, assim, imaginou logo naquele instante um ardil para os não dar: e foi que tomou a bôlsa, e vazou o dinheiro em uma mesa que ali estava, e o contou, e pôsto que o achasse certo, com tudo isto, revirado para a mulher que o havia achado lhe disse:

— Mulher de bem: aqui nesta bôlsa faltam trinta e quatro cruzados venezianos que estavam de mais dos quatrocentos cruzados em ouro que aqui estão.

A boa velha, afrontada e corrida do mercador lhe dizer que faltava o dinheiro na sua bôlsa, lhe disse:

— ¡De maneira, senhor, que credes de mim que vos havia eu de furtar o vosso dinheiro! Se eu fôra pessoa que de mim se pudera presumir tal, ¿quem me obrigava, tendo eu em meu poder esta bôlsa, a trazê-la aqui, senão não querer o alheio?...

E, virando-se para onde estava o Duque, disse:

— E mais digo a V. Ex.ª uma verdade: que três dias há que tenho em meu poder

esta bôlsa, e creio que minhas mãos não tocaram em tal dinheiro; nem sei se era muito, se pouco, tão fora estive sempre de me aproveitar de nenhum dêle. E juro por minha alma que a bôlsa lhe entreguei aqui, assim da maneira que a achei!

Com tôdas estas razões com que esta velha afirmava sua verdade, não deixava o mercador de gritar e dar vozes, dizendo que lhe fôsse buscar os trinta e quatro escudos venezianos que lhe faltavam, se queria que lhe desse o achado que lhe tinha prometido. Senão, que não tinha remédio no que pretendia.

O Duque, conhecendo a malícia do mercador, e que tudo aquilo que fazia e dizia era afim de se escusar de dar o que prometera; entendendo que, quanta era a bondade da virtuosa mulher, tanta e mais era a maldade do avarento mercador; e que não sómente sustentava não dar à velha o que de razão lhe devia, senão que procurava enganar também a êle, não querendo cumprir o que debaixo do seu nome e palavra tinha prometido a quem achasse a bôlsa— se agastou demasiadamente. Entendendo que a cautela (1) de que aquele infame avarento que-

(1) = *fraude.*

ria usar era digna de exemplar castigo, esteve para, usando de sua potência, mandar-lhe tirar a vida.

Mas, refreando o ímpeto à ira com o valor de sua rara prudência, imaginou que a maior pena, que um príncipe como êle podia dar a um homem tão ruim como aquele, era fazer que com seu engano se ofendesse a si mesmo. E a esta causa, virando-se para êle, lhe disse :

— Vinde cá : se isso é assim como dizeis, ¿ porque me não declarastes que a bôlsa levava mais êstes escudos de ouro, quando me pedistes que mandasse deitar pregão ?

Respondeu meio corrido, e com palavras mal forjadas :

— Senhor, a falar verdade, não me lembrou dizê-lo a Vossa Excelência...

— ¿Tão fraco sois de memória (lhe tornou a dizer o Duque) que, fazendo tanto caso como de contínuo fazeis de um ceitil, vos haviam de esquecer trinta e tantos ducados venezianos, que dizeis vos faltam nessa bôlsa ? ! Ora eu tenho entendido que vós sois tal, que quereis fazer o alheio vosso; e que essa bôlsa, que esta mulher honrada achou, nem é vossa, pois nela faltam êstes ducados venezianos que dizeis ; antes

esta bôlsa que se achou, sem dúvida nenhuma, é uma que êsse próprio dia perdeu um meu criado, com esta mesma soma de dinheiro que essa tem. E pois, sendo assim como é, a mim e não a vós pertence.

E dizendo isto, se virou para onde estava a velha, e lhe disse:

-- Boa mulher. pois quis Deus que achásseis esta bôlsa, com estes cruzados de ouro, e que não seja a que êste mercador perdeu, senão minha, pois a perdeu um meu criado, eu vos faço graça dela com o dinheiro que tem, para casamento de vossa filha; e se em algum tempo achardes outra bôlsa que tenha os quatrocentos cruzados d'ouro, e trinta e quatro escudos venezianos que êle diz que tinha a sua, levai-a logo a sua casa, sem que tomeis dela cousa alguma.

Recebeu a pobre mulher o dinheiro com grande contentamento, beijando as mãos ao Duque por tão grande mercê, e lhe prometeu de fazer o que Sua Excelência mandava, sendo caso que se achasse a bôlsa do mercador.

Mas, conhecendo o avarento que o Duque, como discreto, havia entendido sua malícia, e a esta causa o queria ofender com

sua mesma cautela, pretendeu de o estorvar, dizendo :

—Vossa Excelência, magnânimo senhor, seja servido mandar que esta senhora me dê a bôlsa, que eu sou contente de lhe dar os quarenta cruzados que prometi do achado.

A estas palavras, cheio de cólera e ira, lhe respondeu o Duque :

— Minha nobreza e o prezar-me de quem sou me impede, falso e ruim homem, não te mandar dar o castigo que mereces, (1) pois tão desavergonhadamente diante de mim pedes o que não é teu. Tira-te diante (2) de mim, e não queiras que chegue a justa ira a seu têrmo. Vai-te para tua casa e descansa que, quando esta honrada dona achar tua bôlsa, eu te fico que ela ta dará.

Não se atreveu o inconsiderado avarento a replicar ao que o Duque dizia. Antes, arrependido (ainda que tarde) de não haver cumprido a palavra que prometera ao Duque, triste e desesperado se foi para casa, chorar seu desastre. E a velha, livre do contrário avarento, dando ao Duque as mais

(1) Note-se a construção negativa: *me impede não te mandar dar=me impede de te mandar dar.*

(2) *tira-te* DE ANTE *de mim.*

encarecidas graças, também se foi à sua mui contente, donde dali a poucos dias casou a filha com os quatrocentos cruzados, com que viveu mui honradamente.

(Parte terceira, Conto VII).

XXII

O FIEL SIDÓNIO

Na cidade de Veneza, que hoje é governada por Senadores, vivia um homem nobre, cidadão e natural da mesma Cidade, chamado Sidónio, o qual era casado com uma dona nobre e ornada de excelentes costumes, na qual, juntamente com as graças corporais que a natureza lhe tinha dado, se enxergava uma perfeição de vida honrada e virtuosa, com que vivia em grande amor e contentamento com seu marido, a quem ela mais que a sua própria vida queria.

Viviam estes casados em uma vida feliz; e êle, além de ser nobre e honrado, e possuir fazendas e riquezas, com que vivia em honra e quietação, também era tão zeloso de sua honra, que nunca queria consentir que alguêm a respeito dela o agravasse.

Residia na mesma Cidade um mancebo, mercador estranjeiro, que havia vindo ali

assentar casa com seu trato e mercadorias; o qual, vendo-se favorecido de muitas riquezas que possuia, era tão soberbo e arrogante, que lhe parecia que tudo o que quisesse ou intentasse, lhe havia de obedecer.

Êste acertou a pôr os olhos em Eugénia, que assim se chamava a mulher de Sidónio, êste nobre cidadão de que temos falado. E como êle desse em a namorar e perseguir assim, não menos de seus inquietos passos, como em mensagens, que procurava (1) por via de algumas mulheres (que, obrigadas pelo interêsse que dêle tiravam, se ofereciam a semelhantes mandados) Eugénia andava tão triste e pensativa, que, dando respostas a quem tais recados lhe trazia, conformes à honra e virtude, mais trabalho tinha de dissimular e apagar o fogo em que êle, desinquieto, se abrasava, que em se escusar de seus mal concertados recados. E por esta causa andava de contínuo tão melancolizada.

Sendo dantes aos olhos de seu marido alegre e contente, agora vivia nela uma contínua tristeza, que seu marido se ma-

(1) = *despachava; fazia seguir.*

ravilhava de a ver assim; e preguntando-lhe algumas vezes a causa de seu pouco contentamento, ela sempre lhe respondia com umas escusas leves e de pouco fundamento; e a razão era porque (1), como mulher avisada e prudente, não queria que viesse às orelhas de seu marido tal cousa, não por êle desconfiar de sua honestidade, senão pelo não pôr em risco de algum desastre com o mercador, segundo conhecia a condição de seu marido ser no ponto de sua honra tão belicoso.

De modo que tanto trabalhava de se escusar, com meios honrosos, a quem a perseguia, como de encobrir a seu marido a causa de sua tristeza; mas Sidónio, como homem que se prezava de bom entendimento, determinou de tomar sua mulher um dia em sua câmara fechada, e com palavras cheias de cólera, e soberba, se começou a agastar demasiadamente, dizendo:

— Senhora, já muitas vezes vos tenho pedido e rogado me digais a causa de vossa contínua tristeza; e sempre me respondeis tão fora de propósito, que estou determina-

(1) A forma correcta seria: *a razão era que*.

do a não sair desta casa sem o saber; porque, sendo vós minha amada mulher, a quem eu tenho por coroa de minha honra, e alívio do meu pensamento, onde se recreiam meus sentidos, não consentirei que em vossa alma viva algum desgôsto, sem eu ser participante; portanto vos rogo e peço me digais a causa de vosso descontentamento, senão vos juro a quem sou (1) de por estas mãos tomar de vós a vingança que vossa pouca fé merece.

E com estas palavras se inflamou com tamanha cólera, que Eugénia, que queria e temia a seu marido, por se não pôr em estado de maior infâmia, pretendeu de lhe descobrir (2) o que passava. E estando neste propósito, lhe disse:

—Marido e senhor, a quem eu tenho dado as chaves de meu coração: é tanto o que temo de dar-vos algum desgôsto, que quis antes sôbre mim padecer a pena que esta tristeza me causava, que dar ocasião de alguma tristeza vossa; pôsto que vos rogo,

---

(1) A quem sou = *à fé de quem sou; por quem sou.*

(2) Pretendeu de lhe descobrir = *resolveu descobrir-lhe.*

pelo verdadeiro amor nosso, e por aquela fé e amizade, e pelo preço e estima que sempre em vosso coração tive, que não seja parte (1) nenhuma cousa das que aqui disser, para que vosso nobre peito se escandalize; antes com tal discreção vos hajais, que, vencendo-vos a vós mesmo, só conheça vossa discreção e prudência.

Isto dito, lhe contou quanto o desinquieto mercador andava (2) por que ela se inclinasse a seus desatinos; e como, ainda que ela procurava apartá-lo de seu mau propósito, em nenhum modo queria deixar de persegui-la. As quais cousas lhe dobravam a pena, à uma por ver que não podia dar à sua pessoa algum aumento de honra aquele enfado importuno; à outra por considerar que o querer tirá-lo que a solicitasse (3) lhe parecia impossível, sem lhe dar a êle (4) conta daquelas cousas; e que, se lha dava, temia algum mau sucesso. Assim, por estar duvidosa no que nisto faria, se achava de contínuo melancolizada e triste.

---

(1) = *motivo*.

(2) = *insistia*.

(3) Tirá-lo que a solicitasse = *fazê-lo desistir de a requestar*.

(4) A êle, marido.

Depois que Eugénia disse a seu marido a verdade do caso, e êle ficou satisfeito (1), que assim era, lhe disse:

— Eu, senhora, estou muito seguro de vosso amor e lialdade para comigo, e por esta causa não quero que por amor das parvoíces dêsse doudo vós estejais desgostosa como até aqui haveis estado, senão que vivais com contentamento e liberdade, pois me tendes a mim satisfeito. E quanto a êle, deixai-o doudejar quanto quiser, que como vós fordes (2) para comigo quem sempre fostes, eu satisfeito, minha honra segura, todo o mundo corrente.

E dizendo isto, sem dar mostra de algum pesar, se partiu de casa. Ficou com-tudo Eugénia, conhecendo a condição de seu marido, temerosa de algum triste caso. E depressa saiu verdadeira sua suspeita; porque, chegando Sidónio à Praça, lugar onde os mercadores residiam, e vendo ali o que pertendia ofendê-lo, lhe disse que, se não deixava de dar fastio e pesar a sua espôsa, lhe daria a entender como era mui mal-feito

(1) = *convencido.*
(2) Como vós fordes = *com-tanto que sejais*

solicitar desonestamente as mulheres honradas.

O indiscreto mercador, que, pelas muitas riquezas que tinha, imaginava que tanto o haviam de temer todos, quanto por muito rico o estimavam, respondeu dizendo:

— Minha vontade é livre, e vós não lhe haveis de pôr leis a que se sujeite; e além disso, entendei que vossa mulher não é mais privilegiada que as outras: e estai certo que se ela quer, que ela vos fará ter paciência; porque não sois vós o primeiro, nem o derradeiro, a quem as armas de Acteão ornem sua cabeça (1).

Não teve paciência Sidónio a ouvir tão livres palavras sem vingar-se, e assim lhe disse:

— Nem tu, traidor, solicitarás mais a minha mulher, nem eu darei lugar para que me armes dessas armas que dizes.

E dizendo isto, posta a mão na sua espada, com tal ímpeto se foi para êle, que logo deu com êle em terra morto.

(1) *Acteão*, filho de Aristeu, neto de Cadmo, surpreendeu Diana no banho e foi por isso transformado em cervo, e logo devorado por seus próprios cães.

*

* *

Feita nesta forma sua vingança, com a maior pressa que pôde se foi retirando, até que, desconhecido, chegou a um porto de mar; onde, tomando uma barca, com a maior diligência se afastou de sua desejada pátria, e se passou a um Estado do Duque de Ferrara, e dali se meteu na mesma cidade de Ferrara, cheio de muita ânsia e paixão, por não lhe ser possível despedir-se de sua mulher e seus queridos filhos. Os quais, em sabendo a desastrada nova, ficaram com grande angústia e pesar, quanto se podia dizer.

A Senhoria de Veneza, que quer que todos os lugares da Cidade estejam seguros, em especial os públicos, onde os mercadores teem sua contratação e mercadorias, vendo êste repentino caso, se indignou de tal maneira contra o matador, que logo lhe foi tomada sua fazenda; e não contente com isto, para terror e exemplo dos mais, o apregoavam (1) segundo a ordem de suas leis, e prometeram dois mil cruzados a qual-

(1) Apregoar alguém = *deitar pregão para que o procurem e entreguem.*

quer que vivo o entregasse, e mil a quem trouxesse sua cabeça. Foi esta triste nova de grande dôr e sentimento ao pobre Sidónio, e não lhe pesava tanto de haver perdido sua fazenda, nem de estar desterrado com tanto perigo de sua vida da insigne Cidade onde havia nascido, quanto por haver de estar apartado de sua mulher e de seus filhos, a quem como sua própria alma amava; pelo que, havia dado ordem como (1) ela e êles saíssem da cidade de Veneza, e se viessem onde êle estava. Não foi isto cuidado, quando foi sentido, e mandado pelos Senadores (2), sob graves penas, que ela nem seus filhos se saíssem da Cidade. O qual foi outra nova desventura para ela, em ver que lhe impediam a vista e conversação daquele, que sua sorte lhe dera por marido.

Vivendo o infeliz Sidónio na cidade de Ferrara ausente de sua pátria, sem ter de que se sustentar, lhe foi forçado fazer-se sol-

(1) Como = *para que.*

(2) «Não foi isto cuidado, quando foi sentido, e mandado pelos Senadores» — *Mal isto foi planeado, logo o souberam os Senadores, os quais proibiram*, etc.

dado do Duque de Ferrara. Pelo qual se sustentava tão miserávelmente, que nem era possível mandar um rial a sua casa com que se remediassem sua mulher e filhos: e por êste motivo veio Eugénia, e um filho que tinha 10 anos, e uma filha de 14, a tanta pobreza e necessidade, que era de contínuo atormentada com chôro de seus filhos, por lhes faltar o sustento necessário.

Vivendo esta pobre senhora em suma pobreza, e vendo-se em tamanho extremo de miséria, escreveu uma carta a seu marido a Ferrara, onde estava desterrado, dizendo que já não sabia que fizesse; que se não mandava algum remédio à vida de seus filhos, temia grandemente que a filha, que êle havia deixado em idade conveniente para casar, pusesse a risco sua honra.

Foram de tanto sentimento estas palavras ao afligido Sidónio, que lhe chegou à alma a grande dor que elas lhe causaram: e temendo não viesse atrás de tantas desventuras a sua infâmia com a desonra de sua filha, respondeu a sua mulher que não sentia ver-se desterrado, senão por se achar fora da sua presença e de seus filhos, que eram todo seu coração, como ela era sua alma; mas, pois sua pouca ventura assim o havia

ordenado por êle querer defender sua honra, lhe rogava, quanto se podia rogar, que naquele honroso estado, em que ela sempre havia vivido, procurasse sustentar sua filha, para que desta sorte se conservasse em sua casa aquela honra que êle estimou sempre em mais que a própria vida; e animava-a finalmente, que tivesse esperança de cobrar o bem perdido, dizendo que Deus, que não nega o seu favor a quem nêle espera, o não negaria a ela nem a seus filhos: e que êle esperava em sua divina Majestade, que ainda o havia de trazer a tempo onde (1) todos com muito descanso vivessem até à morte; e que êle entretanto lhe assegurava e prometia de fazer quanto fôsse possível para socorrê-los, e mostrar-lhe por obra que mais atormentava a seu espírito o cuidado dela e seus filhos, que o de si próprio.

Desta maneira viveu a desconsolada Eugénia com seus filhos perto de dois anos, e

(1) Note-se o emprêgo do advérbio relativo *de lugar*, numa expressão de *tempo*.

o sem-ventura Sidónio com as armas às costas, esperando, assim êle em seu destêrro, como ela em sua casa, que Deus lhes abrisse algum caminho de remédio em tamanho apêrto e trabalho.

Vivendo na cidade de Ferrara dois mancebos irmãos, e fingindo um dia casarem uma irmã fora da cidade, convidaram a Sidónio que, pela amizade que com êles tinha, os acompanhasse naquele desposório; o que Sidónio singelamente lhes concedeu, não entendendo que onde tanta amizade havia lhe resultasse alguma traição.

Assim o levaram a uma horta, onde outras vezes já tinha ido a folgar com êles: e não tinha bem entrado nela, quando pelos dois irmãos, ajudados de outros companheiros, foi preso, e sem remédio fortemente atado; do que mostrando o triste maravilhar-se, e preguntando-lhes a causa por que tão mal guardavam as leis e honroso estado de amigos, responderam:

Que menos obrigação tinham de amar a êle que a seu pai, o qual andava desterrado não sómente de Veneza, senão de todo o Estado da Senhoria, a cuja causa queriam livrá-lo do destêrro que tinha, fazendo que o

levassem a êle, Sidónio, a Veneza, e apresentassem aos senhores Senadores, com que dessem a seu pai por livre, conforme tinham apregoado.

Quão grandes fôssem neste estado as ânsias que rodearam o combalido ânimo de Sidónio, não quero dizê-lo: à vossa consideração o deixo. Basta dizer que estava triste, certo que, em chegando a Veneza, logo seria entregue nas mãos do cruel algoz, para que lhe tirassem a vida; e não lhe pesava tanto de a perder, senão de ver que ia morrer aos olhos de sua amada mulher; pôsto que onde quer que êle morresse sabia muito bem, pelo que lhe ela queria, que lhe havia de ser sua morte de grande sentimento.

Os malfeitores desta conjuração, tanto que o tiveram preso, foram chamar a seu pai, e disseram-lhe como tinham já um bom remédio para o livrar do destêrro em que estava, e dar-lhe a ganhar juntamente dois mil cruzados. Ouvindo aquelas palavras, o bom velho, como grandemente desejasse tornar a sua casa, se alegrou em extremo, e disse que como (1) do primeiro estivesse certo, do interêsse, que era o segundo, se lhe não dava nada.

---

(1) — *quando, logo que, com-tanto que.*

Os filhos o informaram do que havia de fazer, e o levaram à estância onde o pobre Sidónio estava atado, e lhe disseram:

— Haveis, pai, de tirar a vida a êste, que está aqui presente, e levar sua cabeça e apresentá-la aos Senadores de Veneza; e com isto ficareis livre do destêrro em que estais; ou, se vos atreveis a levá-lo vivo, ganhais junto com a liberdade os dois mil cruzados.

Ouvidas semelhantes palavras pelo miserável preso, e vendo que o que ali estava era pai dos traidores, virando-se para êle com semblante irado, lhe disse:

—¿ É possível, senhor, que consintais que vossos filhos façam tão notável agravo às santas leis da amizade? Por livrar-vos de um destêrro em que vos não é posta pena de vida, querem que ma tireis a mim com tanta infâmia vossa. ¿Há-de ser êste por ventura o prémio de eu vos amar sempre como a pai, e vossos filhos como a irmãos, e por esta razão haver fiado, sempre e de contínuo, minha pessoa e vida de vós e dêles?

Comovido o piedoso velho das palavras de Sidónio, e considerando sua desventura, não se pôde ter que as lágrimas lhe não viessem aos olhos. E, chorando, disse:

— Não queira Deus que essa sem-razão que meus mal-considerados (1) filhos vos fazem passe adiante; antes, da mesma maneira que por pai me haveis tido até agora, quero daqui por diante ter-vos em conta de filho, da própria maneira que tenho aos que desta sorte vos trataram; porque antes quero morrer em perpétuo destêrro, que dar ocasião a que de mim se diga que, por livrar-me dêle, cometi um feito como êste, vil e infame.

Dito isto, se chegou a êle, e o desatou com suas próprias mãos. E estando sôlto, lhe disse:

— Do que agora vos há sucedido aprendei daqui por diante a ter mais resguardo; porque podíeis cair em mãos de quem por ventura vos não fôra como eu piedoso; e pôsto que com razão deveis estar enojado contra meus filhos, por vos haverem pôsto em tal perigo, pois eu dêle vos hei livrado, tende mais obrigação de amá-los, que vos avisaram para outro dia saberdes guardar vossa vida de semelhantes jogos (2). E assim vos rogo

(1) = *inconsiderados, lerianos.*
(2) = *riscos.*

que lhes perdoeis o mal que vos fizeram, pois vos há sucedido tão bem, carregando a culpa de seu êrro ao amor que mostraram ter a seu pai.

E com isto os fêz logo ali abraçar, e que tornassem de novo à paz e amigável trato, que até ali tiveram.

*

* *

Vendo-se êste pobre Veneziano livre de semelhante perigo, ficou tão confuso em si, que, revolvendo na imaginação mil fantasias, começou a dizer:

— Agora posso dizer que nasci, pois me livrei de um transe tão perigoso; mas ¿que me aproveita, triste de mim, viver em tamanhas misérias e trabalhos? Pois ainda não hão-de bastar para deixar de estar oferecido a semelhantes traições, como me agora aconteceram. ¡E juntamente com isto o risco em que está posta a honestidade de minha filha! E se de qualquer maneira eu acabo com a vida, fica minha casa posta em extrema miséria. Pois não há-de ser assim: perca-se a vida, e conserve-se a honra: eu quero ir a Veneza, e quero que minha mulher me conheça por fiel marido, e minha

filha por verdadeiro pai; e já que eu hei-de ser levado por mãos de alguns traidores diante do Senado, que elas sejam as que me apresentem, com que fiquem ganhando os dois mil cruzados, que se teem prometido a quem me entregar vivo: e desta maneira, pôsto que a mim me custe a vida, fiquem minha mulher e filhos fora da pobreza e misérias, onde (1) possam conservar aquela honra que eu sempre tanto estimei.

E com êste propósito se partiu logo secretamente para Veneza; e em chegando a sua casa, se apresentou diante de sua mulher; a qual, pôsto que em extremo o amava, e desejava vê-lo mais que tôdas as cousas do mundo, lhe pesou muito de sua vinda. E a esta causa, com grande perturbação e sobressalto, lhe disse:

— Bem entendo, doce e caro marido, que a vossa vinda (2) é trazer-nos algum socorro a mim e a vossa filha: porêm podíeis mandar-lho por alguêm que a esta Cidade viera, sem vos pordes (3) a tão manifesto perigo: porque, se souberam que aqui estais,

(1) = *de modo que.*
(2) = *o motivo de vossa vinda*
(3) = *expordes.*

humanas fôrças não seriam bastantes a vos livrar da morte: portanto fazei depressa o que vindes a fazer, e por amor de Deus vos parti logo; porque, se vos sucedesse por esta causa algum dano, ter-me-ia pela mais desventurada mulher do mundo.

Respondeu êle:

— Bem acertais, senhora, em dizer que venho a socorrer-vos a vós e a vossa filha; e na verdade não me traz outra cousa a esta terra mais que isso, e querer dar ordem (1) com que sua honra se não perca em ocasião de perigo. E por não achar quem melhor isso pudesse fazer do que eu, quis vir em pessoa a mostrar-vos o modo que haveis de ter para viver com ela honestamente, livre da muita necessidade e trabalho em que agora viveis.

Estava a desconsolada Eugénia tão trespassada e temerosa de ver ali seu marido, que, tôda tremendo, lhe dizia que manifestasse depressa a ocasião (2) de sua vinda e se partisse logo de Veneza, antes que o sentisse alguêm, que o fôsse acusar ao Senado; mas êle, dizendo a sua mulher que

(1) = *fazer, providenciar.*
(2) = *motivo.*

trouxesse ali sua filha, não quis tê-las mais tempo suspensas; senão (1), estando ambas em sua presença, lhes disse estas palavras:

— Infinitas cousas, senhora mulher e amada filha, se hão oferecido a meu entendimento muitas vezes, encaminhadas tôdas ao remédio de vossas misérias; porêm sómente uma me há parecido conveniente para que vivais em mais descanso que até aqui; e é que o prémio, que teem mandado (2) êstes senhores a quem me puser em suas mãos vivo, se dê a vós-outras. O qual, pôsto que não iguale com a fazenda que me tomaram, ao menos será bastante a suprir vossas necessidades, de sorte que por esta causa não tenha ocasião minha filha de perder sua honra e a nossa. Portanto, Eugénia, é minha vontade que logo vades ao Senado, a pedir a estes senhores o que, segundo seu pregão, se deve a quem me entregar em seu poder, vivo; e eu logo me porei em suas mãos, para que vós, senhora, por êste meio alcanceis o tal prémio, e êles façam

(1) = *antes, pelo contrário.*
(2) = *instituido, decretado.*

de mim o que forem servidos. Que mais (1) quero morrer desta sorte, que não (2) dar ocasião a que em algum tempo se diga que, sendo eu vivo, perdeu minha filha a honra que até agora com tanta diligência hei guardado.

Fizeram estas piedosas palavras no coração da donzela tanta impressão, que se lhe cobriu o rosto de empacho (3) e vergonha; e tanta lhe causaram aquelas palavras, que, começando a chorar amargamente sua desaventura, inclinou os olhos, e não pôde falar palavra; mas a mãe, que qualquer outra cousa imaginava, e não ao que seu marido vinha determinado, entre si se queixava por haver escrito o que escreveu da filha, vendo o mal que daquilo se lhe seguia. E assim, vertendo um rio de lágrimas, respondeu isto:

— Tão minha inimiga e contrária me há-de ser a fortuna, e tão cruéis me hão-de ser meus pecados, que me hão-de forçar a que venha meu marido, para ver regada a

(1) «Que mais» = *porque antes*.

(2) Note-se o emprêgo da negação com sentido afirmativo.

(3) = *embaraço, pejo*.

terra com o seu sangue, vertido por mão de um cruel algoz, e que viva eu com o dinheiro com que me comprarem ! Queria eu, se possível fôsse, com a minha própria vida resgatar a sua; ¡ e pois hei-de eu ser tão desumana, que o entregue para ser afrontosamente morto, para que eu viva ! Não permita o piedoso Céu que tal se faça; antes eu quero morrer, que não dar ocasião que por mim se possa dizer :

— Eugénia entregou a seu marido, que mais que a si amava, só por sustentar sua vida e de seus filhos...

E virando-se para a filha, que ainda não tinha descansado de seu chôro, lhe disse :

— Olha, filha minha, a que estado tão miserável havemos chegado; pois teu piedoso pai, por que nos sustentemos, e tu vivas honradamente, ¡ se quer oferecer voluntáriamente à morte! ¡Dize-me agora se seremos de tão duro coração que o soframos! Não, nem é justo. Antes eu, triste, morra, que tal veja, nem tal suceda. ¿Basta que querêis, meu senhor, morrer por que eu viva? ¡Ai triste de mim! Se finalmente estais determinado a morrer, morramos ambos juntos, e acabem-se de uma vez em nós os trabalhos e a vida!...

E dizendo estas lastimosas palavras, rompidas com soluços e eterno chôro, chegou a deitar os braços pelo colo do seu marido, o qual não lho quis consentir; antes, afastando-se dela, lhe disse:

— Não choreis, amada esposa; nem vós, querida filha; senão (1) disponde-vos a cumprir o que tenho dito; porque, quando não queirais fazê-lo, eu mesmo me irei apresentar aos que tanto me desejam...

Ouvindo isto, começaram mãe e filha, chorando, a dar tão lastimosos gritos, que se ouviam por tôda a rua. Estando elas fazendo estes extremos, sucedeu que, passando por ali acaso o capitão da Guarda, e ouvindo o chôro e vozes que davam, e duvidoso do que seria, subiu pela escada acima; e, batendo à porta, o filho, que mais perto estava, a foi abrir tão súbitamente, que não teve o pai tempo para se esconder.

Entrou o capitão, acompanhado com seus homens de armas e de justiça, com que de ordinário andava; e tanto que viu ali o pobre Sidónio com a mulher de uma parte, e a filha da outra, que, como se fôra morto, o

(1) = *mas, pelo contrário*

estavam tristemente chorando, se maravilhou em extremo que tivesse atrevimento para estar em Veneza, e dentro em sua casa, como se estivera livre, sabendo o perigo que corria em estar em tal parte. E, muito contente por haver de ganhar o prémio, que se devia a quem vivo o entregasse, mandou logo aos seus lhe atassem as mãos atrás para o levarem assim ante o Senado.

Causou esta não cuidada e nova desventura neste pobre homem tamanha dôr, que foi muito não acabar ali logo sua trabalhosa vida, considerando que o trouxe àquela terra sómente o desejo de que com sua morte se aproveitasse a sua família; e que agora havia de ser o proveito do capitão que o levava.

Vendo a mulher ao marido, e a filha ao pai já atado e preso para o levarem à morte, começou-se de novo nelas tão grande pranto, que moveria a piedade e lástima às duras pedras; e como não houvesse ordem de outra cousa (1), rogaram ao capitão que as deixasse ir até o Paço acompanhando-o, por que lá êle delas, e elas dêle fizessem a última e derradeira despedida.

---

(1) = *ordem expressa em contrário.*

Concedeu-lho o piedoso capitão. E assim logo, vestindo-se ambas de umas vestiduras negras mal-compostas, semelhantes ao estado em que iam, se foram atrás dêle, pedindo misericórdia, até diante dos Senadores. Ante os quais, chegado o capitão, disse:

— Êste, que aqui trago preso, magnânimos senhores, é Sidónio, aquele homicida que tanto tempo haveis desejado, para dar-lhe o castigo de seu malefício; aqui vo-lo apresento assim, para que façais executar nêle as penas que as leis dispõem, como para que me mandeis dar o que por pregão público prometestes a quem vo-lo entregasse vivo.

Visto pelos Senadores o miserável estado em que Sidónio havia vindo, comovidos de suas desgraças, lhe preguntaram como fôra tão simples e fora de juízo, que se viera pôr em mãos da morte.

Estava neste tempo o triste tão transportado e fora de si, sem ordem de ouvir palavra, nem respondê-la, que, vendo-o tal sua mulher Eugénia, se apresentou diante do Senado, e com piedoso efeito lhe falou desta maneira:

— Agora ouvireis, poderosos senhores, a

maior desventura que jámais se há ouvido: porque sabereis que êste, que aqui está preso, é meu marido, e pai desta sem-ventura filha; o qual, vendo a triste vida que com a sua ausência tínhamos, e a miséria que passávamos, por causa de nos haverem tomado tôda nossa fazenda, temeroso a que não padecêssemos à fome, e que neste extremo não se perdesse a honra desta filha, antepondo o nosso remédio à sua vida, se veio a Veneza com determinação de que esta triste, que isto conta, viesse a êste Senado acusá-lo; e que, preso, o entregasse, para que dêste modo o interêsse, que estava prometido a quem o entregasse, viesse a nosso poder, para nosso sustentamento e para dote desta filha. E estando eu recusando de fazer tal cousa, êle mandou-me que o fizesse, parecendo-me a mim cousa cruelíssima, e tal, que por ela merecia ficar em aborrecimento à terra e ao Céu. Por esta causa estávamos ambas as duas (1) chorando nossa desventura, pedindo-lhe que se tornasse a ir desta Cidade; e êle, firme em seu propósito, nos persuadia que o

(1) Pleonasmo rústico, ainda hoje corrente.

acusássemos. A êste tempo acertou a passar por ali o capitão, e ouvindo nosso chôro e brados, entrou dentro em casa, e no-lo tirou de entre nossos braços, e trouxe-o aqui à vossa presença atado. Assim que, senhores, ainda que êle queria que eu fôsse a que o entregasse, porque nos ficaria daí algum proveito, a piedade que dêle tivemos foi causa de que o capitão (ai de mim!) vo-lo haja trazido, para que lhe deis a morte. Aqui podereis ver, senhores, a que miserável fim há chegado o piedoso intento que a Veneza trouxe a meu amado esposo, e a compaixão que a nós-outras por tão triste caso nos moveu a chorar. Portanto, magnânimos senhores, se alguma hora vossos olhos hão visto, e vossos ouvidos ouvido causa mais digna de vossa misericórdia que esta; e se os rogos dos afligidos teem lugar em vossos generosos corações, vos rogo que tenhais piedade de nós-outras, e permitais ao menos que por esta vez vença o rigor da justiça, que de tão cruel fim nos ameaça, o valor de vossa clemência, em que consiste o bem de nossa esperança...

Aqui pôs fim a seus piedosos rogos, forçada de abundância de lágrimas, e mal-formados suspiros, que a cansada voz lhe afogavam.

Ficaram os Senadores admirados de ouvir caso tão estranho, parecendo-lhes cousa digna de admiração que Sidónio, condenado à morte, por prover às necessidades de sua mulher e filha viesse a Veneza, para que o pusessem nas mãos da justiça e lhes deixar a elas remédio com que vivessem. E assim como lhes pareceu infinita a piedade dos pais para com os filhos, assim também julgaram por grande cousa o amor de Sidónio para com sua mulher Eugénia. Sôbre o qual entraram todos em consulta, e temperou de sorte em seus nobres ânimos êste piedoso acto o rigor da justiça, que, movidos da compaixão do marido, da mulher e da filha, lhe deram a êle perdão da vida, e fizeram trazer logo ali dois mil cruzados, e os entregaram a Eugénia, dizendo:

— Pois que vós havíeis de ser a que entregásseis a vosso marido, e êle veio a êste fim a Veneza, ainda que se ofereceu o acaso que o impedisse, não obstante isso, queremos fazer convosco o mesmo que fizéramos, se vós própria no-lo entregáreis. Portanto, nossa vontade é que leveis estes dois mil cruzados, para o dote de vossa filha.

E depois disto, virados para Sidónio, lhe disseram:

— E porque a vós, nobre Sidónio, não vos havemos feito perdão da vida só para que vivais, senão para que estejais com vossa mulher e filhos, livre da necessidade e trabalho em que entendemos que até agora vivestes, vos fazemos também mercê dos bens e fazenda que vos foi tomada, com a qual possais viver como homem nobre, em paz e quietação de vosso primeiro estado.

A êste tempo levantou Sidónio os olhos e o espírito, que até então tinha tão derrubado; e dando ao Senado infinitas graças por uma e outra mercê, se desculpou, dizendo que nem desejo, nem vontade de cometer homicídio, fôra causa que ao mercador matasse; senão a fôrça que para isso lhe fizeram as sem-razões e más palavras, que em desonra sua e de sua mulher lhe disse no meio da Praça. Porêm dali por diante pretendia viver tal vida, que merecesse antes prémio de merecimento, que infâmia de castigo.

Levaram muito gôsto aqueles senhores de suas comedidas palavras, e aconselharam-lhe últimamente que assim como o dizia, assim o fizesse.

*

* *

Havendo Sidónio provado em esta forma a misericórdia de tão insignes senhores, e conhecido que as obras de piedade lhes davam muito gôsto, quis intentar (1) também se concediam perdão àquele bom homem que se mostrou com êle tão piedoso, quando em seu poder o teve atado; e a esta causa lhes disse:

— Vendo, ó clementíssimos senhores, ser tanta vossa bondade, quanta hoje por experiència tenho conhecido, me atrevo a rogar-vos humildemente favoreçais um nobre e cortês (2) ânimo, em cuja cortesia de me haver dado a vida, hoje se vos oferece matéria para que acabeis de admirar todo o mundo com vossa clemência.

Deu-lhes logo particular conta de como, tendo-o preso, e podendo-o trazer à morte para seu resgate, quis antes ficar no destêrro que tinha, que banhar suas mãos em

(1) = *tentar*.

(2) *Cortês* e *cortesia*, empregados aqui como sinónimos de *nobre*, *nobreza*; *lial*, *lialdade*

sangue de quem jámais o tinha ofendido; acrescentando a isto que a cortesia, que aquele nobre ânimo com êle tinha usado, lhe parecia sujeito próprio de sua clemência. Pelo que lhes pedia que gostassem de lhe levantar o destêrro, para que, ajuntando mercè a mercê, lhes ficasse perpétuamente obrigado.

Os juízes, que lhes lembrava bem que não era grande o delito, por que aquele homem estava desterrado, e que segundo o tempo em que havia estado no destêrro podia dizer-se que havia passado a maior parte da sua pena; movidos do agradecido ânimo de quem por êle rogava, por que nada houvesse aquele dia em não usassem de sua magnificência, foram contentes de aceitar quanto êle lhes quis pedir, com tanto contentamento e aplauso de tôda a Cidade, que se não podia mais festejar.

Sómente parecia que o capitão não ficava satisfeito, por lhe parecer que, havendo entregado o deliqùente, devia levar êle, e não Eugénia, o prémio. Mas deram-lhe a entender que se enganava, pelas razões já ditas; e assim, pondo-lhe o que por direito lhe vinha pelo haver preso, ficou também como os mais contente. E desta maneira, a cabo

de tantos trabalhos, veio o fiel Sidónio a viver com sua mulher e filhos em alegre vida (pela mercê daquele valoroso Senado) e a dar justo galardão ao amigo que com êle, estando preso e atado, usou de tanta cortesia.

(*Parte Terceira,* Conto IX).

XXII

O PORTUGUÊS EM FLORENÇA

Um Português, ourives da prata e muito bom oficial, chegou à cidade de Florença; e, como homem curioso, andou alguns dias na Terra, notando suas grandezas, em especial as cousas de seu ofício.

Vendo o modo como costumavam fazer suas obras, e querendo ali mostrar suas habilidades, em companhia de outros Portugueses, que sabiam a língua, se foi ao Paço e disse ao Duque:

— Senhor: eu vi que o veador de Vossa Excelência andava entre os ourives, buscando um para lhe fazer um gomil. E todos disseram estavam ocupados em obras que Sua Santidade lhes mandara fazer para dar às igrejas pobres, pelo qual nenhum pode vir, porque o não podiam fazer logo. Eu sou ourives, ainda que forasteiro; e se V. Ex.ª se quiser servir de mim, farei muito bem tudo o que me mandar de meu ofício.

O Duque lhe preguntou, se lhe saberia fazer um gomil de um modo muito galante, conforme a seu intento; e, dando-lhe informação como o queria, o Português lhe disse que sim. E, vendo e notando bem o que o Duque pedia, tirou um carvão que para isso levava, e na parede da casa debuxou um gomil tal, e tão subtilmente feito, que satisfez a vontade do Duque tanto, que logo mandou lhe dessem prata, e casa com ferramenta do ofício, e o mais que fôsse necessário para lhe fazer aquela peça como ali debuxava, e melhor, se melhor o entendesse. O que logo o veador lhe deu, mandando que o agasalhassem na casa do ourives de S. Ex.ª, que com boa vontade o agasalhou.

Ali fêz o gomil, pela traça e da maneira que o Duque lhe mandou, e tal como já o debuxara, e outras peças de menos qualidade, que o Veador pediu lhe fizesse; e, tudo perfeito e bem acabado, o levou diante de S. Ex.ª, que, quando viu a obra, se contentou em extremo, que na verdade ela estava tal que não havia mais que desejar. E o Duque, vendo-o, lhe disse:

— Está muito bom!

Do que o Português ficou ledo e contente,

e lhe beijou as mãos pela mercê. E o Duque lhe preguntou quanto lhe havia de dar pelo feitio.

Ao qual o Português respondeu:

— Certo, Senhor, assaz paga era para mim o gôsto que tenho em haver acertado a servir a V. Ex.ª à sua vontade; mas, porque para as necessidades da vida tudo é necessário, mande-me V. Ex.ª dar duzentos cruzados.

O Duque pediu um cofre, e lhos contou em ouro, e lhos deu, e disse:

— Tomai, que isto e mais mereceis, pois me acabastes a obra a meu gôsto, e ao tempo que ma prometestes dar acabada.

E tirou mais dous cruzados e lhos deu, dizendo:

— Comprai por estes uma capa.

A êste tempo chegou o veador, que havia pesado o gomil e, feita a conta da prata que para êle lhe dera, lhe disse que faltavam da prata quási dous marcos, e que lhos haviam de descontar. Ao que o Duque acudiu:

— Não faz ao caso, que mais, ou tanto haverá êle feito de falhas nesta peça. Eu lhe perdôo o que deve, e mando que lhe paguem o mais que fêz à sua vontade.

O que tudo se cumpriu logo.

O Português beijou as mãos de Sua Ex.ª.

e se foi despedindo dêle muito ledo, e como homem contente se ia rindo; mas o Duque, que o viu rir, parecendo-lhe que zombava dêle de pródigo, pela liberalidade que usara no pagamento da obra, ainda que êle o merecia, o mandou tornar a vir ante si, e lhe preguntou de que se ria. E o Português lhe respondeu:

— Ria-me, senhor, dos ourives de Florença, que, quando me viam estar trabalhando nesta peça, todos me diziam que perdia o tempo que gastava nela; e que êles não queriam servir a V. Ex.ª, porque tudo o que lhe faziam era pago tarde e mal, e que assim havia de pagar a mim o que lhe estava fazendo. E eu achei o contrário, porque V. Ex.ª me deu logo tudo quanto lhe eu pedi, e além disso me fêz mercês avantajadas, que tôda minha vida o servirei.

E assim o afirmou com juramento, dizendo que se ria dos que não aceitaram servi-lo, e perderam por isso o muito que êle ganhou.

O Duque se houve por satisfeito da resposta e lhe disse:

— Agora quero que saibais que os ourives vos disseram verdade; que eu lhes pago assim, e pior do que êles disseram; mas é

a causa que, se lhes mando fazer alguma peça, a fazem tão tarde e tão mal, que quando ma trazem, já me não lembra que era o que lhes mandei fazer. E assim, não tenho gôsto de suas obras, que tôdas são feitas à sua vontade, e não à minha. Justo é que, pois me servem quando e como querem, sofram a paga como e quando eu quiser, para que se façam ambas as vontades. Mas vós, que me servistes como eu queria, e à minha vontade, foi necessário que eu vos pagasse à vossa, e como quisésseis, para que se fizessem as vontades ambas: que ao servo mau convêm punição, e ao bom, bom galardão.

E lhe disse mais que se quisesse assentar (1) na Cidade, que sempre o favoreceria para lhe fazer mercês.

O ourives lhe beijou as mãos mil vezes, e o soube bem servir, em-quanto viveu na terra.

Neste pequeno conto, que é o remate desta nossa terceira parte, podemos tomar

---

(1) *Se quisesse assentar na Cidade* = se resolvesse estabelecer-se na Cidade.

exemplo como devemos servir a Deus Nosso Senhor, guardando seus preceitos e mandamentos à sua vontade, confiando que Êle, muito melhor que o Duque, terá cuidado de nos pagar à nossa vontade, perdoando-nos os pecados, como o Duque perdoou as faltas do ourives, e muito melhor, dando-nos aqui sua Graça, para nos arrependermos e fazermos penitência de tôdas nossas culpas. E sôbre tudo nos dará depois a paga da Glória, para a gozarmos para sempre sem fim. *Amen.*

(*Parte Terceira,* Conto X).

FIM

ÍNDICE

Introdução

Histórias de Proveito e Exemplo

GONÇALO TRANCOSO

TRANSCRIÇÕES